

A Aliança de
Gogue e Magogue
no Fim dos Tempos

Israel, Rússia e Síria na
Profecia da Bíblia

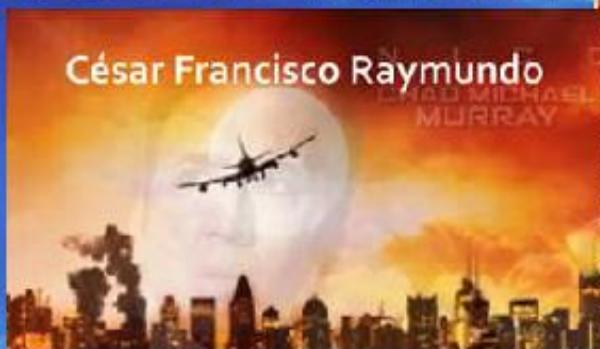


César Francisco Raymundo

O últimos dias como você nunca ouviu falar!

César Francisco Raymundo

ANDREW MICHAEL
MURRAY



DEIXADOS PARA TRÁS

Separando a Ficção
da Realidade

Revista Cristã
Última Chamada

- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo

www.
revistacrista
.org

A Aliança de **Gogue e Magogue** no Fim dos Tempos

**Israel, Rússia e Síria na
Profecia da Bíblia**

César Francisco Raymundo

— Revista Cristã —
Última Chamada

- Edição de Setembro de 2020 -

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

A Aliança de **Gogue e Magogue** no Fim dos Tempos
- *Israel, Rússia e Síria na Profecia da Bíblia* -

Autor: César Francisco Raymundo

Revista Cristã Última Chamada
Coleção Paráfrases
- Edição de Setembro de 2020 –

Capa: César Francisco Raymundo

Paráfrase criativa do livro:

The Gog and Magog End-Time Alliance
Israel, Russia, and Syria in Bible Prophecy
By Gary DeMar

Revista Cristã Última Chamada publicada
com a devida autorização e com todos os
direitos reservados no Escritório de Direitos
Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de
Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor
César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br
Site: www.revistacrista.org

Setembro de 2020
Londrina - Paraná

Índice

	Sobre o autor	07
	Prefácio	08
1	A Interpretação Literal da Bíblia	09
2	O Real Resgate de Israel	20
3	A Rússia é mencionada na Bíblia?	36
4	O Extremo Norte, os Últimos Anos e Todas as Nações	51
5	Rôs entre os comentaristas	65
6	Escatologia de Baixa Tecnologia	79
7	Objecções e Respostas	91
	Conclusão	107
	Bibliografia geral	112
	Obras Importantes para Pesquisa	142

Sobre o autor



César Francisco Raymundo nasceu em 02/05/1976 na cidade de Londrina - Estado do Paraná. De origem católica, encontrou-se com Cristo aos treze anos de idade. Na década de noventa passou a ser membro da igreja Presbiteriana do Brasil daquela cidade. Tem desenvolvido diversos trabalhos entre eles livros, folhetos e revistas visando a divulgação da Boa Nova da Salvação em Cristo para o público em geral. Atualmente, se dedica intensamente ao estudo, especialização, divulgação e produção de material didático a respeito do Preterismo Parcial e Pós-milenismo, para que tal mensagem seja conhecida como um caminho verdadeiramente alternativo contra a escatologia falsa e pessimista que recebemos por tradição em nossas igrejas.

Prefácio

Os textos de Ezequiel capítulos 38 e 39 nos mostram uma famosa profecia sobre a temida guerra de Gogue e Magogue que acontece no “fim dos tempos”. Todos aqueles que se dedicam a estudar as profecias bíblicas, já se depararam com esses dois capítulos proféticos. Esse tema é um dos poucos textos que trazem bastante dificuldades a todas as escolas escatológicas. Há muitos autores que tentam argumentar que os eventos previstos em Ezequiel 38 e 39 estão para acontecer no presente momento, principalmente por causa das tensões que estão ocorrendo entre os EUA e o IRÃ, no exato momento da escrita deste e-book, mas esses autores encontram sérios problemas exegéticos e teológicos. A dificuldade não é uma exceção para os que defendem a escola preterista. No entanto, neste e-book, o autor lança luz nova sobre essas porções escuras das Escrituras que não prejudicará ninguém e pode beneficiar a todos.

Mateus Fonseca
Editor do blog
Arquivo Preterista

1

A Interpretação Literal da Bíblia

Ao escrever em 1951, M. R. DeHaan disse que o “sinal de Gogue e Magogue” é um dos “três sinais mais marcantes da história da vinda de Cristo”.¹ Lamentavelmente, DeHaan não está sozinho nessa ideia. É certo que quase todos os livros sobre escatologia publicados atualmente apontam para Gogue e Magogue como evidência de que estamos vivendo nos últimos dias da humanidade, a qual estaria a véspera da destruição. Os textos de Ezequiel capítulos 38 e 39 estão sendo usados pelos atuais intérpretes da profecia bíblica como um modelo profético para o nosso tempo. Veremos neste e-book que esses mesmos intérpretes da profecia bíblica quase nunca dizem a seus leitores que a história presenciou várias previsões fracassadas com base nesses dois capítulos de Ezequiel e de outros textos proféticos da Bíblia.

Embora seja perigoso viver neste mundo, isso não significa que nos capítulos 38 e 39 de Ezequiel temos a previsão de eventos proféticos que aconteceriam 2600 anos depois do tempo do profeta. Como espero demonstrar aqui, a profecia de Ezequiel teve cumprimento num tempo mais perto do profeta. Basicamente, o cumprimento da profecia de Ezequiel 38-39 demonstra às “nações” da época que “a casa de Israel exilou-se por sua iniquidade porque agiu com traição contra” Deus (Ezequiel 39:23; cp. 38:23). Ezequiel descreve que essas nações são como os “adversários” de Israel (Ezequiel 39:23). Se aplicarmos a profecia de Ezequiel 38 e 39 como sendo uma referência as nações

modernas, estaremos na contramão do contexto histórico do autor original. As nações de hoje não tiveram parte no exílio de Israel há 2600 anos.

A profecia dada a Ezequiel tem as seguintes instruções:

“Filho do homem, dirige o teu rosto contra Gogue, terra de Magogue, príncipe e chefe de Meseque, e Tubal, e profetiza contra ele”.

(Ezequiel 38:2)

Perguntas devem ser levantadas: *Quem é Gogue e o que é a terra de Magogue?* A interpretação que se tornou mais popular é que Gogue seria a extinta União Soviética (ou a Rússia moderna). Em relação a Magogue, podemos ver na Bíblia que trata-se de um grupo de pessoas que aparece pela primeira vez em Gênesis 10:2, e os atuais intérpretes acreditam que será uma aliança de nações que se juntam à Rússia em uma invasão a Israel que será fracassada por Deus no final dos tempos. Adicionado a isto, supostamente haverá um líder dessa confederação, o qual é chamado de o “príncipe de Rôts”, ou líder da Rússia.

Carl Johnson, no ano de 1972, escreveu o livro *Prophecy Made Plain for Times Like These*, incluindo uma citação longa de uma mensagem de Jack Van Impe no Templo Batista de Canton em Canton, Ohio, em algum momento de 1969. A semelhança daqueles que dizem serem especialistas em profecia bíblica, Van Impe defendeu uma guerra iminente com a Rússia em o que os jornais de 1969 estavam divulgando. Tal guerra parecia estar tão perto que parecia que o cenário estava sendo montado para uma Terceira Guerra a qualquer momento”.

Quando um presidente falou, o mundo ouviu

Na década de 1970, a política e a aliança Gogue e Magogue eram argumentos na pauta de discussões, quando a Guerra Fria estava em

alta. O fato de que o urso russo estava com os dentes de fora naquele tempo foi a mola propulsora para explicar sua agressão em termos de profecia bíblica. Em uma refeição solene ocorrida no ano de 1971 para o senador James Mills, do Estado da Califórnia, quando o então governador daquele Estado era Ronald Reagan (1911–2004), houve o seguimento de um roteiro profético. Baseados em livros especializados em profecia bíblica, os quais eram populares naquela época, tendo como destaque *A Agonia do Grande Grande Planeta Terra* de Hal Lindsey (1970) que incluía um capítulo com o título “A Rússia é um Gogue”, Reagan disse:

“No capítulo 38 de Ezequiel, diz que a terra de Israel será atacada pelos exércitos das nações ímpias, e diz que a Líbia estará entre eles. Você entende o significado disso? A Líbia agora se tornou comunista, e isso é um sinal de que o dia do Armagedom não está longe. Estudiosos bíblicos vêm dizendo há gerações que Gogue deve ser a Rússia. Que outra nação poderosa fica ao norte de Israel? Nenhuma. Mas não parecia fazer sentido antes da revolução russa, quando o país Rússia era cristão. Agora sim, agora que a Rússia se tornou comunista e atéia, agora que a Rússia se opôs Deus. Agora, ela se encaixa perfeitamente na descrição de Gogue pela primeira vez, tudo está pronto para a batalha do Armagedom e a Segunda Vinda de Cristo. Não pode demorar muito agora. Ezequiel diz que fogo e enxôfre irão chover sobre os inimigos do povo de Deus. Isso deve significar que eles serão destruídos por armas nucleares”.

Naquela época, para os “especialistas” em profecia bíblica, pensava-se que “fazia sentido”. Assim como Ronald Reagan, eles aplicaram a profecia ao inimigo principal daquele tempo, proclamando que Gogue estava prestes a guerrear. Os intérpretes daquela época usaram Ezequiel 38-39 repetidas vezes e com tanta frequência que, para os escritores de profecia de nossos dias, essa interpretação é um princípio inquestionável da ortodoxia profética – mais ou menos semelhante como crer na divindade de Jesus. Os conselheiros de Reagan ficavam nervosos toda vez que ele abordava o assunto e, isto não impedia o

futuro presidente de trazer a tona o assunto da profecia quando ele estava diante de uma audiência favorável.

Um escritor/intérprete do fim dos tempos, chamado Rhodes, descreve o interesse e o entusiasmo de Reagan em abordar questões proféticas, especialmente os textos de Ezequiel 38 e 39:

“Reagan era um grande fã do profeta bíblico Ezequiel. De fato, Ezequiel era o livro de profecia favorito de Reagan. Como muitos outros cristãos, Reagan acreditava que o feroz profeta do Antigo Testamento predisse que Deus um dia reuniria os filhos de Israel que foram espalhados entre as nações gentias de volta à terra prometida. Ele também acreditava, baseado em sua leitura de Ezequiel 38 e 39, que a Rússia ateuista - junto com várias nações árabes do Oriente Médio - um dia iria liderar uma invasão a Israel a partir do norte e que Deus interviria e destruiria completamente essa coalizão militar. Ele entendeu que nem tudo havia se encaixado precisamente no lugar, mas acreditava que o palco estava sendo definido para o cumprimento das profecias do fim dos tempos. Reagan acreditava que ele iria até testemunhar a segunda vinda de Jesus Cristo em seu próprio tempo de vida”.

Reagan era conhecedor de seu público, pois sabia que os cristãos evangélicos compunham uma grande porcentagem de sua base, conhecia suas tendências teológicas em matéria de escatologia e a preocupação de que a União Soviética exportasse o comunismo ateu em todo o mundo. E seu compromisso era com a segurança de Israel. Essas tendências interpretativas foram um sinal de vantagens para Reagan, quando ele concorria para presidente em 1980 contra Jimmy Carter, sendo este último mais apaixonado por teólogos liberais e neo-ortodoxos.

Certa vez, Reagan disse para o falecido Jerry Falwell que acreditava que “estamos nos aproximando do Armagedom... Talvez não na minha vida ou na sua, mas em um futuro próximo”.

Ainda à direita na esquina

O intérprete da profecia Bíblica Ed Hindson, co-autor com Tim LaHaye do livro *Global Warning* [Aquecimento Global] em 2007, confirma a importância da especulação profética moderna sobre Gogue e Magogue. Ele disse que “sem dúvida, esses dois capítulos oferecem as informações bíblicas mais detalhadas da profecia delineando uma guerra futura. É também a indicação mais oportuna de que estamos vivendo no mesmo período em que a Bíblia fala pouco antes do retorno de Cristo”. Hindson nutre a certeza de que o cumprimento desse capítulo profético de Ezequiel se refere a um “próximo ataque a Israel... [que] poderia ser ao virar da esquina”.

Quando ocorreu a invasão da Geórgia pela Rússia em agosto de 2008, os teóricos-intérpretes da aliança Gogue-Magogue voltaram a reforçar suas crenças. O escritor e intérprete da profecia bíblica, Hal Lindsey, disse que uma invasão liderada pela Rússia ocorreria antes de 1988. Ele escreveu que “aliança de nações liderada pela Rússia varrerá repentinamente sobre Israel em uma invasão surpresa que evoca apenas uma fraca resposta diplomática do Ocidente”. Em outro artigo, ele escreveu que “o primeiro dominó já foi adiado. Agora, é apenas uma questão de tempo até que o resto comece a cair. Em outra ocasião, Lindsey argumentou que “vinte e cinco séculos atrás, o profeta hebreu Ezequiel previu o surgimento de uma vasta aliança islâmica liderada pela Rússia criptograficamente chamado de “Gogue e Magogue”. Se é uma profecia enigmática, devemos nos perguntar como Lindsey sabe que Ezequiel estava se referindo à Rússia, Irã e outros países modernos, uma vez que claramente nenhum deles são mencionados em algum lugar da profecia de Ezequiel? Os intérpretes modernos têm a obrigação de provar que essas afirmações estejam corretas.

Em livros sobre profecia escritos anteriormente, muitos ligavam a Rússia a nações europeias. No entanto, essa interpretação agora mudou, pois a Síria, Irã, Iraque e Turquia é que montam um ataque agressivo a Israel. Timothy J. Dailey escreveu em *The Gathering Storm* [A Tempestade de Recolhimento] que uma “invasão liderada pela

Rússia no Oriente Médio” é “tão comumente um quase dado adquirido... Tão arraigada é essa teoria que os livros sobre a profecia bíblica assumiram rotineiramente ao longo dos anos de que não há dúvidas sobre isso”. Sem discutir as evidências, por exemplo, John F. Walvoord simplesmente conclui que a profecia de Ezequiel 38 e 39 “só poderia se referir ao que hoje conhecemos como Rússia”. Quais são as evidências disso? A teoria da invasão russa repousa sobre fundações escassas.

Uma história de interpretação

Chuck Missler escreveu em seu livro *Prophecy 20/20* [Profecia 20/20] que “o aparente uso de armas nucleares fez essa passagem parecer notavelmente oportuna, e alguns suspeitam que possa estar no nosso horizonte”. Muitos intérpretes da profecia bíblica fizeram pronunciamentos semelhantes a esse sem a referência ao uso de “armas nucleares”. O argumento mais recente usado para referir-se a desculpa das nações modernas invadirem Israel é que Israel está sentado em cima de muito petróleo. Qualquer pessoa que fizer uma leitura cuidadosa de Ezequiel 38 e 39 verá que não há sequer uma referência direta ou indireta sobre armas nucleares ou mesmo petróleo.

O que esses novos argumentos nos mostram é que como sempre acontece no mundo das especulações proféticas, são os eventos atuais e as últimas notícias dos jornais que estão guiando os intérpretes, ao invés das Escrituras serem o guia. Antes de começarmos nosso estudo detalhado sobre Ezequiel 38 e 39, será útil identificar algumas das interpretações mais populares sobre o tema Gogue e Magogue. Muitos dos meus leitores ficarão surpresos que a teoria da aliança Gogue Magogue não seja a única que tenha apoio entre estudiosos e comentaristas evangélicos.

Thomas L. Constable lista sete visões populares:

1. A invasão é apenas um símbolo das tentativas das forças do mal para vencer o povo de Deus.

2. Isso ocorrerá antes da Tribulação, antes ou no tempo do arrebatamento ou logo após.
3. Isso acontecerá durante a tribulação (cf. Daniel 11:40–41; Apocalipse 14:14–20).
4. Será realizado no final dos sete anos da Tribulação (a batalha do Armagedom; cf. Zacarias 12; 14:1–4; Apocalipse 19:11–21).
5. Isso acontecerá entre o final da tribulação e o começo do Milênio.
6. Isso acontecerá no início do milênio.
7. Isso ocorrerá no final do milênio.

(The Gog and Magog End-Time Alliance - Israel, Russia, and Syria in Bible Prophecy - pg. 46. American Vision Press - Powder Springs, Georgia. Copyright © 2016 by Gary DeMar).

Além dos itens mencionados acima, há também uma longa interpretação que entende que a profecia de Gogue e Magogue é uma batalha travada por povos antigos por volta do século II a.C. William Hendriksen é um bom intérprete dessa visão:

“A expressão “Gogue e Magogue” [em Apocalipse 20:8] é emprestada do livro de Ezequiel [38:2]... Agora, em Ezequiel, o termo indubitavelmente indica o poder dos Seleucidas, especialmente como foi revelado nos dias de Antíoco Epifanes, o amargo inimigo dos judeus. O centro do seu reino era localizado no norte da Síria. Os Seleucidas estabeleceram sua residência lá na cidade de Antioquia, no Orontes. Ao leste, seu território se estendia além do Tigre. Para o norte o domínio sobre o qual os Seleucidas empunhavam o cetro incluiu Meseque e Tubal, distritos na Ásia Menor. Conseqüentemente, Gogue era o príncipe de Magogue, isto é, a Síria. Portanto, a opressão do povo de Deus por “Gogue e Magogue” refere-se, em Ezequiel, à terrível perseguição sob Antíoco Epifanes, governante da Síria”.

A interpretação de Hendriksen nos diz que a batalha foi travada literalmente com as armas descritas por Ezequiel. Embora seja interessante a interpretação acima, é verdade que Antíoco era um

governante maligno que perseguiu os judeus, mas não temos indicação de que suas ações foram nos níveis dos detalhes de Ezequiel 38 e 39.

Uma outra interpretação mais recente diz que Gogue e Magogue descrito em Ezequiel 38-39 seria a batalha de Apocalipse 20:7-10, quando Roma e seus exércitos destruíram Israel, Jerusalém e seu Templo no ano 70 d.C. Esta interpretação torna-se de difícil compreensão uma vez que os 1000 anos simbólicos de Apocalipse 20:4 teria que estar inserido no período de 40 anos, entre os anos 30 a 70 d.C. Em um segundo plano, temos o problema do resgate de Israel - não seu julgamento - é o que está em foco na profecia de Ezequiel. A destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. foi um julgamento divino contra o povo de Israel por ter rejeitado ao seu Messias, e não um resgate.

Aqueles que dizem que a profecia de Ezequiel 38-39 ocorre perto do final do Milênio mencionado em Apocalipse 20:7-10, aplicando-a à igreja e às forças de mal, em vez de aplicá-la a uma batalha real, têm o problema de que o uso que João faz das imagens de Gogue e Magogue são simbólicas, semelhantes as usadas em relação a Babilônia (Apocalipse 14:8; 16:19; 17:5; 18:2, 10, 21), Egito (Apocalipse 11:8), Sodoma (11:8) e Jezabel (Apocalipse 2:20).

Outros intérpretes da profecia tentaram encontrar satisfação em eventos de seu tempo. Por exemplo, nos séculos IV e V, alguns opinaram que Gogue e Magogue se referia aos godos e mouros. No século VII, eram os hunos. Quando no oitavo século, o império islâmico estava ficando famoso, acabou sendo um candidato lógico para a realização da profecia de Ezequiel. E foi no século X que os húngaros substituíram o Islã como candidato a Gogue. No décimo sexto século, alguns interpretaram que os turcos e sarracenos se encaixavam no cumprimento de Gogue e Magogue (com o papado adicionado para queimar mais ainda a lenha da especulação profética). O século XVII também não escapou da interpretação profética de Gogue e Magogue, pois Espanha e Roma foram interpretados como os vilões do fim dos tempos.

Já em meados do século XIX, temos na figura de Napoleão como sendo Gogue liderando as forças de Magogue. Os comunistas foram

durante a maior parte do século XX acusados de serem Gogue, pois a Rússia, por causa de seu poderio militar e seu ateísmo como visão de mundo, bem como o fato de ficar ao “extremo norte” de Israel, se “encaixava” perfeitamente na profecia de Ezequiel 38-39. Resumindo tudo o que foi dito historicamente até agora sobre os supostos candidatos a Gogue, vemos que as manchetes dos jornais influenciam na mudança das interpretações da profecia bíblica conforme o clima político do momento.

É fato que há um fracasso histórico repetido na interpretação de Ezequiel 38 e 39 e, isto, é a principal evidência de que os intérpretes modernos da Bíblia não estão interpretando o futuro da humanidade através das Escritura, mas através da escatologia de jornal. Este tipo de escatologia vive em constante mudança nos dias de hoje. É justamente por isso que os livros revisados sobre a interpretação das profecias bíblicas continuam sendo publicados.

Procurando caças a jatos em um mundo antigo

Fazer com que Ezequiel 38 e 39 se ajuste às realidades militares de nossos dias modernos é uma tarefa que exige muita ginástica interpretativa, pois temos em nossos dias caças a jato tecnologicamente avançados, mísseis e armas atômicas. Os dispensacionalistas afirmam interpretar a Bíblia literalmente e, por isto, têm um problema em suas mãos. Só para citar um exemplo, se o escritor intérprete da profecia, Tim LaHaye, tiver bom senso e for fiel à sua ideia de literalismo, ele deve explicar o ataque russo a Israel retratado em Ezequiel com as armas ali descritas. O profeta Ezequiel ao referir-se a batalha de Gogue não fala de armamento moderno, muito pelo contrário, temos armas como arcos e flechas, carros e cavalos, conforme era usada no tempo do profeta.

O escritor David L. Cooper em seu livro intitulado *When Gog's Armies Meet the Almighty in the Land of Israel* [Quando os exércitos de Gogue

encontram o Todo-Poderoso na terra de Israel], observou que Lahaye não aplica seu literalismo na interpretação das armas descritas por Ezequiel. Lahaye escreveu que Ezequiel teve que falar das futuras armas de guerra nos termos com os quais seus primeiros ouvintes poderiam entender. Ao invés de falar de aviões ou metralhadoras, o profeta obrigatoriamente teria que falar em termos conhecidos e Deus assim quis que o profeta mostrasse. O problema é que Deus não escolheu falar na linguagem moderna porque Ele não tinha uma batalha distante no futuro em vista. O profeta recebeu de Deus a revelação de uma batalha travada com armas antigas porque tinha uma batalha antiga em vista, a qual ocorreria no futuro próximo a Ezequiel.

Se na profecia de Ezequiel tivesse sido usado termos e descrições de armas modernas, nada familiares aos leitores da época de Ezequiel, tais leitores não teriam dúvidas de que a profecia não era para o tempo deles. É óbvio que os primeiros leitores de Ezequiel imaginaram a batalha de Gogue sendo travada nos moldes como Ezequiel a descreveu, com as armas representadas nessa profecia. O sentido teria sido claro para eles. Não há como fugir para outro caminho em torno dessa verdade tão simples. Os primeiros leitores do profeta Ezequiel reconheceram os cavalos, arcos e flechas, dardos, escudos e carros de guerra como sendo armas que haviam sido usadas em outras batalhas anteriores. Não há absolutamente um bom motivo para entender a batalha de Ezequiel 38-39 de outra maneira que não seja o que Deus lhe revelou.

A Bíblia é o melhor intérprete de si mesmo

A solução interpretativa para a interpretação de Ezequiel 38 e 39 só pode ser encontrada nas páginas das Escrituras. Não podemos fugir do fato de que o Espírito de Deus revelou para o profeta Ezequiel uma profecia que seria muito bem entendida pelos seus primeiros leitores. Os primeiros leitores da profecia de Ezequiel leram e ouviram nomes

que lhes eram familiares, os quais são mencionados em outras partes das Escrituras. Para eles não houve necessidade de se ter um conhecimento erudito das línguas antigas. Em sua simplicidade, esses primeiros leitores puderam compreender os elementos básicos da profecia se eles tivessem apenas um conhecimento das Escrituras Sagradas. A mesma verdade pode ser aplicada para o estudante moderno da Bíblia. Considero que o estudo do idioma original da Bíblia, gramática, contexto, público e autor são todos muito importantes para uma boa interpretação bíblica, mas esses princípios só adquirem significado quando comparados com outras passagens das Escrituras. Os escritores da Bíblia não escreveram nada a esmo. Eles escreveram tendo como pano de fundo o que foi escrito antes, e no caso dos livros proféticos, do que estava por vir. Para sabermos o que uma palavra, frase ou termo significa em uma passagem da Escritura, precisaremos encontrar outras passagens que usam a mesma palavra, frase ou termo. Isto não é algo que seja simples, mas é o melhor lugar para começarmos ao invés de nos entregarmos a especulação profética. Sendo a Bíblia um livro com uma mensagem unificada, temos nela o melhor intérprete de si mesma.

2

O Real Resgate de Israel

“O anti-semitismo florescerá e Israel experimentará seu último Holocausto”.¹ Esta é a conclusão do escritor de profecias Jack Van Impe. Sua interpretação da profecia bíblica é seguida pela maioria dos intérpretes de nosso tempo. Segundo a interpretação de Van Impe, Tim LaHaye, Ron Rhodes, Mark Hitchcock e uma longa lista de outros intérpretes proféticos, a nação de Israel será resgatada de uma invasão islâmica apenas mais tarde para ser quase destruída no que Charles Ryrie chama de “o maior banho de sangue de Israel”.² Todavia, uma leitura cuidadosa do livro de Ezequiel nos diz que não há previsão de um holocausto após esse resgate do povo de Deus.

Uma vez que a batalha descrita na profecia de Ezequiel 38 e 39 não se refere a nações modernas que atacarão Israel, podemos nos perguntar: *Quando e onde na história bíblica essa profecia se cumpriu?* É frequentemente dito que não há na história um evento que corresponda aos detalhes da profecia de Ezequiel 38-39 e, por isto, os intérpretes supõem que a invasão ainda deve estar em nosso futuro. Na contramão desses intérpretes modernos, em vez de focalizar no futuro distante da humanidade, ou procurar em um cenário histórico fora da Bíblia, onde dependeríamos de fontes seculares não confiáveis para interpretar, James B. Jordan acredita que “é no [livro de] Ester que nós vamos ver uma conspiração para saquear os judeus, que sai pela culatra com o resultado que os judeus saquearam seus inimigos. Este evento é cerimonialmente selado com a instituição da Festa anual

de Purim”.³ Jordan assim estabelece o contexto para interpretar Ezequiel 38 e 39:

“Ezequiel descreve o ataque de Gogue, príncipe de Magogue, e seus confederados. Ezequiel afirma que pessoas de todo o mundo ataca o povo de Deus, que é retratado morando em paz na terra. No entanto, o povo de Deus os derrotará completamente e os despojos serão imensos. O resultado é que todas as nações verão a vitória e “a casa de Israel verá e saberá que eu sou o Senhor seu Deus a partir daquele dia” (Ezequiel 39:21–23).

Cronologicamente, tudo isso se encaixa muito bem. Os eventos de Ester ocorreram durante o reinado de Dario, após a reconstrução inicial do templo sob Josué [o Sumo Sacerdote] e Zorobabel e pouco antes da reconstrução das muralhas de Neemias. Assim, a hipótese interpretativa que estou sugerindo (até que alguém a contradiga) é essa: Ezequiel 34–37 descreve o primeiro retorno dos exilados sob Zorobabel,⁴ e implica a reconstrução inicial do templo físico. Ezequiel 38–39 descreve o ataque de Gogue (Hamã) e seus confederados contra os judeus”.⁵

Os versículos 5-6 de Ezequiel capítulo 38 nos dizem que os inimigos de Israel vêm dos “Persas, etíopes, e ...do extremo norte”, exatamente tudo dentro dos limites do território do Império Persa dos dias da rainha Ester. O livro de Ester mostra que o Império Persa se estendia da “Úndia até Etiópia, cento e vinte e sete províncias” (Ester 8:9). A Etiópia – as vezes traduzida como Cuxe - e a Pérsia estão listadas em Ester 1:1, 3 e Ezequiel 38:5. As outras nações descritas foram estabelecidas nos limites geográficos da “Úndia até Etiópia” nas “cento e vinte e sete províncias” sobre as quais o rei Assuero tinha domínio (Ester 1:1). “Em outras palavras, a ideia explícita é que os judeus foram atacados por pessoas de todas as províncias da Pérsia em ambas as passagens”⁶ e as nações listadas por Ezequiel faziam parte do império persa daquele tempo. Os paralelos dos textos de Ester e Ezequiel são nitidamente percebidos. O que Ezequiel disse sobre o cumprimento da profecia ocorrer em um momento em que há “aldeias não muradas”

(Ezequiel 38:11) seria uma clara indicação de que o profeta estava falando de um futuro distante? Sobre isto Grant Jeffrey argumenta:

“É interessante notar que durante a vida de Ezequiel e até 1900, praticamente todas as aldeias e cidades no Oriente Médio tinham muros para defesa. Ezequiel nunca tinha visto uma vila ou cidade sem muralhas defensivas. No entanto, em nossos dias, Israel é uma “terra de aldeias não muradas” pela simples razão que técnicas modernas de guerra (bombas e mísseis) tornam os muros da cidade irrelevantes para a defesa. Esta é mais uma indicação que sua profecia se refere à nossa geração moderna.

* * * * *

A referência de Ezequiel a “habitar em segurança” e “sem paredes... nem barras nem portões” refere-se precisamente à corrente situação militar de Israel, onde o mesmo está morando com segurança por causa de sua forte defesa armada e onde suas cidades e aldeias não tem paredes ou barras defensivas. O profeta nunca tinha visto uma cidade sem muros, então ele ficou surpreso ao ver, em uma visão, Israel morando no futuro sem paredes. Ezequiel viveu em uma época em que todas as cidades do mundo usavam enormes muralhas para defesa militar”.⁷

Essas afirmações de Jeffrey estão erradas. Na antiguidade havia judeus que estavam vivendo em relativa paz⁸ em “cidades não muradas” (Ester 9:19, King James Version) ou “aldeias abertas”, conforme a Almeida Revista e Atualizada. Hamã havia conspirado contra esses judeus. Em paralelo a isso, temos em Ezequiel 38:11 que os inimigos de Israel iriam “subir contra a terra das aldeias não muradas”. No hebraico a palavra *perazah* é usada tanto no texto de Ester 9:19 como em Ezequiel 38:11.9. É bem provável que há a possibilidade de que Deus não queria que os exilados que retornavam construíssem muralhas antes da conclusão do templo para lembrá-los de que Ele era seu muro e protetor, conforme Zacarias 2:4:

“E disse-lhe: Corre, fala a este jovem, dizendo: Jerusalém será habitada como as aldeias sem muros, por causa da multidão dos homens e dos animais que haverá nela”.

As condições descritas acima se encaixam com a descrição dos eventos do livro de Ester. Havia nos inimigos de Israel o desejo de impedir a reconstrução dos judeus recém-retornados a cidade de Jerusalém. Logo no início do “reinado de Assuero” eles “escreveram uma acusação contra os habitantes de Judá e de Jerusalém” (Esdras 4:6). Na declaração feita na acusação dizia que os judeus que haviam retornado a Jerusalém estavam reedificando “aquela rebelde e malvada cidade, e vão restaurando os seus muros, e reparando os seus fundamentos” (Esdras 4:12). Os inimigos dos judeus pediram uma pesquisa do “livro das crônicas” que mostraria ao rei que “aquela foi uma cidade rebelde, e danosa aos reis e províncias, e que nela houve rebelião em tempos antigos; por isso foi aquela cidade destruída” (Esdras 4:15). A referência sobre a restauração dos muros foi usada porque subentende uma ameaça militar futura por parte da nação de Israel. Esses eventos podem explicar por que Hamã foi ouvido pelo rei Assuero, como também mostram que a cidade de Jerusalém não tinha muros, fato este que se encaixa na descrição profética do período descrito em Ezequiel 38:11 e do histórico cumprimento em Ester 9:19. Portanto, Jeffrey está errado ao afirmar que “Ezequiel nunca tinha visto uma vila ou cidade sem muralhas defensivas”, caso esse que parecia bastante comum.

No texto de Jeremias 49:28-32 se diz que o rei Nabucodonosor feriu os reinos de Quedar e Hazor. É digno de nota que o linguajar é quase idêntico ao de Ezequiel 38:8-13, demonstrando claramente que tanto Ezequiel, como Jeremias, estavam descrevendo as condições tais como eram em seus dias:

“Fugi, desviai-vos para muito longe, buscai profundezas para habitar, ó moradores de Hazor, diz o SENHOR; porque Nabucodonosor, rei de babilônia, tomou conselho contra vós, e formou um desígnio contra vós [Ester 8:3; 9:25]”.

Levantai-vos, subi contra uma nação tranqüila, que habita confiadamente, diz o Senhor, que não tem portas, nem ferrolhos; habitam sós.

(Jeremias 49:30,31)

Além disso, é falso o argumento de Jeffrey de que o Israel moderno está “morando em segurança por causa de sua forte defesa armada”. Isto é evidente quando vemos que desde o ano de 2006, o governo israelense construiu mais de 435 quilômetros de muralhas em Israel¹⁰ e dificilmente mora em segurança.

Hamã, o agagita é o principal antagonista dos judeus no livro de Ester (Ester 3:1, 10; 8:3, 5; 9:24).¹¹ Um agagita é um descendente de Amaleque, um dos inimigos persistentes do povo de Deus. Em Números 24:20, lemos:

“E vendo os amalequitas, proferiu a sua parábola, e disse: Amaleque é a primeira das nações; porém o seu fim será a destruição”.

A frase “a primeira das nações” nos conduz aos primeiros capítulos do livro de Gênesis, onde encontramos os nomes de “Gomer”, “Magogue”, “Tubal” e “Meseque”, e seu pai, Jafé (Gênesis 10:2). São justamente essas as principais nações inimigas que aparecem com destaque na profecia de Ezequiel 38 e 39. Provavelmente Hamã e seus dez filhos são os últimos amalequitas que aparecem no Antigo Testamento. No texto de Números 24:7, a Septuaginta (LXX) traduz “Agague” como “Gogue”. “Um manuscrito tardio para Ester 3:1 e 9:24 refere-se a Hamã como um ‘gogita’”.¹² Agague e Gogue são palavras muito semelhantes no significado hebraico. Agagite significa “eu irei por cima” enquanto Gogue significa “montanha”. No comentário técnico sobre o livro de Ester, Lewis Bayles Paton escreveu:

“O único Agag mencionado no AT é o rei de Amaleque [Números 24:7; 1º Samuel 15:9]... [Todos] os judeus, e muitos cristãos

comentaristas pensam que Hamã é um descendente desse Agag. Essa visão provavelmente está correta, porque Mardoqueu, seu rival, é descendente de Saul ben Kish, que derrubou Agag [1º Samuel 17:8–16], e é especialmente amaldiçoado na lei [Deuteronômio 25:17]. É, portanto, provavelmente a intenção do autor de representar Hamã como descendente desta raça que foi caracterizada por um antigo e insaciável ódio a Israel (cf. [Ester] 3:10, “o inimigo dos judeus”).¹³

Um manuscrito hebraico cursivo identifica Hamã como “um gogita”.¹⁴ Há uma relação entre as descrições de Hamã como um Agagite e “o gogita”, como interpreta Paulo Haupt. A Septuaginta em Números 24:7 tem “Gog” de “Agag” e adiciona o nome Gog em Amós 7:1.¹⁵ Essas conexões literárias não devem ser descartadas. Há uma outra ligação entre Hamã o Agagita no livro de Ester e Gogue no livro do profeta Ezequiel 38-39. “De acordo com Ezequiel 39:11 e 15, o lugar onde o exército de Gogue está enterrado será conhecido como o vale de Hamon-Gog [ou vale da multidão de Gogue], e de acordo com o versículo 16, a cidade vizinha ficará conhecido como Hamona”.¹⁶ A palavra hamon em Ezequiel “está escrito em hebraico quase exatamente como o nome Haman.... Dentro do hebraico, ambas as palavras têm a mesma ‘triliteral raiz’ (*hmn*). Somente as vogais são diferentes”.¹⁷

Com a permissão inicial do rei Assuero, Haman é o “príncipe-chefe” de uma força multinacional que ele reúne das 127 províncias para exterminar seu inimigo mortal - os judeus (Êxodo 17:8–16; Números 24:7; 1º Samuel 15:8; 1º Crônicas 4:42-43; Deuteronômio 25:17-19). Considere estas palavras:

“Depois destas coisas o rei Assuero engrandeceu a Hamã, filho de Hamedata, agagita, e o exaltou, e pôs o seu assento acima de todos os príncipes¹⁸ que estavam com ele”.

(Ester 3: 1; ver também 1: 3)

Obviamente o fato de Hamã ter “o seu assento acima de todos os príncipes” faz dele o “príncipe chefe”. No livro de Ester 3:12, temos a

descrição de Hamã como o líder dos sátrapas, governadores, e príncipes. Vou esclarecer a importância deste título nos capítulos mais a frente, onde vou identificar o “príncipe chefe” de Ezequiel 38:2–3 e 39:1. Acredito que o “príncipe chefe” era Hamã.

“Mostre-me o dinheiro!”

O profeta Ezequiel escreveu que as forças que lutariam contra Israel na batalha de Gogue e Magogue buscavam prata, ouro, gado e bens (Ezequiel 38:12–13). É fato bíblico que os judeus que retornaram a Jerusalém trouxeram consigo prata, ouro, mercadorias e gado¹⁹ (Esdras 1:4–11; 2:69; 5:14; 6:5; 7:15–16, 18, 22; Neemias 7:71–72), sendo esses exatamente os mesmos itens mencionados por Ezequiel. Hamã promete pagar “dez mil talentos de prata, para que entrem nos tesouros do rei” (Ester 3:9; ver também 3:11; 4:7; 7:4). De onde Hamã planejava tirar a prata para pagar o rei? É claro que deve ser dos judeus que já haviam retornado a Israel com essas mercadorias valiosas:

“E disse o rei a Hamã: Essa prata te é dada como também esse povo, para fazeres dele o que bem parecer aos teus olhos”.

(Ester 3:11)

Embora os judeus tenham ficado empobrecidos por Nabucodonosor quando estavam exilados na Babilônia (597 e 586 a.C.), é bastante significativo notar que muitos fizeram doações generosas aos seus patrícios que voltaram para Palestina sob Zorobabel em 537 a.C. (Esdras 1:4). De fato, deve ter sido sua crescente prosperidade na Babilônia que dissuadiu a grande maioria dos exilados de retornar à desolação de sua terra natal.²⁰ Hamã tinha como objetivo “que saqueassem os seus bens (Ester 3:13). Provavelmente ele acreditou que os judeus seriam uma presa fácil, pois não tinham exército formado e muro defensivo. Eis uma pergunta: *Como os futuristas interpretam a questão da prata, ouro, gado e mercadorias descrita em Ezequiel*

38:12–13)? O que se sabe hoje em dia é que Israel não tem reservas de ouro apreciáveis. Nem sequer está entre os 40 principais países com reservas de ouro. Pela lógica, se a Rússia estiver atrás de ouro ela seria mais bem sucedida se invadisse a Alemanha (nº 2), França (nº 4) e Itália (nº 5).

O escritor de profecia, Tim LaHaye, escreveu em 1984 que as condições econômicas na Rússia se deteriorarão, enquanto as estão “destinados a melhorar”.²¹ Até o momento, a Rússia está bem com dinheiro e óleo. Existem até alguns bilionários.²² O leitor se lembra de exércitos perseguindo gado em uma guerra moderna? Quanto gado Israel possui atualmente? Certamente o gado que Israel possui atualmente não é suficiente para alimentar a Rússia! A última afirmação dos alarmistas proféticos é que Israel descobrirá petróleo. Talvez isso seja possível, mas o profeta Ezequiel não diz nada sobre petróleo em seu texto. A Rússia tem enormes reservas de petróleo e planeja reivindicar terras ricas em petróleo no Ártico.²³ Por que a Rússia se arriscaria a entrar em Israel quando seu exército não pôde derrotar um exército afegão mal equipado?²⁴ Os fatos mostram que o Afeganistão é que parece ter toda a riqueza “com depósitos significativos de cobre, ferro, ouro, petróleo e gás [natural] e carvão - bem como gemas preciosas como esmeraldas e rubis “que” daqui a 10 anos tornarão a nação pobre “o país mais rico da região”.²⁵ Como os russos são perfuradores de petróleo se, de acordo com Thomas Ice, o estado do mundo será tão ruim que deverá reverter para uma era pré-tecnológica? Por que a Rússia vai precisar de petróleo quando os cavalos serão o único meio de transporte (Ezequiel 39:20)? Apesar disso, os intérpretes-especuladores da profecia bíblica consideram e muito o petróleo como uma das razões da invasão de Israel por parte de Gogue.²⁶

Sem oferecer qualquer documentação para provar seu ponto, Hal Lindsey afirma que “Israel se tornará um centro mundial cultural, religioso e econômico, especialmente em Jerusalém. O valor dos depósitos minerais no Mar Morto foi estimado em um trilhão, duzentos e setenta bilhões de dólares. Isso é mais do que a riqueza

combinada da França, Inglaterra e Estados Unidos!”²⁷ Essa estimativa foi baseada em dólares de 1970.

Se levarmos em conta essa declaração de Lindsey, qual mineral precioso é encontrado no Mar Morto? É a Potassa. Ele deduz que quando “a explosão populacional começar a trazer fome, o potássio se tornará extremamente valioso para produção de alimentos”.²⁸ A Potassa é extraída do Mar Morto desde 1929. Essa suposta riqueza mineral de Israel seria uma realização da profecia de Ezequiel, segundo David L. Cooper (isto 30 anos antes de Hal Lindsey publicar seus 1.270 trilhões de dólares). Cooper, assim como Lindsey faz sem documentação, afirmou em 1940 “que o valor dos produtos químicos no Mar Morto é de US \$ 1.270.000.000.000” que na época era “igual à riqueza combinada da América, Grã-Bretanha, França, Alemanha e Itália”. Ele continuou argumentando que os produtos químicos “que são vitais para a fabricação de materiais de guerra são armazenados lá em cima, aguardando a vinda daqueles que adoram ao deus da guerra”.²⁹

Antes de Hal Lindsey e outros intérpretes da profecia, Cooper alegou que a potassa e outros produtos químicos, não o petróleo, seriam os “despojos” que seriam a razão pela qual os exércitos da Confederação do Nordeste atacariam Israel.³⁰ Se é verdade que a nação de Israel realmente tinha US \$ 1.270 trilhões em riqueza mineral no ano de 1940, então por que não a explorou para seu próprio uso e benefício? É simplesmente absurda a ideia de que a Rússia precisa desses minerais, uma vez que se sabe hoje sobre sua riqueza mineral, mesmo porque a Rússia é um exportador de potássio, produzindo 5,3 milhões de toneladas por ano.³¹ Segundo alguns dados, Canadá e Rússia são os maiores produtores de potássio, com a Bielorrússia fechando em terceiro lugar.³² É simplesmente absurdo achar que Ezequiel teria falado sobre potássio.

Os intérpretes proféticos Peter e Patti Lalonde, que compartilham as visões proféticas de Hal Lindsey e Tim LaHaye, escreveram que “a Rússia possui mais recursos do que qualquer outra nação do mundo. Possui 13% do petróleo bruto mundial, 35% dos recursos mundiais de gás natural, 12% dos recursos mundiais de fornecimento de carvão,

32% de seu minério de ferro, 27% de seu estanho e 11% da produção mundial de cobre”.³³ Baseados nesses dados, podemos nos perguntar por que a Rússia arriscaria bilhões de dólares viajando a cavalo em direção a terra de Israel? Como os exércitos russos levariam o potássio para a Rússia? Em carros puxados a cavalo? (Ezequiel 39:20). O profeta Ezequiel menciona gado (Ezequiel 38:12–13), e Lalondes sugerem que a invasão russa está relacionada à comida. Eles acreditam que os soldados russos atacarão Israel a cavalo (Ezequiel 38:3, 15) para “tirar gado e mercadorias” (Ezequiel 38:13). Gary DeMar cita Cooper quando este tentou afirmar que a “indústria de frutas cítricas” de Israel, especialmente laranjas, bem como “todos os tipos de vegetais” compunham o “despojo” que atrairia a Rússia e seus confederados para atacar Israel.³⁴ De fato tal teoria se torna interessante como leitura ficcional, mas a interpretação correta de Ezequiel 38 e 39 é que esses capítulos descrevem uma batalha travada há muito tempo.

Uma leitura natural do texto revelará que cavalos significam cavalos, escudos significam escudos, arcos e flechas significam arcos e flechas e carros significam carros, e por aí vai.

O Saqueador é Saqueado

No texto do livro de Ester, o mais desagradável inimigo dos judeus era Hamã. Gary DeMar cita que os projetos de Hamã eram semelhantes aos de Adolf Hitler; ele queria exterminar todos os judeus dentro dos limites do Império Persa:

“Porém teve como pouco, nos seus propósitos, o pôr as mãos só em Mardoqueu (porque lhe haviam declarado de que povo era Mardoqueu); Hamã, pois, procurou destruir a todos os judeus, o povo de Mardoqueu, que havia em todo o reino de Assuero.

E Hamã disse ao rei Assuero: Existe espalhado e dividido entre os povos em todas as províncias do teu reino um povo, cujas leis são

diferentes das leis de todos os povos, e que não cumpre as leis do rei; por isso não convém ao rei deixá-lo ficar.

E enviaram-se as cartas por intermédio dos correios a todas as províncias do rei, para que destruíssem, matassem, e fizessem perecer a todos os judeus, desde o jovem até ao velho, crianças e mulheres, em um mesmo dia, a treze do duodécimo mês (que é o mês de Adar), e que saqueassem os seus bens”.

(Ester 3:6, 8, 13)

Os capítulos 38 e 39 do profeta Ezequiel descrevem uma força de vários países que será destruída antes que possa prejudicar qualquer cidadão judeu que vive em Israel:

“Ezequiel 38–39 dá a impressão de que tudo o que Gogue conseguiu fazer foi planejar o ataque, reunir as tropas e chegar à terra de Israel; e toda a ênfase está no planeamento, intenção e estratégia de Gogue. Não ouvimos falar de nenhuma conquista da cidade”.³⁵

Novamente, a declaração acima se encaixa com o que se diz no livro bíblico de Ester. Observe estas palavras:

“Assim diz o Senhor DEUS: E acontecerá naquele dia que subirão palavras no teu coração, e maquinarás um mau desígnio...”.

(Ezequiel 38:10)

Em Ester 8:3 lemos que Ester chamou o rei e “se lhe lançou aos seus pés; e chorou, e lhe suplicou que revogasse a maldade de Hamã, o agagita, e o intento que tinha projetado contra os judeus”. A palavra hebraica traduzida como “conspiração”, “plano” e “maquinar” (*chashab*) é a mesma em ambos os textos acima.

Fora tudo isso, podemos ler que “os inimigos dos judeus esperavam assenhorear-se deles, sucedeu o contrário, porque os judeus foram os que se assenhorearam dos que os odiavam” (Ester 9:1). Isto é exatamente o que foi profetizado pelo profeta Ezequiel, o qual exatamente se cumpre no livro de Ester. O resgate do povo!

Finalmente, como reconciliar os judeus que “roubarão aos que os roubaram, e despojarão aos que os despojaram em Ezequiel 39:10 com o texto de Ester que diz que os judeus “porém ao despojo não estenderam a sua mão” (Ester 9:12,15–16)? É muito significativo que essas duas passagens citam os despojos. O que o profeta Ezequiel descreveu foi um aspecto do que foi feito com os despojos. Tais despojos muito provavelmente foram levados para ajudar na reconstrução do templo e do muro de Jerusalém no pós-exílio. Na versão de Ester temos a indicação que o saque dos despojos não eram para ser tomados para uso individual: “porém ao despojo não estenderam a sua mão” (Ester 9:16). Temos um exemplo semelhante encontrado em Josué 6:19 que diz:

“Porém toda a prata, e o ouro, e os vasos de metal, e de ferro são consagrados ao Senhor; irão ao tesouro do Senhor”.

O comentarista bíblico George Bush (1796-1859), escreveu em seu comentário sobre Josué:

“Para ser totalmente empregado para o serviço do santuário, e não deve ser apropriado de forma alguma ao uso de qualquer pessoa ou sacerdote em particular. O local do depósito era o tabernáculo da congregação, onde os despojos dos midianitas foram colocados”.

Temos em Ester 8:11 que a concessão dada aos judeus pelo rei Assuero - como nação exilada – era o direito incondicional “para destruírem, matarem e aniquilarem todas as forças do povo e da província que viessem contra eles, crianças e mulheres, e que se saqueassem os seus bens”. Esse saque de bens sem impostos por parte do rei (Esdras 6:8) era usado para ajudar a reconstruir o templo. Sendo assim, foi concebível que os despojos dos inimigos de Israel também seriam usados dessa maneira. A ideia do “maior banho de sangue de Israel” baseado em Ezequiel 38 e 39 descrever um período de tempo quando Israel será resgatado por Deus no início ou logo após um período de sete anos de tribulação não explica como Deus então

permite que esses mesmos judeus sejam mortos pelas forças do anticristo mais tarde no período da tribulação.

O intérprete profético Charles Ryrie escreveu em *The Living End* que a Bíblia prevê um futuro holocausto para Israel:

“O problema de Jacó é que vem um período de angústia descrito por Jesus ao falar com seus discípulos no Monte das Oliveiras [Mateus 24]. Jeremias chamou isso de “angústia para Jacó” e disse que seria única em toda a história (Jeremias 30:7). Jesus chamou de um período de tribulação sem precedentes (Mateus 24:21), isso será o tempo do maior banho de sangue de Israel”.³⁶

John F. Walvoord segue um raciocínio semelhante:

“O expurgo de Israel em seu tempo de angústia é descrito por Zacarias nas seguintes palavras:

“E acontecerá em toda a terra, diz o Senhor, que as duas partes dela serão extirpadas, e expirarão; mas a terceira parte restará nela.

E farei passar esta terceira parte pelo fogo, e a purificarei, como se purifica a prata, e a provarei, como se prova o ouro”.
(Zacarias 13:8,9)

De acordo com a profecia de Zacarias, dois terços dos filhos de Israel na terra perecerão, mas um terço dos que restarem serão refinados e aguardarão a libertação de Deus na segunda vinda de Cristo, descrita no próximo capítulo de Zacarias”.³⁷

Eugene Merrill, segue ideia semelhante à de Ryrie e Walvoord e ao contrário do final de Ezequiel 39, descreve como um futuro holocausto dos judeus será inevitável:

[A] redenção de Israel será realizada nas ruínas de seu próprio sofrimento e dos poderes malévolos deste mundo que, no último dia, se consolidará contra ele e procurará interditar para sempre qualquer

possibilidade do seu sucesso. As nações de toda a terra virão contra Jerusalém e, tendo-a derrotado, dividirão seus despojos de guerra em seu meio”.³⁸

Arnold Fruchtenbaum afirma que durante a Grande Tribulação “Israel sofrerá tremenda perseguição (Mateus 24:15–28; Apocalipse 12:1–17). Como resultado dessa perseguição ao povo judeu, dois terços vão ser mortos”.³⁹

Apesar dessas interpretações, observe o leitor como a profecia de Ezequiel termina:

“E eu porei a minha glória entre os gentios e todos os gentios verão o meu juízo, que eu tiver executado, e a minha mão, que sobre elas tiver descarregado.

E saberão os da casa de Israel que eu sou o Senhor seu Deus, desde aquele dia em diante.

E os gentios saberão que os da casa de Israel, por causa da sua iniquidade, foram levados em cativeiro, porque se rebelaram contra mim, e eu escondi deles a minha face, e os entreguei nas mãos de seus adversários, e todos caíram à espada”.

(Ezequiel 39:21–23; veja também Ezequiel 38:23)

Como o texto acima se encaixaria em nosso tempo? O fato é que Israel foi para o exílio milhares de anos atrás. As nações de nosso tempo não foram testemunhas do julgamento de Deus. As nações que atacaram Israel há 2600 anos foram testemunhas desse julgamento. Muitos dos que viram esse julgamento de Deus responderam de uma maneira muito única, pois eles não queriam que a mesma coisa acontecesse com eles:

“Também em toda a província, e em toda a cidade, aonde chegava a palavra do rei e a sua ordem, havia entre os judeus alegria e gozo, banquetes e dias de folguedo; e muitos, dos povos da terra, se fizeram judeus, porque o temor dos judeus tinha caído sobre eles”.

(Ester 8:17)

A cronologia moderna interpretada pelos atuais intérpretes não faz sentido, pois primeiro Deus “resgata Israel” quando a Rússia ataca do “extremo norte”, depois de um curto período de paz, Ele permite que todas as nações do mundo, lideradas pelo anticristo, massacrem milhões de judeus (Zacarias 13:8) e bilhões de pessoas.⁴⁰ Esse cenário vem de uma falsa exegese bíblica, principalmente pelo fato de que não temos no final de Ezequiel 39 tal cronologia. Muito pelo contrário, o profeta Ezequiel mais adiante diz sobre quando Deus derramará Seu “Espírito sobre a casa de Israel” (Ezequiel 39:29). Esta promessa que foi inicialmente cumprida durante o tempo de Esdras e Neemias se manifestou em maior abundância no dia de Pentecostes quando havia judeus “de todas as nações debaixo do céu” que vieram até Jerusalém (Atos 2:1–12).

O resgate de Deus por Israel

As promessas feitas a Israel na Antiga Aliança foram cumpridas no início da era da Nova Aliança, como exemplificado na profecia de Joel. O apóstolo Pedro deixou claro que os eventos ocorridos no dia de Pentecostes eram o cumprimento do que o profeta Joel escreveu: “mas é isso que foi falado por meio do profeta Joel” (Atos 2:16), até a previsão de que “seus filhos e suas filhas profetizarão” (Atos 2:17), conforme se vê cumprido em Atos 13:1 e 21:8-9:

“E na igreja que estava em Antioquia havia alguns profetas e doutores, a saber: Barnabé e Simeão chamado Níger, e Lúcio, Cireneu, e Manaém, que fora criado com Herodes o tetrarca, e Saulo”.

“E no dia seguinte, partindo dali Paulo, e nós que com ele estávamos, chegamos a Cesaréia; e, entrando em casa de Filipe, o evangelista, que era um dos sete, ficamos com ele.

E tinha este quatro filhas virgens, que profetizavam”.

No período de quarenta anos entre a ascensão de Jesus e a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C., houve uma grande reunião de judeus de

todo o Império Romano. Ao contrário do cenário do fim dos tempos descrito pelos intérpretes da profecia bíblica, o livro de Ester revela um verdadeiro resgate de Israel, muito diferente do inevitável holocausto sangrento que é ensinado no Dispensacionalismo. No ensino dispensacionalista, Israel espera mais de 2000 anos pelas promessas de Deus que seriam cumpridas e, pouco antes de acontecer, dois terços dele são destruídos. Isso é um resgate de Israel? Claramente o cumprimento da profecia de Ezequiel 38-39 é encontrado no livro de Ester quando todo o povo judeu é resgatado.

Infelizmente os intérpretes modernos manipulam a clareza do texto de Ezequiel para encontrar armas de combate e nações modernas. Para quem ainda tem aquela sensibilidade de ter olhos para ver e ouvidos para ouvir, a batalha de “Gogue da terra de Magogue” é uma profecia cumprida, e o livro de Ester testemunha isso. Lamentavelmente aqueles que acreditam que a batalha de Gogue ainda está em nosso futuro, estão colocando a nação de Israel em risco porque veem um holocausto inevitável no horizonte.

3

A Rússia é mencionada na Bíblia?

No ano de 1940, o escritor Louis S. Bauman disse:

“A nação é apresentada tão vividamente na Palavra profética como a Rússia. Provavelmente a razão é que o Eterno, olhando através das areias do tempo, viu a Rússia, como nenhuma outra nação, erguendo seus punhos poderosos e assobiando seu desafio”.¹

Esse escritor não está sozinho ao ver a Rússia na profecia bíblica. O século XX teve muitos livros e artigos sobre o assunto, os quais garantiram que a Rússia está claramente mencionada na Bíblia. É fato que quase todo livro de interpretação da profecia bíblica dos dias modernos chega à mesma conclusão. Segundo essas literaturas a Rússia é o “Gogue” de Ezequiel, com seu líder sendo o “príncipe de Rôs”. Tim LaHaye afirma que Ezequiel 38 e 39 “só pode significar a Rússia moderna” por causa da “etimologia”, ou seja, estudando a origem das palavras. A palavra hebraica *rosb* encontrada em Ezequiel 38:2–3 e 39:1 é dito ser um grupo de pessoas que se refere a Rússia. H. L. Ellison descreveu essa visão como “um excelente exemplo do desejo de ser o pai do pensamento”.² Como veremos mais à frente, não há na Bíblia nenhuma nação ou grupo de pessoas chamado Rôs.

Essa interpretação de que Rôs em Ezequiel seria uma nação moderna, vem do apelo ao grande lexicógrafo Wilhelm Gesenius (1786-1842), que identifica Rôs como “uma nação do norte, mencionada com Tubal e Meseque; indubitavelmente os russos”.³

Gensenius, Clyde E. Billington dedica três longos artigos a uma defesa da tese Rôs = Rússia. Ele admite, no entanto, que “ao procurar o povo Rosh em documentos antigos, é preciso ter em mente que o nome Rosh poderia ser e foi escrito de várias maneiras no mundo antigo. Como aponta James Price, o nome Rosh foi pronunciado de maneira diferente e escrito de maneira diferente nas várias línguas semíticas usadas no antigo Oriente Médio”.⁴ Isto não significa que o uso de Rôs por parte de Ezequiel tem algo a ver com essas reivindicações. A pergunta que sempre devemos ter em mente é sobre como a Bíblia usa Rôs.

O escritor Billington acredita que encontrou um traço de Rôs escondido na palavra “Tiras”⁵ que aparece em Gênesis 10: 2: “Os filhos de Jafé foram Gômer e Magogue, Madai, Javan, Tubal, Meseque e Tiras”. Se quisermos seguir esse argumento podemos nos perguntar se sua linha de raciocínio segue uma metodologia interpretativa de “senso comum”:

“O nome Rosh é provavelmente derivado do nome Tiras mencionado em Gênesis 10:2. A mudança no nome Tiras para o nome Rosh/Rash pode ser o resultado de uma peculiaridade da língua acadiana... A língua acadiana tende a soltar o som inicial “t” em um nome próprio ou para alterar um som inicial “t” em som “s”... Às vezes, um som inicial “t” em um nome próprio era alterado em acadiano para um som “s”... A tendência acadiana de diminuir ou alterar um som inicial “t” em um nome parece ter sido especialmente forte se o inicial “t” foi seguido por um som “r”, e o nome “Tiras” se encaixa perfeitamente nesse padrão”.⁶

Se as palavras acima forem seguidas à risca, então os estudantes da Bíblia devem aprender acadiano para interpretar Ezequiel 38:2–3 e 39:1 e devem confiar em “uma peculiaridade” do que a língua acadiana

“tende” a fazer apenas “algumas vezes” com base em uma “tendência” que “parece” ocorrer onde há “mudança”. Então, a palavra Tiras se transforma em *ras*, que em seguida se transforma em *rosb* que então se torna *rashu*, *reshu* e *rashi* e, só então, finalmente em Rússia.⁷ Essa interpretação confusa é como coar um mosquito depois de engolir um camelo (Mateus 23:24).

Se a palavra Tiras evoluiu para Rosh ou Rôs ao longo do tempo, como afirmam esses intérpretes, por que Tiras ainda é usada em 1º Crônicas 1:5? Deve ser lembrado que os livros de 1º e 2º Crônicas foram escritos não antes do ano 538 a.C., na época a profecia de Ezequiel foi composta.⁸ O texto de 2º Crônicas 36:22–23 é definitivamente pós-exílico, pois repete o que está escrito em Esdras 1. Alguns eruditos bíblicos defendem uma data ainda mais tarde. Se Ezequiel estivesse usando a palavra Rôs para identificar Tiras, parece plausível acreditar que o livro de 1º Crônicas teria feito o mesmo para se adaptar ao uso que o profeta Ezequiel faz de Rôs, uma vez que havia um grupo de pessoas em vista. Uma vez que todas as nações descritas no texto de Ezequiel 38 e 39 são encontradas em outras partes do Antigo Testamento, e uma nação chamada Rôs não é encontrada, isso parece ser uma forte evidência de que Rôs não foi usada pelo profeta para identificar uma nação ou um grupo de pessoas dentro do contexto da Bíblia.

O escritor Ron Rhodes, que acredita que Rôs é uma referência a Rússia moderna, escreveu:

“Certamente seria lógico encontrar alguma forma da palavra Rôs em Gênesis 10, porque todas as outras em Ezequiel 38:1–6 são encontradas lá”.⁹

Seria uma consequência lógica encontrar Rôs lá em Gênesis 10, se Deus estava de fato revelando uma nação ao profeta Ezequiel. Mas, de fato, Rôs não é encontrado em Gênesis capítulo 10, não importa o quanto da língua acadiana aplicarmos na interpretação da palavra Tiras para tentar fazê-la ser lida como Rôs. Por outro lado, o estudioso e escritor Victor P. Hamilton vincula Tiras “aos Turasha dos textos

egípcios, isto é, os Tirrênios, ou mais tarde, os etruscos da Itália”.¹⁰ Sendo isto verdade, será difícil que Tiras seja uma grafia precoce da palavra Rôs, se a mesma estivesse no texto bíblico para ser identificada com a Rússia moderna.

Conhecendo o mundo de Ezequiel

Uma análise dos textos bíblicos nos mostrará que todas as nações listadas por Ezequiel são encontradas em Gênesis capítulo 10. O profeta Ezequiel mostra sete grupos de pessoas dos setenta encontrados na Tabela das Nações de Gênesis 10 para defender que a “borda do mundo antigo”¹¹ uniria forças sob a direção de um líder louco decidido em destruir os judeus.¹² O inimigo descrito por Ezequiel acabaria sendo Herodes (Mateus 2:1–18), e como Herodes não iria conseguir frustrar o plano redentor de Deus, ele acabou sendo um nota de rodapé amaldiçoada no registro histórico.

Na interpretação da profecia de Ezequiel o intérprete não pode cometer o erro de especular além dos limites históricos do tempo do profeta para tentar forçar os nomes dessas nações antigas para que sejam nações dos tempos modernos, a fim de adequá-las às políticas e geopolíticas de nosso tempo. Os comentários de Iain Duguid’s são apropriados para explicar as realidades históricas da profecia de Ezequiel:

[Gogue] é o comandante em chefe ([príncipe principal]) de uma coalizão de forças reunidas desde os confins da terra. Ele mesmo é da terra de Magogue, e ele domina Meseque-Tubal. Seus aliados incluem Pérsia, Cuxe e Put (38:5), junto com Gomer e Beth Togarmah (38:6). Não é por acaso que juntos, eles compõem um total de sete nações, e é importante que eles sejam reunidos das partes mais remotas do mundo conhecido do profeta. Meshech-Tubal, Gomer, e Beth Togarmah vêm do norte, Put (noroeste) Egito) e Cuxe (sul do Egito) do sul e oeste, enquanto a Pérsia fica a leste de Judá”.¹³

A revelação que Ezequiel recebeu de Deus descreve o mundo de seu tempo, e não o nosso mundo moderno. Que o leitor, a partir de agora, preste atenção na seguinte descrição do comércio que estava ocorrendo entre as várias nações do tempo de Ezequiel. Observe também como essas mesmas nações são mencionadas em Ezequiel capítulo 38. Falando sobre Tiro:

“Társis negociava contigo, por causa da abundância de toda a casta de riquezas; com prata, ferro, estanho e chumbo, negociavam em tuas feiras.

Javã, Tubal e Meseque eram teus mercadores; em troca das tuas mercadorias davam pessoas de homens e objetos de bronze.

Os da casa de Togarma trocavam pelas tuas mercadorias, cavalos, e cavaleiros e mulos.

Os filhos de Dedã eram os teus mercadores; muitas ilhas eram o comércio da tua mão; dentes de marfim e pau de ébano tornavam a dar-te em presente.

A Síria negociava contigo por causa da multidão das tuas manufaturas; pelas tuas mercadorias davam esmeralda, púrpura, obra bordada, linho fino, corais e ágata”.

“Damasco negociava contigo, por causa da multidão das tuas obras, por causa da abundância de toda a sorte de riqueza, dando em troca vinho de Helbom e lã branca”.

(Ezequiel 27:12-16, 18)

Claramente podemos ver no texto acima que o profeta Ezequiel não estava descrevendo nosso mundo moderno, mas estava descrevendo o mundo de seu tempo. Ninguém precisa ser um erudito bíblico para entender verdade tão simples. Está tudo nas páginas das Escrituras, basta uma leitura. As pessoas dessas nações descritas por Ezequiel estavam vivendo nas proximidades de Israel. Não pode haver dúvidas sobre isso. Com exceção de uma interpretação alternativa, os nomes dessas nações do tempo de Ezequiel acabam sendo interpretados como os nomes de nações modernas. Quem ensina que essas nações atacarão Israel no fim dos tempos, na verdade, não está permitindo que

a Bíblia fale por si mesma. A maioria das nações nomeadas por Ezequiel não existe mais. “Magogue, Gomer, Meseque e Tubal, Phut [Put], Sabá, e Dedan, não existem mais”.¹⁴ Em qualquer mapa do mundo moderno.

A profecia de Ezequiel é especificamente sobre a proteção de Deus ao povo judeu daquele tempo. Se não tivesse havido a restauração e o resgate de Israel após o cativeiro assírio e babilônico, não poderia haver Redentor (veja Apocalipse 12:1–6). Caso a nação de Israel tivesse sofrido aniquilação nas mãos de “Gogue”, então o plano redentor de Deus teria sido frustrado. A profecia de Ezequiel deixa claro que Deus resgata Israel para que o Redentor, Jesus, o Messias - nascesse. O próprio Senhor Jesus deixa claro que Ele é o cumprimento da profecia de Ezequiel e de toda profecia (Apocalipse 19:10):

“Então começando com Moisés e com todos os profetas, Jesus explicou a eles o que diz respeito a si mesmo em todas as Escrituras”.
(Lucas 24:27)

No fim das contas, a profecia descrita nos capítulos 38 e 39 de Ezequiel é sobre Jesus e como a genealogia centrada em Cristo continuou, para que fosse lida no tempo do nascimento dEle, “Jacó era o pai de José, marido de Maria, por quem Jesus nasceu, que é chamado o Messias” (Mateus 1:16). Se o personagem da profecia de Ezequiel, Gogue (Hamã) tivesse sido bem sucedido em sua fúria contra Israel, o povo judeu teria sido varrido da face da Terra (Ester 3:13), e o mundo seria muito diferente de hoje. Isto não aconteceu porque Deus controla a história e, assim, Ele controlou o grande inimigo de Seu povo.

Jogo de palavras

Uma vez que Ezequiel 38-39 não se refere a uma batalha do fim dos tempos que inclui países modernos como a Rússia, a Turquia, o Irã, o

Sudão e a Líbia, podemos dizer com certeza que todo o cenário profético que é ensinado pelos intérpretes modernos é totalmente sem fundamento bíblico. Lamentavelmente, por causa da má interpretação quase universal de Ezequiel 38 e 39, está comprometida a reputação de editoras, livrarias, faculdades e universidades cristãs, seminários, pastorados e famosos ministérios de muitos pastores. O que vale acima de tudo é a integridade da Palavra de Deus. Os intérpretes que acreditam que a Rússia moderna é o foco de Ezequiel 38-39 traduzem Ezequiel 38:2 da seguinte maneira:

“Filho do homem, defina sua face a Gogue da terra de Magogue, o príncipe de Rôs, Meseque e Tubal”.

Sobre a frase-chave “príncipe de Rôs”, o escritor tim LaHaye e outros escritores de profecia tenta nos fazer entender com a lente de nossos dias modernos. Então, de acordo com essa interpretação, o “príncipe de Rôs” seria o “Líder da Rússia”. Na antiguidade, as nações de Meseque e Tubal eram parceiras comerciais com outras nações do tempo de Ezequiel, incluindo Israel. A maioria dessas nações não existem mais, pois o significado de Rôs está intimamente ligado a elas em seu tempo e lugar.

O principal motivo para não ligarmos Rôs com a Rússia moderna é o fato de que as palavras não são escritas da mesma forma. Em 1964, S. Maxwell Coder escreveu:

“Se você deve pegar o nome da Rússia e escrever em caracteres hebraicos hoje, você teria na página antes de você os próprios caracteres hebraicos que apareceram em Ezequiel 38:2 desde que a profecia foi escrito 2500 anos atrás, quando não existia tal nação, e quando o nome existia apenas em uma profecia bíblica”.¹⁵

Segundo o teólogo Gary DeMar,* não precisamos “saber hebraico para ver que rosh e a Rússia não é parecido. A ortografia hebraica moderna da Rússia, lendo da direita para a esquerda, como você faz em hebraico, é רוֹשׁ־רֹשׁ,¹⁶ enquanto a grafia de rosh é רֹשׁ־רֹשׁ tem um

som "o" longo, enquanto רוֹסִיָּה tem um “oo” (וֹ) soa como em "boot". As duas palavras têm apenas uma letra em comum. Lendo da direita para a esquerda, é a primeira letra ר (resh). Existem duas letras hebraicas diferentes para “s” em hebraico: ס (samech) e ש (pecado ou canela). A grafia hebraica moderna da Rússia usa ס (samech) enquanto o rosh usa ש (shin). Em hebraico, a Rússia é escrita com cinco letras enquanto rosh tem três (o som "o" em rosh faz parte da segunda letra [ש] e aparece como um ponto no topo da letra). Aqui está uma comparação das duas palavras hebraicas e sua transliteração:



O escritor Merrill F. Unger, que identifica rosh como a Rússia, faz uma importante observação:

“Palavras antigas na evolução para suas formas modernas frequentemente sofrem uma mudança de vogal, enquanto as consoantes tendem a permanecer o mesmo”.¹⁷

Baseado no que vimos acima, as consoantes não são as mesmas e, por isto, as palavras não estão relacionadas. A palavra “Rússia” compartilha uma consoante com a palavra Rôsh. Por outro lado, se o Espírito Santo tivesse a intenção em dizer às pessoas no século XXI que a Rússia moderna estava vista em Ezequiel 38 e 39, com toda

* The Gog and Magog End-Time Alliance Israel, Russia, and Syria in Bible Prophecy, pg. 78. American Vision Press POWDER SPRINGS, GEORGIA. Copyright © 2016 by Gary DeMar.

certeza Ele teria escolhido a palavra-chave que nos ajudaria nessa identificação. Em relação a ortografia hebraica dessa palavra, Deus certamente sabia como os judeus iriam soletrar a palavra “Rússia” em hebraico e, por isto, não haveria necessidade de ficarmos confusos sobre esse assunto. Até mesmo os intérpretes que estão de acordo com LaHaye em muitos outros aspectos proféticos argumentam que a palavra Rôš não se refere à Rússia moderna. O dispensacionalista Unger admite que “a evidência linguística da equação [de Rôš com a Rússia] é confessadamente apenas presuntivo”.¹⁸ O livro *Dispensationalism Today* [Dispensacionalismo Hoje], do autor Charles Ryrie, chega discordar da tradução de Ezequiel 38:2 da Bíblia *New American Standard*. “O príncipe de Rosh”, escreveu ele, é melhor traduzido como “o príncipe principal de Meseque e Tubal”.¹⁹ Enquanto a tradução da *New American Standard* usa “príncipe de Rosh” em Ezequiel 38:2–3 e 39:1, tem uma nota marginal em 39:1 que diz “príncipe principal de Meseque”. Como mencionei acima, Meseque e Tubal não têm vínculos com um lugar chamado Rosh em qualquer outro lugar da Bíblia (Gênesis 10:2; 1º Crônicas 1:5; Isaías 66:19; 20 Ezequiel 27:13; 32:26). É justamente por isso que é improvável que apenas nesses três casos Rôš assume um significado de como é usado em outros lugares do antigo Testamento. Se alguém quer ter uma abordagem de “bom senso” quanto a interpretação da Bíblia fará bem em não concluir que Rôš seria a Rússia moderna.

Uma lição de Geografia

Como já vimos anteriormente, a interpretação de que Rôš seria a Rússia moderna não é exclusividade do intérprete profético Tim LaHaye. O intérprete profético Hal Lindsey popularizou essa ideia em 1970 com a publicação de seu famoso livro intitulado *The Late Great Planet Earth* [A Agonia do Grande Planeta Terra], como o próprio LaHaye reconhece:²¹

“O nome Moscou vem do nome tribal Meseque, e Tobolsk, o nome do estado principal, vem de Tubal. O substantivo Gogue é do nome tribal original, Magogue, que gradualmente se tornou Rosh, depois Rus, e hoje é conhecido como Rússia. No livro muito interessante *The Late Great Planet Earth*, meu amigo Hal Lindsey apresenta uma longa discussão sobre a identidade dessas nações. Eu fiquei tão impressionado com a precisão de suas fontes e seu legível estilo que eu obtive permissão para citá-lo longamente, com notas de rodapé numeradas indicando suas fontes”.²²

A designação de que Rôs seria a moderna Rússia foi introduzida na primeira edição da *Scofield Reference Bible* [Bíblia de Referência Scofield] em 1909 e na edição revisada de 1917. Para um grande público cristão interessado na profecia bíblica, Scofield escreveu que “a referência a Meseque e Tubal (Moscou e Tobolsk) é uma marca clara de identificação (isto é, com a Rússia)”.²³ Tal sustentação é absurda, uma vez que Meseque e Tubal eram nações que faziam parcerias comerciais com nações vizinhas a Israel no tempo do profeta Ezequiel (Ezequiel 27:13).²⁴ “Isso mostra que Meseque e Tubal eram nações que existiam então, no século VI a.C. Portanto, eles não podem se referir a Moscou e Tobolsk, que não foram fundados até muitos séculos mais tarde”.²⁵ Como poderia a cidade de Tobolsk ter alguma ligação com a profecia bíblica, uma vez que a mesma está na Sibéria?

O dispensacionalista Charles H. Dyer situa Tubal e Meseque, na Turquia Oriental e Central.²⁶ Uma semelhante definição é usada por Ralph H. Alexander em seu comentário sobre Ezequiel em *The Expositor's Bible Commentary*.²⁷ Até mesmo o escritor e intérprete profético Mark Hitchcock teve que admitir que “é altamente duvidoso que a antiga Tiro estivesse negociando com pessoas na área tão ao norte quanto Moscou e Tobolsk”.²⁸ De fato, é de se duvidar que negociações comerciais tão longe fosse possível, uma vez que o terreno e a falta de rotas de transporte não estavam tão desenvolvidas, sem contar que havia riscos em conexão às viagens para transportar mercadorias e objetos de valor a longas distâncias somados aos custos envolvidos.

J. Paul Tanner oferece um resumo útil sobre essas questões:

“Qualquer identificação de Meseque com Moscou e Tubal com Tobolsk é bastante infundada. Yamauchi declara: “Desde o final do século XIX, os textos assírios que estavam disponíveis localizam Meshech (Mushku) e Tubal (Tabal) na Anatólia central e oriental, respectivamente. Estes estariam localizados no que é hoje a Turquia moderna. Para Ezequiel, Meseque e Tubal não eram cidades russas, mas antigos grupos étnicos que mantinham comércio com Tiro (27:13)”. Segundo Yamauchi, o Mushki da Anatólia central acabou fundidos com os frígios do oeste”.²⁹

Embora Scofield afirme que “todos concordam” que a Rússia encabeçará uma aliança contra Israel nos “últimos dias”, nem todos estão de acordo. Todos os que concordam com os pontos de vista de Scofield, Lindsey, LaHaye, Hindson, Thomas Ice, Hitchcock, Rodes e outros não podem suportar a interpretação dos numerosos cristãos que são historiadores, arqueólogos, comentaristas e linguistas que crêem na Bíblia. O escritor Charles L. Feinberg escreveu que, embora “tenha havido muitos escritores que conectaram o nome Rosh com os russos, mas isso geralmente não é aceito hoje”.³⁰ Edwin M. Yamauchi, professor de história em Miami e na University of Oxford, Ohio, é uma autoridade no assunto e mostra o problema da interpretação feita por Hal Lindsey quando escreveu que a palavra hebraica rosh “não pode ter nada a ver com a moderna “Rússia”. Isso seria um anacronismo, pois o nome moderno se baseia no nome Rus, que foi trazido para a região de Kiev, ao norte do Mar Negro, pelos vikings apenas na Idade Média”.³¹ Yamauchi enxerga tais interpretações como sendo “infundadas”, tendo “infelizmente adquirido ampla moeda no mundo evangélico através de muitos canais”.³²

Muitos intérpretes estudiosos no meio cristão concordam com o Dr. Yamauchi:

“Não há evidências do antigo Oriente Próximo de que um país chamado Rosh já existiu. Alguns entenderiam rosh como a Rússia

moderna. Os defensores dessa visão geralmente vão apelar à etimologia com base em sons semelhantes na audição entre duas palavras. Tais procedimentos etimológicos não são linguisticamente sólidos, nem a etimologia sozinha é um som hermenêutico sobre a qual interpretar uma palavra. A palavra “Rússia” é um termo do final do século XI d.C. Portanto, o dados [sic] não parecem apoiar uma interpretação de rosh como um nome próprio de uma região geográfica ou país”.³³

Quando se explica o que Rôš não significa é o primeiro passo dado para determinar seu significado. A metodologia que devemos seguir à risca deve assumir que a Bíblia é o primeiro lugar para entender o significado de uma palavra bíblica. Isto se torna mais especial ainda quando uma palavra em questão é tão comum dentro da própria Bíblia.

O significado bíblico de Rôš

A palavra hebraica traduzida como Rôš é uma palavra comum usada centenas de vezes no antigo Testamento. Com frequência é traduzida como “chefe”, “cabeça”, “começo” ou “fonte”. Só para citar um exemplo, *Rosh Hashaná* marca o começo do ano novo judaico. Essa data é descrita como um “alto dia santo” porque, segundo Gary DeMar,* é “o dia principal do chefe ou do cabeça do ano. Literalmente significa “cabeça do ano” ou “começo do ano”. Os judeus também comemoram *Rosh Hodesh*, o início do novo mês no calendário judaico e comemorado durante o tempo de adoração da manhã em uma sinagoga judaica (ver 1º Samuel 20:5). Existem sacerdotes em Israel e existem “chefes sacerdotes”. A palavra para “chefe” é rosh (2º Reis

* The Gog and Magog End-Time Alliance Israel, Russia, and Syria in Bible Prophecy, pg. 82. American Vision Press POWDER SPRINGS, GEORGIA. Copyright © 2016 by Gary DeMar.

25:18; 1º Crônicas 27:5; 2º Crônicas 19:11; 24:6; 26:20; 31:10; Esdras 7:5; Jeremias 52:24”. Miguel é chamado de “um dos principais príncipes” (Daniel 10:13). Rosh é usado 39 vezes em Ezequiel e é, por exemplo, traduzido como “cabeças” (1:22), “cabeça” (Ezequiel 5:1), “alto” (Ezequiel 6:13), “chefe” (Ezequiel 27:22) e “início” (Ezequiel 40:1). Qualquer concordância mostrará que a palavra hebraica rosh nunca é usada como um nome próprio que se refere a uma nação”.³⁴ Os que defendem que Rôš significa Rússia geralmente procuram apoio entre os estudiosos não dispensacionais para fundamentar suas argumentações. Só para citar um exemplo, o intérprete profético Mark Hitchcock cita o comentário de John Taylor sobre Ezequiel para dar suporte a sua alegação de que o nome “Rôš” deve ser traduzido como um nome próprio:

“John Taylor concorda... Que esta é a melhor maneira de traduzir o hebraico”.³⁵

Quem tiver uma oportunidade de fazer uma análise mais atenta dos comentários de Taylor verá que o mesmo sugere algo diferente. Taylor deixa claro que o intérprete deve abordar “esses dois capítulos” de Ezequiel com “cautela”, pois a “linguagem é a linguagem apocalíptica”, “em grande parte simbólica e às vezes deliberadamente sombria e até enigmática”.³⁶ Na verdade, Taylor acaba criticando “tais fantasias” que foram “perpetuadas pela Bíblia de Referência Scolfield” de que Ezequiel estaria descrevendo a Rússia moderna.³⁷

O escritor James D. Price apresenta uma tese acadêmica em que ele acredita que Rôš deve ser visto como um nome de local. Em sua argumentação ele diz que há nomes de lugares com sons semelhantes em outras línguas semíticas, por exemplo, rashu, reshu e rashi. Mas isso levanta uma grande questão, ou seja, não é porque no hebraico uma palavra soa como uma palavra em outro idioma que estaria significando a mesma coisa. Price argumenta que a gramática exige que a palavra Rôš “seja um substantivo (nome do local) em vez de um adjetivo (príncipe chefe). Como nós veremos, Rôš pode ser tomado como substantivo em Ezequiel 38 e 39 e ainda ter o significado de “chefe”.*

Daniel I. Block traduz Ezequiel 38:3 assim: “[Filho do homem], defina seu rosto em direção a Gogue, da terra de Magogue, o príncipe, chefe de Meseque e Tubal”.³⁸ Esta tradução satisfaz o argumento de Randall Price e outros de que rosh deve ser tratado como um substantivo.³⁹ Aqui está a opinião de Block:

“[Rôš] é, portanto, melhor entendido como um substantivo comum, e oferecendo uma definição mais próxima da [palavra hebraica] nasi [traduzida como 'príncipe']. Assim, o príncipe, chefe de Meseque e Tubal, combina o título preferido de Ezequiel para reis com uma designação hierárquica, a adição serve para esclarecer o termo arcaico anterior”.⁴⁰

Em outras palavras, se Rôš é um adjetivo ou um substantivo, de uma forma ou de outra significa “chefe”. No caso em questão, Gogue é o “príncipe-chefe”,⁴¹ “aquele que se destaca em uma pluralidade de príncipes”.⁴² Um exemplo moderno seria o presidente dos Estados Unidos como o “comandante chefe” que domina um grande número de subordinados. Block continua seu argumento de que “a identificação popular de Rôš com a Rússia é impossivelmente anacrônica e baseada em etimologia defeituosa” com as semelhanças de som “entre a Rússia e Rôš sendo puramente acidental”.⁴³ Block continua dizendo que a construção é semelhante a “Faraó, o rei do Egito” em Ezequiel 29:2–3; 30:21–22; 31:2; 32:2”.⁴⁴ O julgamento do Egito descrito em Ezequiel 29 é um evento que já foi cumprido. A linguagem ali usada é muito parecida com a de Ezequiel 38. “Os títulos “príncipe chefe” e “rei do Egito” são usados duas vezes no espaço de dois versículos nos dois capítulos. Isso mostra apoio à alegação de que “chefe” é um título e não um lugar”.*

* The Gog and Magog End-Time Alliance Israel, Russia, and Syria in Bible Prophecy, pg. 82-83. American Vision Press POWDER SPRINGS, GEORGIA. Copyright © 2016 by Gary DeMar.

Enquanto isso o intérprete profético Thomas Ice apela para o artigo de Price intitulado “*Rôs: Uma Antiga Terra conhecida por Ezequiel*”, para defender que Rôs é um grupo de pessoas que poderia ser identificado com a Rússia moderna. O problema é que Price nunca liga Rôs com a moderna Rússia. E o fato mais marcante é que a palavra “Rússia” nunca aparece em seu artigo.⁴⁵ Mesmo que Price esteja correto sobre Rôs ser o nome de um lugar que identifica um grupo de pessoas do tempo do profeta Ezequiel, isso prova por si só que Rôs não é um apelido para a Rússia moderna. Se Price estiver correto, Rôs era conhecido pelo povo do tempo de Ezequiel. Isso significa que Ezequiel profetizou a respeito de uma nação que estava perto dele. A interpretação mais confiável é entender a palavra hebraica Rôs no sentido comum para “chefe”.

4

O Extremo Norte, os Últimos Anos e Todas as Nações

Algumas objeções são feitas contra a interpretação de que Ezequiel 38 e 39 foi cumprido. Uma delas é a suposta prova de que o uso das frases “norte”, “fim dos anos” e “muitas nações” seria um indicativo de que a profecia seria cumprida em um futuro distante. Se a nossa interpretação for baseada no princípio de que a Bíblia se interpreta a si própria, vamos descobrir que essas três frases são comuns nas Escrituras Sagradas e indica um possível cumprimento durante o tempo em que Hamã procurou matar todos os judeus que viviam em seu tempo (Ester 3:6, 13).

O extremo norte

A revista *The Gentleman's Magazine* em sua edição de 16 de Outubro de 1816, traz um artigo que visa identificar os principais personagens da profecia de Ezequiel 38 e 39 como a França, sendo liderada pelo “príncipe chefe” Napoleão Bonaparte contra a Rússia, que “é chamada terra de aldeias não muradas” (Ezequiel 38:11)”.¹ De acordo com a ideia do autor desse artigo, a Rússia é o mocinho cristão e a França o bandido anticristão. Naquela época a França era considerada inimiga da igreja por causa de suas muitas políticas anticristãs durante o período da Revolução Francesa. Na Revolução Francesa a razão foi

exaltada como divina (a deusa “Motivo”), e um Ano Novo foi posto em prática visando derrubar o Calendário cristão. Nem mesmo a subida de Napoleão ao poder foi suficiente para mudar essas opiniões sobre a França anticristã. Naquele tempo a Rússia era considerada, pelo menos nominalmente, como cristã. A guerra entre Rússia e França estava nas manchetes dos jornais, e como acontece hoje, essas manchetes estavam influenciando na interpretação da profecia de Ezequiel. E como a França estava no “extremo norte” de Israel, pareceu ser um encaixe perfeito na profecia bíblica.

Semelhantemente, os intérpretes proféticos de nossos dias, como Tim LaHaye, Grant Jeffrey e Joel Rosenberg, tentam firmar que as “partes remotas do norte” de Ezequiel 38:6, 15; 39:2 deve ser uma referência à Rússia, mesmo porque a Rússia fica ao norte de Israel² e essa nação é uma potência militar com uma história de conquista, anti-semitismo e ateísmo. Em tempos passados essa interpretação se tornou popular nos EUA, pois a Rússia, antes União Soviética, era oficialmente atéia. Tal interpretação foi apresentada em vários livros mais antigos.³ Embora a Rússia esteja geograficamente ao norte de Israel, também é verdade que várias nações do tempo de Ezequiel estavam ao norte de Israel. Até mesmo sobre o Monte Sião é dito que está localizado “no extremo norte” (Salmo 48:2). “Esta é exatamente a mesma expressão usada em Ezequiel 38:6, 15; 39:2 e Isaías 14:13”⁴.

Segundo Gary DeMar, a “Bíblia costuma usar o norte como uma designação para uma área geográfica e isso inclui o norte e o nordeste. Por exemplo, Babilônia era principalmente a leste de Israel, mas Jeremias 4:6 adverte que o desastre que veio sobre Judá chegaria “do norte”, uma referência a Babilônia (Jeremias 1:13–15; 3:18; 6:1, 22; 10:22; Zacarias 2:6–7). Note que todas as famílias dos reinos do norte se espalharão por todos os habitantes da terra” (Jeremias 1:15)”.*

* The Gog and Magog End-Time Alliance Israel, Russia, and Syria in Bible Prophecy, pg. 90. American Vision Press POWDER SPRINGS, GEORGIA. Copyright © 2016 by Gary DeMar.

O intérprete Charles Dyer que ensina que Ezequiel 38 e 39 refere-se a uma batalha futura,⁵ afirma que “da terra do norte” e “partes remotas da terra” (Jeremias 6:22) são “uma descrição adequada dos babilônios (cf. Habacuque 1:6–11)”⁶ e suas invasões de Israel no século VI a.C. “Se a Babilônia invadir Israel a partir do norte, quando na verdade está na maior parte a leste de Israel, e norte é a “parte remota da terra”⁷; então, o “extremo norte” pode ter significado semelhante em Ezequiel (38:6, 15; 39:2).”^{*} Algo semelhante aconteceu quando Israel foi invadido pelos assírios (Sofonias 2:13) e persas (Isaías 41:25; Jeremias 50:3). Como exemplo, considere a descrição de uma invasão vinda do norte (com arcos, flechas e dardos) descrita na profecia de Jeremias:

“Eis que um povo vem do norte; uma grande nação e muitos reis se levantarão dos extremos da terra.

Armam-se de arco e lança; eles são cruéis, e não têm piedade...”.
(Jeremias 50:41-42)

Os “extremos da terra” poderia, segundo o intérprete moderno, parecer uma descrição muito além do mundo então conhecido pelo profeta. Mas, na verdade, o profeta Jeremias descreveu o julgamento de Babilônia (Jeremias 50:42). Não é o caso de que a Bíblia esteja enganada, mas os profetas usam linguagem típica de texto profético, usando hipérboles, simbolismos e poesia etc. E não é diferente no caso do profeta Ezequiel, quando ele usa a frase “partes remotas do norte”. É como Timothy Daily conclui, “da perspectiva da Terra Santa, os invasores desceram do norte, mesmo que seu local de origem fosse realmente a leste. Ezequiel está dando a direção da invasão, não o local de origem do invasor”.⁸

Essa análise de Daily é confirmada pelo arqueólogo Barry Beitzel quando afirma que “o uso da expressão “norte” pela Bíblia indica a direção de que um inimigo normalmente se aproximaria e não a

^{*} The Gog and Magog End-Time Alliance Israel, Russia, and Syria in Bible Prophecy, pg. 90. American Vision Press POWDER SPRINGS, GEORGIA. Copyright © 2016 by Gary DeMar.

localização de sua terra natal”.⁹ Isto vale igualmente para qualquer exército invasor que viesse pelo norte e leste de Israel. Esses exércitos também teriam que vir a Israel pelo norte, pois o mar Mediterrâneo fica a oeste de Israel. Tanner termina:

“Norte” não se refere tanto à localização geográfica precisa da direção de Israel, mas sim para a direção do avanço e ataque a Israel (exércitos vieram contra Israel do norte). Isto é como Jeremias via a Babilônia, embora a Babilônia fosse tecnicamente para o leste. Conseqüentemente, não existe uma base firme sobre a qual interpretar Gogue como a Rússia”.¹⁰

Mesmo o intérprete profético Wilbur M. Smith, o qual vê Ezequiel 38 e 39 para se cumprir ainda, reconhece que os maiores inimigos de Israel sempre invadiram pelo norte:

“A Síria estava imediatamente ao norte, e os babilônios, enquanto geograficamente a leste da Palestina, foram obrigados a entrar em Israel a partir da norte, ao invés de apressar seus exércitos através de um vasto deserto”.¹¹

Os termos citados na Bíblia jamais devem ser interpretados de maneira de categorias geopolíticas modernas ou através de uma geografia de nações mencionadas por Ezequiel, as quais existiam em sua época. O leitor da profecia de Ezequiel por volta do ano 600 a.C., entenderia que as “extremidades do norte” não se estendia além da Ásia Menor. As regiões além da Ásia Menor eram sem acesso para viajantes comuns. “Mais um fato é digno de observação aqui. No versículo 6 [de Ezequiel 38] essa mesma localização geográfica descrita como “extremo norte” também é dada a Togarma, mas todos os intérpretes deverão concordar que esse povo fica a leste da Ásia Menor. Se a Ásia Menor estivesse no extremo norte o suficiente para Togarma, por que não para Gogue? O problema [para o futurista] é óbvio”.¹²

É mais provável que Togarma se localizasse ao extremo norte do Império Persa. Se observarmos da perspectiva de Israel, essas eram “as extremidades do norte”.

A lista de nações

Joel Rosenberg é também um defensor de que a profecia de Ezequiel 38-39 descreve as nações modernas que atacarão Israel. Para isto, ele oferece um argumento detalhado em seu romance intitulado *The Ezekiel Option* (2005) [A Opção de Ezequiel (2005)] que pode ser encontrado em muitos outros livros de interpretação da profecia:

“A *The Ezekiel Option* é baseada nas profecias encontradas na Bíblia, especificamente no livro de Ezequiel, capítulos 38 e 39. Notavelmente, o profeta hebreu Ezequiel, escrevendo mais de 2.500 anos atrás, foi capaz de olhar para os corredores do tempo e ver nações ainda não nascidas e alianças ainda não formadas. Ao fazê-lo, ele predisse a ascensão de uma aliança militar russa com o Irã e outros países do Oriente Médio para aniquilar Israel durante os “últimos dias” da Terra. Isso é conhecido por muitos estudiosos da Bíblia como a “Guerra de Gogue e Magogue”. Nessa guerra, Ezequiel diz que o mundo verá um julgamento sobrenatural desses inimigos de Israel, e um despertar espiritual inigualável na história humana”.¹³

Rosenberg escreveu que é dever do intérprete “decodificar” esses “países que parecem enigmáticos”.¹⁴ A Bíblia mostra o contrário, ou seja, essas nações não são enigmáticas e não há necessidade decodificá-las. O próprio Rosenberg admite que essas nações têm uma longa história na Bíblia. É justamente por causa de uma escatologia futurista, que os intérpretes modernos são obrigados em ver essas nações como nações modernas, mesmo sugerindo que “os Estados Unidos podem ter um papel indireto a desempenhar em uma coalizão do fim dos tempos na guerra com Israel”.¹⁵ Considere o que Rosenberg escreveu:

“Como você pode ver por si mesmo, as palavras Rússia, Moscou, União Soviética e czar nunca aparecem nessas passagens. Nem elas aparecem em algum lugar do livro de Ezequiel. Nem são elas mencionadas em qualquer lugar da Bíblia. Mas não há dúvida de que o profeta antigo estava se referindo à nação que agora conhecemos como Rússia”.¹⁶

Como é possível esse intérprete que diz seguir uma interpretação literal da Bíblia admitir “nem são elas mencionadas em qualquer lugar da Bíblia” e depois afirmar que a profecia de Ezequiel apontava um cumprimento 2600 anos no futuro? Na melhor das conclusões, a tentativa de interpretação de Rosenberg em vincular nações antigas às nações modernas é uma inferência baseada em uma variedade de suposições não comprovadas. O intérprete profético Ed Hindson segue uma metodologia semelhante. “Como você pode ver no gráfico* abaixo, não há correspondências contemporâneas de nações e seus nomes”.¹⁷

Nomes Antigos	Nomes Modernos
Rôs	Rússia
Magogue	Rússia
Meseque	Turquia
Tubal	Turquia
Pérsia	Irã
Cuxe	Sudão
Pute	Líbia
Gômer	Turquia
Casa de Togarma	Turquia

De acordo com Rosenberg, Deus olhou “pelos corredores do tempo” para “ver nações ainda não nascidas e alianças ainda não formadas”.* É óbvio que Deus é capaz de fazer isso, e justamente por

* The Gog and Magog End-Time Alliance Israel, Russia, and Syria in Bible Prophecy, pg. 93. American Vision Press POWDER SPRINGS, GEORGIA. Copyright © 2016 by Gary DeMar.

ser, porque Ele não deu os nomes exatos das nações que iriam batalhar contra Israel em nosso tempo moderno? Porque Deus não inspirou o profeta para escrever “Irã, Iraque, Sudão, Turquia, Alemanha e Armênia mencionados pelo nome, nações que Rosenberg e Hindson dizem que farão parte dessa guerra mundial do fim dos tempos?”*

Seguindo raciocínio semelhante de Rosenberg, o teólogo John F. Walvoord escreveu que “nenhum dos nomes de lugares em Ezequiel 38:1–7 existe em qualquer mapa”. Ele segue com esta admissão:

“Ezequiel usou antigos nomes que eram familiares às pessoas de seus dias”.¹⁸

Baseados na declaração acima, devemos entender que Deus queria que os primeiros leitores do profeta Ezequiel entendessem que eram as nações de seu tempo que faziam parte da invasão prevista. Por que Deus confundiria os intérpretes modernos e os primeiros leitores de Ezequiel usando nomes de nações antigas? Walvoord acredita que tem a resposta a esta pergunta:

“Embora os nomes dessas localizações geográficas tenham mudado muitas vezes ao longo da história e podem mudar novamente, o território geográfico permanece o mesmo. Independentemente de quais nomes eles podem ter no momento dessa invasão, são essas áreas geográficas específicas que serão envolvidas. Cada uma dessas antigas localizações geográficas do tempo de Ezequiel será examinada brevemente, e os modernos a contraparte será identificada”.¹⁹

Não há indicação na profecia de Ezequiel de que haja importância na geografia ao invés das nações citadas. Por que citar nomes que seriam menos importantes para a profecia? É certo que aqueles que primeiro

* The Gog and Magog End-Time Alliance Israel, Russia, and Syria in Bible Prophecy, pg. 93. American Vision Press POWDER SPRINGS, GEORGIA. Copyright © 2016 by Gary DeMar.

leram a profecia a teriam conectado com às nações que existiam em seu tempo. Jamais os primeiros leitores teriam imaginado em conectar a profecia a um tempo distante deles e que os nomes dessas nações pudessem mudar. Essas nações são nomeadas em Ezequiel 38-39 porque elas seriam envolvidas na invasão a Israel. Mais uma vez deve prevalecer a leitura do “senso comum” ao invés de uma metodologia interpretativa precariamente construída, a qual não pode ser sustentada em seus próprios princípios fundamentais.

Nos últimos dias

Em Ezequiel 38:16 temos o tempo em que a batalha de Gogue e Magogue será: “Nos últimos dias sucederá”. Em muitos casos encontrados nas Escrituras, a frase hebraica frequentemente traduzida “últimos dias” significa nada mais do que “nos dias futuros”, “mais tarde” ou “nos próximos dias”. Segundo alguns estudiosos, o hebraico do Antigo Testamento não tem uma palavra para “futuro” ou “no futuro distante”. É justamente por isso que J. A. Thompson conclui que “a frase nos últimos dias não precisa ser interpretada escatologicamente, mas apenas no sentido de ‘no futuro’”.²⁰ No Antigo Testamento encontramos “dias passados” (Deuteronômio 4:32) - o passado - e existem “dias futuros” (Deuteronômio 4:30) - uma expectativa do que está por vir.²¹ Temos a confirmação disso quando Moisés fez uma descrição do que acontecerá depois que ele morrer:

“Porque eu sei que depois da minha morte certamente vos corrompereis, e vos desviareis do caminho que vos ordenei; então este mal vos alcançará nos últimos dias, quando fizerdes mal aos olhos do Senhor, para o provocar à ira com a obra das vossas mãos”.
(Deuteronômio 31:29)

Quando Moisés fala para os israelitas que o “mal vos alcançará nos últimos dias”, ele não está se referindo a um tempo milhares de anos

no futuro para descrever o que acontecerá em um futuro distante. A frase “últimos dias” em Deuteronômio é uma referência ao período dos juízes:

“Por isso a ira do Senhor se acendeu contra Israel, e disse: Porquanto este povo transgrediu a minha aliança, que tinha ordenado a seus pais, e não deram ouvidos à minha voz, Tampouco desapossarei mais de diante deles a nenhuma das nações, que Josué deixou, quando morreu...”.

(Juízes 2:20-21)

O sonho de Nabucodonosor quando interpretado pelo profeta Daniel, lhe é explicado sobre o que acontecerá nos “últimos dias” (Daniel 2:28). A profecia relatada em Daniel capítulo 2 foi cumprida no futuro, o “fim dos dias” do reino da Babilônia, quando os medos e persas conquistaram Babilônia e mataram Belsazar (Daniel 5:25–31), sendo seguido pelos gregos destruindo os medos e persas, e Roma vencendo os gregos. Foi durante a época do ministério de Jesus que Roma estava no poder, e ela representa o quarto reino descrito no sonho de Nabucodonosor (Daniel 2:40-43). Portanto, não existe razão para saltar quase 2000 anos da chamada era da Igreja ignorando todos os detalhes do sonho de Nabuconodosor, da mesma forma que não se pode interpretar a profecia de Ezequiel fazendo com que ela se ajuste a um cenário do fim dos tempos que incluía nações com nomes diferentes lutando com armas antigas.

De acordo com Jeremias 48:47, o Senhor prometeu “restaurar a sorte de Moabe nos últimos dias”. Para Elão é feita uma promessa semelhante:

“Acontecerá, porém, nos últimos dias, que farei voltar os cativos de Elão, diz o Senhor”.

(Jeremias 49:39)

O cumprimento desta última profecia aconteceu na era do Novo Testamento, o tempo que Joel descreveu como os “últimos dias” (Joel 2: 28–32). O apóstolo Pedro explicou que o que estava acontecendo

Nos “últimos dias”	Cumprimento
Gênesis 49:1	Os descendentes imediatos de Jacó
Números 24:14	Davi destruiu os Moabitas
Deuteronômio 4:30	Período dos juízes
Deuteronômio 31:29	Período dos juízes e seguintes
Isaías 2:2-4; Miquéias 4:1	Período do Messias
Jeremias 23:30; 30:24	Babilônia
Jeremias 48:47	Pentecostes
Jeremias 49:39	Pentecostes
Daniel 2:28	Sucessão de potências mundiais antigas
Daniel 8:17, 19	Antíoco Epifanes (175-164 a.C.)
Daniel 10:14	Ciro a Antíoco Epifanes
Oséias 3:5	Atos 2

no dia de Pentecostes era o auge da Antiga Aliança, chamados “os últimos dias”:

“Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel: E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, Que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne; E os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, Os vossos jovens terão visões, E os vossos velhos sonharão sonhos...”.

(Atos 2:16-17)

O escritor de Hebreus também acreditava que estava vivendo nos “últimos dias”:

“Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho...”.

(Hebreus 1:1)

Os “últimos dias” que estavam acontecendo no tempo dos apóstolos era uma referência ao final da era da Antiga Aliança (ver 1ª Coríntios 10:11). Os que estavam incluídos nas bênçãos dos “últimos dias” eram os “Partos e medos, elamitas e os que habitam na Mesopotâmia, Judéia, Capadócia, Ponto e Asia, e Frígia e Panfília, Egito e partes da Líbia,

junto a Cirene, e forasteiros romanos, tanto judeus como prosélitos, Cretenses e árabes, todos nós temos ouvido em nossas próprias línguas falar das grandezas de Deus” (Atos 2:9-11). Também estavam incluídos “judeus, homens religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu” (Atos 2:5). Baseados nessas evidências podemos dizer que os descendentes de Moabe e Elão ouviram e receberam a Jesus Cristo no dia de Pentecostes.

Até mesmo alguns dispensacionalistas nem sempre vêem os “últimos dias” como referindo-se a eventos escatológicos de um futuro distante. Thomas Ice escreveu:

“Às vezes, os cristãos leem na Bíblia sobre os “últimos dias” ou “fim dos tempos”, e tendem a pensar que todas essas frases, o tempo todo, seriam a mesma coisa. Este não é o caso, assim como em nossas próprias vidas, existem muitos finais: existe o final do dia de trabalho, o final do dia de acordo com o relógio, o final de semana, etc. Só porque a palavra “final” é usada não significa que sempre se refere ao mesmo tempo.

A palavra “fim” é restrita e definida com precisão quando é modificada por “dia”, “semana”, “ano” etc. etc. Assim está na Bíblia o “fim dos tempos” podendo se referir ao fim da era da igreja ou para outros momentos”.²²

O futurista Joel Rosenberg mostra sua semelhante interpretação de Ezequiel 38 e 39:

“É importante observar que o termo hebraico traduzido como “os últimos dias” também podem ser traduzidos como “no futuro distante” (NLT) ou “nos próximos dias” (NIV)”.²³

O significado dessa frase não é por definição uma referência a um futuro escatológico distante. Mais uma vez, temos um encaixe perfeito com os outros elementos descritivos que lemos nos textos de Ezequiel 38-39 e Ester. O profeta Ezequiel escreveu sobre o que aconteceria no futuro. Em Provérbios 31:25, lemos sobre a mulher virtuosa que “sorri no futuro”. A tradução literal desse provérbio de Salomão seria

“últimos dias”, pois o contexto deixa claro que “os últimos dias” não é uma referência a algum futuro escatológico distante. É justamente por isso que os tradutores prudentemente traduzem como “no futuro” ou “coisas por vir”. A palavra hebraica que Salomão usou em Provérbios 31:25 é *acharown* e é quase idêntica a do texto hebraico de Ezequiel 38:16 (*achariyth*).²⁴ O que Ezequiel quis descrever era o que aconteceria em seu futuro.

Todas as nações

O profeta Ezequiel também usa a frase “todas as nações” várias vezes (Ezequiel 39:21, 23). É óbvio o suficiente que essa frase em questão descreve todas as nações então conhecidas do tempo do profeta, as nações que formaram a coalizão de forças que juntou-se a Hamã em seu ataque planejado contra o povo de Israel. O povo de Israel estava ciente que se eles não obedecessem aos mandamentos de Deus, eles seriam espalhados “entre as nações” (Levítico 26:33, 38; Deuteronômio 4:27; Jeremias 9:16; cp. Ezequiel 36:19, 21–22) e seriam dispersos “entre as terras” (Ezequiel 20:23; 22:15). Quando o texto de Neemias 6:6 diz que “entre os gentios se ouviu” que os judeus planejavam se rebelar, isso não pode necessariamente ser uma descrição de cada nação do mundo de nossos dias. A dispersão de Israel acontece entre as nações gentias conhecidas por Israel naquele tempo. Quando em Ezequiel 25:8 Judá é descrita com “todas as outras nações”, o que está em jogo aqui, na verdade, são todas as nações que estavam em redor dela naquele tempo do profeta.

O rei da Pérsia, Ciro, declarou:

“No primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia, para que se cumprisse a palavra do Senhor, por boca de Jeremias, despertou o Senhor o espírito de Ciro, rei da Pérsia, o qual fez passar pregão por todo o seu reino”.

(Esdras 1:1)

Algumas traduções trazem “todos os reinos da terra” ao invés de “todo o seu reino”, mas essa referência é a todos os reinos sob sua posse naquele tempo. O Império Persa não abrangia todo o Planeta Terra. A frase “todas as nações” é usada várias vezes na Bíblia e a referência é sempre às nações conhecidas do tempo de sua escrita. Aqui estão alguns exemplos:

- “Assim se espalhou o nome de Davi por todas aquelas terras; e o Senhor pôs o temor dele sobre todas aquelas nações” (1º Crônicas 14:17).
- Quando o profeta falou sobre Nabucodonosor, rei da Babilônia: “E todas as nações servirão a ele, e a seu filho, e ao filho de seu filho, até que também venha o tempo da sua própria terra, quando muitas nações e grandes reis se servirão dele” (Jeremias 27:7).
- “Todas as nações me cercaram, mas no nome do Senhor as despedaçarei” (Salmos 118:10).
- “E em Jerusalém estavam habitando judeus, homens religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu” (Atos 2:5).
- “Mas que se manifestou agora, e se notificou pelas Escrituras dos profetas, segundo o mandamento do Deus eterno, a todas as nações para obediência da fé...” (Romanos 16:26).

A frase “todas as nações” ou “aquelas terras” são descrições do mundo conhecido dos primeiros leitores da Bíblia, o qual era governado por impérios que incorporavam nações à sua órbita política. Fica de fato comprovado que os primeiros leitores de Ezequiel 38 e 39 teriam entendido que a profecia deveria ser cumprida no futuro deles. Eles conheciam os limites do império que os havia subordinado. O “extremo norte” era entendido como a fronteira mais setentrional de seu mundo conhecido. A frase “últimos dias” – que alguns tentam interpretá-la como nosso tempo moderno - era uma frase que

significava um futuro não especificado. Não há no texto de Ezequiel indicação alguma de que ele estivesse falando de um futuro tão distante de seu tempo, futuro esse que teria uma mudança nos nomes das nações.

5

Rôs entre os comentaristas

Os comentaristas que defendem que a palavra Rôs (ou rosh) significa Rússia, apelam para uma série de autoridades históricas mais antigas para apoiar sua interpretação. Essas autoridades históricas mais antigas são a Septuaginta (LXX) – que é a tradução grega do Antigo Testamento hebraico - o lexicógrafo do século XIX de Wilhelm Gesenius e os comentaristas William Lowth e Carl Friedrich Keil, das famosas séries de comentários de Keil e Delitzsch do Antigo Testamento. Não podemos ignorar esses estudiosos antigos descartando-os, mas seus pontos de vista não devem ser considerados inatacáveis. Há muito tempo uma grande quantidade de estudos que lançam mais luz sobre os livros bíblicos nas áreas de arqueologia, estudos de idiomas, gramática, história e lexicografia têm sido publicados.

A Septuaginta (LXX)

O argumento mais colossal para um lugar chamado Rôs na antiguidade é da Septuaginta, na maioria das vezes abreviada como LXX. Seu título completo em Latim é *Interpretatio Septuaginta Vitorum* ou “A Tradução dos Setenta Homens”.¹ Essa tradução do hebraico para o grego foi feita em etapas entre o terceiro e primeiros séculos

a.C. em Alexandria, Egito.² A Septuaginta foi traduzida durante os últimos anos do Império Grego e o início da ascensão do Império Romano como potência mundial. Uma análise do tempo e do contexto histórico da tradução da Septuaginta pode nos ajudar a entender porque seus tradutores ao traduzirem Ezequiel escolheram transliterar do hebraico para o Grego o nome do lugar Ρως (Rōs ou Rhōs).³ Devemos sempre ter em mente que a Septuaginta é uma tradução do hebraico e “difere do Cânone hebraico na qualidade de sua tradução... [Alguns] mantiveram que os tradutores nem sempre eram bons eruditos hebreus”.⁴ Há várias diferenças no texto da Septuaginta quando comparado ao texto hebraico de Ezequiel 38 e 39. Por exemplo, a Septuaginta tem “terra” em vez de “montanhas” em Ezequiel 38:8. Em Ezequiel 39:6 “Magogue” é traduzido como “Gogue”. Faltam as duas últimas cláusulas de Ezequiel 39:28.⁵ A palavra hebraica para “Espírito” (ruach) em Ezequiel 39:29 é traduzida como “raiva” (thumos) em grego.

Além disso, alguns problemas de tradução raramente são observados por aqueles que acreditam que a Septuaginta tem autoridade na tradução adequada da palavra Rōs. Clyde E. Billington nos lembra “que todas as traduções da Bíblia, para maior ou menor extensão, refletem os preconceitos teológicos de seus tradutores”.⁶ Podemos acrescentar que além dos preconceitos teológicos dos tradutores, as condições culturais de cada tempo também exercem influência. Temos o exemplo da palavra grega *pascha* que aparece 29 vezes no Novo Testamento, e é somente em Atos 12:4 que a versão King James (1611) a traduz como “Páscoa”.⁷ Os tradutores fizeram com que um festival religioso comemorativo que havia sido praticado pela igreja há séculos se aplicasse à um evento descrito no Novo Testamento. A única tradução possível é “Páscoa” baseada na palavra hebraica *pesach*, “passar adiante” (Êxodo 12:11).

A palavra “Páscoa” era desconhecida no primeiro século da era cristã. Não podemos achar que os tradutores da Septuaginta eram diferentes dos tradutores de hoje que discordam sobre a tradução de Ezequiel 38:2–3 e 39:1 como “príncipe chefe” ou “príncipe de Rōs”. O Novo Padrão Americano,⁸ a nova versão da Bíblia King James,

revisada em inglês e outras traduções renderizam o grupo de palavras como “o príncipe de Rôs”, enquanto a *Vulgata Latina* de Jerônimo (425 d.C.), a Bíblia de Genebra (1587), a King James original (1611), *New Living Translation*, *New International*, e outras versões em inglês traduzem a frase como “príncipe principal”. Além disso, as traduções da *Jewish Publication Society*, a *Complete Jewish Bible* e as versões em peshitta (síriaca) traduzem Ezequiel 38:2–3 e 39:1 como “chefe príncipe de Meseque e Tubal” e não “príncipe de Rôs”. É fato que todos os tradutores que trabalharam nas traduções citadas acima tiveram acesso ao texto da Septuaginta, e a maioria deles não achou convincente sua tradução de Rôs como um nome de lugar.

Como Ron Rhodes admite, “o problema para os intérpretes da Bíblia é que em Ezequiel 38–39, o termo poderia ser um nome próprio ou um adjetivo. Muitas traduções para o inglês tomam o termo como adjetivo e traduzem a palavra como “chefe”.⁹ Por isto, é bastante evidente que a palavra Rôs significa “chefe” ou “cabeça” e é usada centenas de vezes na Bíblia, mas em nenhum lugar é identificada como uma nação, povo ou grupo. Quem traduz a palavra Rôs para se referir a um grupo de pessoas está lendo a história de volta à Bíblia sem qualquer justificativa bíblica.

Precisamos saber o que estava acontecendo politicamente durante a composição da Septuaginta, pois algo pode ter influenciado a transliteração da palavra hebraica Rôs em um nome de lugar. Naquela época Roma era a ameaça do Norte contra o reino de Israel. Assim hoje há aqueles que tentam associar Rôs com a Rússia moderna, é bem possível que os tradutores judeus possam ter pensado em associar Rôs a Roma por causa de uma possível ameaça de uma invasão semelhante à maneira como Antíoco IV (215-163 a.C.) invadiu Israel. A identificação de Rôs como Roma tem um pano de fundo, algo histórico para se considerar.

Tenha em mente as seguintes considerações. Os primeiros termos usados pelos cristãos, as palavras Gogue e Magogue eram frequentemente identificados com os romanos e seu imperador. É possível que Eusébio de Cesareia parece ter sido o primeiro pai da igreja a sugerir essa identificação. Na opinião dele, Gogue é o príncipe

de “Ros” que significa Império Romano. Em sua obra intitulada *“Demonstração do Evangelho”*, Eusébio (263-339 d.C.) escreveu que “o profeta Ezequiel também menciona Gogue, nomeando-o governador de Rôs, Mosoeh e Thobel, provavelmente disfarçando a cidade de Roma sob o nome de Ros, porque o império e poder são significados em hebraico por essa palavra [Rôs]”,¹¹ pois tem o significado de “cabeça”. Portanto, há a possibilidade de que os tradutores da Septuaginta viram na palavra hebraica Rôs, assim como Eusébio de Cesareia fez centenas de anos depois, uma forma de identificar a ascensão de terríveis inimigos ao norte de Israel em seus dias.¹² Eles já sabiam através do inspirado profeta Daniel que haveria “um quarto animal, terrível e aterrorizante e extremamente forte” que teria “dentes de ferro grandes que devorariam, esmagariam e pisariam o restante com suas pés; e era diferente de todas as bestas que existiam antes e tinha dez chifres” (Daniel 7:7). Naquela época da tradução da Septuaginta Roma era o candidato perfeito para cumprir uma invasão do “extremo norte”. Quando a Septuaginta estava em fase de conclusão, a Grécia havia sido desmembrada (Daniel 8:8, 22) e mais tarde foi “esmagada e pisoteada” por Roma, o quarto animal que Daniel viu “subir do mar” (Daniel 7:3; também ver também Daniel 2:40–43).

Wilhelm Gesenius

O escritor Heinrich Friedrich Wilhelm Gesenius (1786-1842) era um hebreu lexicógrafo e professor de teologia de extraordinária habilidade na Universidade de Halle, na Prússia. Seu trabalho digno de nota é o *Hebrew and Chaldee Lexicon*, cuja primeira parte foi publicada em 1829. Nessa obra, Gesenius determina que a palavra Rôs é “uma nação do norte, mencionada com Tubal e Meseque; indubitavelmente os russos”.¹³ Todos aqueles que acreditam que Rôs deve ser identificado como a Rússia moderna apelam a obra de Gesenius. Gesenius

identifica Rôs como a Rússia com base nas opiniões seletivas de outros.¹⁴

Há na antiguidade nomes semelhantes de pessoas e de grupos que não significam nenhum trecho da imaginação que eles relacionam com a Rússia moderna! De todas as obras que um estudante bíblico pode estudar, que usam argumentos semelhantes aos delineados por Gesenius, é possível identificar que existe uma única linha de raciocínio defeituosa, ou seja, o fato de existir grupos de pessoas com nomes que soam como a palavra hebraica Rôs que deve haver um relacionamento com esses grupos de pessoas que Ezequiel descreveu. Podemos chamar essa falácia de “paralelomania”. Como foi mencionado no capítulo anterior, é curiosamente estranho que todos os nomes listados em Ezequiel 38 e 39 são encontrados com destaque nas Escrituras, exceto o nome Rôs. Como Meseque e Tubal são sempre ligados na literatura secular e bíblica (Gênesis 10:2; Ezequiel 27:13; 32:26),¹⁵ parece que o ônus da prova recai sobre aqueles que afirmam Rôs seria um nome de lugar descrito na Bíblia como fonte histórica indiscutível.

Observe que um trabalho como o de James Price limita a capacidade de até mesmo um profundo estudante da Bíblia:

“Devido ao fenômeno fonético conhecido como cananéia turno, a palavra é pronunciada ros em hebraico e dialetos cananeus, mas em outras línguas semíticas é pronunciado como "rasu" (árabe), "res" (arâmico), "ris/resu" (acadiano). A vogal final (u) é o caso nominativo que termina: vogais finais alternativas fornecem o genitivo (rasi/resi) e o acusativo (rasa/resa)”¹⁶

Se a declaração estiver certa (somente alguns especialistas saberiam?), então tal argumento poderia provar apenas que havia grupos de pessoas na lista do profeta Ezequiel cuja designação de nome soa como a palavra hebraica Rôs, e que em qualquer outro lugar do Antigo Testamento nunca se refere a um nome de lugar específico. Não há nenhum vínculo lógico entre o argumento acima e a alegação de que o profeta Ezequiel escreveu uma profecia sobre a Rússia moderna só porque a palavra Rôs parece-nos semelhante com a pronúncia Rússia.

A indagação principal na profecia de Ezequiel é se o profeta pretende identificar um grupo de pessoas chamado Rôs que atacará Israel mais do que 2600 anos além de seu tempo. A respeito desta indagação, nem Gesenius, James Price, e Clyde Billington podem dar uma resposta do tipo: “Assim diz o Senhor”.

O que temos como mais provável é que o profeta Ezequiel estava identificando um líder, um “príncipe chefe” que lideraria um exército contra Israel alguns anos após a profecia ser revelada, justamente para incentivar o Israel de seu tempo sobre a verdade de que Deus os resgataria. A própria Bíblia mostra que tal ameaça de invasão foi feita nos eventos descritos no livro de Ester. O livro de Ester diz que Hamã foi descrito como tendo “autoridade sobre todos os príncipes que estavam com ele” (Ester 3:1). Não há necessidade de tentar encaixar a profecia de Ezequiel em um cumprimento num futuro distante quando a Bíblia nos deu sua incontestável resposta.

Assim como aconteceu com os tradutores da Septuaginta e muitos intérpretes da profecia (tanto do passado como do presente), Gesenius pode ter sido influenciado pela política do seu tempo. “No século XIX”, Iain Duguid ressalta, “no contexto das tensões na Ásia Menor que culminaram na Guerra da Crimeia, Wilhelm Gesenius identificou Rôs como Rússia”.¹⁸ É por isto que a definição de Gesenius a respeito de Rôs começa “sem dúvida com os russos” como uma suposição operacional. A Rússia estava ativa por um tempo com seu poderio militar e objetivos expansionistas, e na Prússia, onde Gesenius estava ensinando na época, foi impactada. Dwight Wilson pergunta:

“Se Gesenius e outros estudiosos alemães não tivessem escrito em uma era de intenso nacionalismo alemão (no período pós-napoleônico era após o Tratado de Tilsit [1807] pelo qual o czar Alexandre I e Napoleão dividiram a Prússia), eles teriam sido tão certos quanto à identificação deles?”¹⁹

É preciso adicionar um ponto aqui. Billington argumenta que nós precisamos ir para a versão original em latim do léxico de Gesenius intitulada *Thesaurus Linguae Hebraeae et Chaldaeae Veteris Testamenti*²⁰ para

termos uma resposta definitiva quanto ao uso adequado de Rôs. Esta obra multi-volume foi completada após a morte de Gesenius por Ernst Roediger. Billington escreveu que a extensa discussão acerca de Rôs de Gesenius “não aparece em qualquer uma das versões em inglês do Lexicon de Gesenius”.²¹ É neste léxico que muitos afirmam que encontraremos evidências irrefutáveis de que Rôs é o nome antigo da moderna Rússia.

Gesenius não pôde oferecer sequer um único argumento bíblico sobre isto, algo que devemos esperar de um léxico da Bíblia Hebraica. Ele afirma que “o [Aramaico] Targum Pesch, Áquila [117–138] e a Vulgata Latina [Século V d.C.] traduziram incorretamente ‘Rôs’ como adjetivo ‘chefe príncipe de Meseque e Tubal’”, e assim, ele oferece uma justificativa bíblica por que a tradução deles teria sido imprópria. Uma objeção não prova um argumento.

De fato Gesenius foi um grande lexicógrafo, mas o problema é que ele não era uma autoridade em história antiga. No ano de 1886, Charles H. Wright disse que Gesenius dependia de “escritores bizantinos do décimo século para afirmar que o Rosh de Ezequiel... era uma nação cita pertencente para aqueles que vivem perto da gama de montanheseiros de Touro.... Tem, no entanto, desde que os estudiosos demonstraram que o nome russo é de origem escandinava... Portanto, não existe uma conexão real entre o nomes Rosh e o russo. Nem é absolutamente certo que a tradução 'Príncipe de Rosh' é a versão mais correta”.²²

Foi após o léxico de Gesenius ser traduzido para o inglês que os escritores-intérpretes da profecia da América do Norte começaram a aplicar sua interpretação de que a Rússia noticiada em seus dias era Rôs. Por exemplo, “John Darby identificou Gogue como a Rússia em seus escritos e em palestras. 'No hoje’, declarou ele em 1840”, podemos observar a Rússia estendendo seu poder exatamente sobre as nações que serão encontradas sob Gogue”.²³

O livro *The And* (O Fim) escrito por John Cumming foi publicado em 1855 como pano de fundo da Guerra da Crimeia, “que colocou a Rússia contra a Inglaterra e outros países de domínio no sudeste da Europa”.²⁴ Cumming descreveu a Rússia “como uma gigantesca avalanche do norte, pronta para irromper nas nações da Europa

cristã”.²⁵ Como a Rússia era aliada com a Alemanha, ele perguntou a seus leitores em 1855: “Não parece que a realização estava ocorrendo diante de nossos olhos?”²⁶ Cumming acreditava que a Rússia estava no processo de cumprir a profecia de Ezequiel a tal ponto que ela “irromperia, venceria toda resistência” e “marcharia para a Palestina”.²⁷ Se alterarmos as datas e alguns nomes de políticos, veremos que o trabalho de Cumming parece com qualquer interpretação contemporânea da profecia bíblica. O mesmo pode ser dito de F. E. Pitts, autor do livro *The U.S.A. in Prophecy* [Os EUA na Profecia].²⁸ Tim LaHaye usa a obra de Pitts para dar suporte ao seu argumento de que a Rússia é a líder da força de invasão de Ezequiel 38 e 39. O que LaHaye não mostra a seus leitores é que Pitts também acreditava que os Estados Unidos deveriam ser o novo Sião ou o “Israel Reunido”.²⁹

Tanto Cumming como Pitts foram dependentes da obra de Gesenius para por em prática suas opiniões sobre Rôs ser a moderna Rússia. É por isso que não devemos nos surpreender que a obra de Gesenius “tenha sido subsequentemente popularizada pela *Bíblia de Referência Scofield*, junto com a ideia tirada de outras fontes de que 'Meseque' e 'Tubal' são as cidades russas de Moscou e Tobolsk”.³⁰ A Alemanha e seus projetos na Europa durante a Primeira Guerra Mundial e a ascensão da Revolução Russa em 1917, Arno C. Gaebelin interpretou em 1918 que “Gomer” (Ezequiel 38:6) seria a Alemanha e Rôs seria a moderna Rússia.³¹ Seguindo essas linhas de raciocínio, podemos compreender que a história da interpretação de Ezequiel 38-39 é a história do que era a potência mundial dominante no momento em que as interpretações eram feitas. O que Gesenius discute sobre Rôs em seu léxico não é uma exceção. É lamentável que quase todos os intérpretes modernos da profecia bíblica citam acriticamente Gesenius como se a palavra dele fosse irrefutável.

William Lowth e os Comentários de C. F. Keil sobre Ezequiel

É dito que um dos primeiros comentaristas a interpretar Rôs como significando Rússia é o bispo William Lowth (1660-1732), da Inglaterra, que escreveu que os intérpretes da Septuaginta “adotam a palavra Rôs, comumente traduzida chefe, por um nome próprio; então eles traduzem a sentença assim, o príncipe de Rôs, Meseque e Tubal. Rôs, tomado como um nome próprio, significa os habitantes de Scythia, de onde os russos derivam seu nome”.³² O problema é que Lowth não ofereceu nenhum embasamento bíblico para essa interpretação e é difícil dizer se essa opinião é originalmente dele ou se ele está apenas citando alguns intérpretes que acreditavam que a tradução de Rôs em Ezequiel 39:1 é “chefe”. Pelo que parece, Lowth deve ter apelado para os comentários feitos pelo historiador Flávio Josefo do primeiro século (37–100 d.C.) que identifica Magogue, baseado na tabela de nações em Gênesis 10, com os Citas de sua época:

“Magogue fundou os magogianos, assim chamados depois dele, mas que eram gregos chamados “citas”.³³

É digno de nossa atenção que Josefo não faz nenhuma referência sobre Ezequiel e a identidade de Gogue. Nem mesmo o contexto sugere que Josefo esperava que os Citas desempenhariam um papel em uma guerra escatológica como a que foi descrita em Ezequiel 38–39. Josefo se concentra puramente em Gênesis 10 e a sua situação contemporânea. Os escritos de Josefo são contemporâneos com o Apocalipse, e são testemunhas de que Magogue ainda poderia ser referido individualmente sem conotação escatológica de associações com a profecia sobre Gogue em Ezequiel 38–39.³⁴

Além disso, os Citas foram contemporâneos da profecia de Ezequiel e também de Josefo, quando este escreveu suas *Antiguidades Judaicas*. Eles foram “subjugados pelos persas”³⁵ e “estavam entre os primeiros

arqueiros montados na antiguidade”, estando “entre os mais qualificados, capazes de disparar para trás enquanto andavam a galope”.³⁶

O profeta Ezequiel descreveu o povo Cita como vindo das “partes remotas do Norte... montando em cavalos” e usando “arcos e flechas” (Ezequiel 38:15; 39:9)? Alfred J. Hoerth ressalta que os citas “lutaram por conta própria ou contratados como mercenários para outras nações; eles estavam pouco preocupados com o lado em que estavam, desde que houvesse a possibilidade de saques”.³⁷ Teria Hamã contratado esses guerreiros habilidosos prometendo-lhes pilhagem?

Tanto C. F. Keil como Gesenius são apelados sob a alegação de que Rôš deve ser traduzido como um nome de local e identificado como a Rússia moderna. Thomas Ice é bem representativo sobre essa ideia:

“Os eminentes estudiosos hebreus C. F. Keil e Wilhelm Gesenius ambos sustentam que a melhor tradução de Rosh em Ezequiel 38:2-3 e 39:1 é como um nome próprio que se refere a uma localização geográfica específica”.³⁸

A maioria dos livros de intérpretes das profecias bíblicas atuais mencionam a Septuaginta, Gesenius e Keil em apoio a ideia de que Rôš significa Rússia e, quando não citam essas autoridades, citarão outras pessoas que interpretam o mesmo. Keil segue atrás dos argumentos de Gesenius, mas acrescentando que a tradução “príncipe principal” é “possível” devido a uma construção semelhante do hebraico em 1º Crônicas 27:5.³⁹ Há de fato uma construção paralela do “sumo sacerdote” encontrada em 1º Crônicas 27:5 (também ver 2º Reis 25:18; 2º Crônicas 19:11; 26:20; 31:10; Esdras 7:5; Jeremias 52:24), mas, no entanto, não há sequer alguma menção de um lugar chamado Rôš na Bíblia. É provável que a melhor tradução seja entender o uso de “Chefe” que é “uma intensificação do título [príncipe]”,⁴⁰ como em “príncipe principal”.

Keil argumenta que no hebraico “rosh nisi [‘chefe príncipe’] ou [‘príncipe de Rosh’] ocorre novamente no verso 3 e em Ezequiel 39:1, e em tais repetições títulos circunstanciais são geralmente abreviados”,

e é improvável que a tradução seja “príncipe chefe”. Esse argumento é desconcertante, pois ele afirma que o capítulo 39 “começa com uma repetição do comando para o profeta a profetizar contra Gogue (ver. Ezequiel 38:1-3)”.⁴¹ Hamã é descrito como “Hamã, filho de Hammedata, o Agagita” quatro vezes, duas vezes no mesmo capítulo (Ester 3:1, 10; 8:5; 9:24).⁴² Por que não há abreviação na identificação de Hamã no livro de Ester? Não há nada de errado usar a obra de Keil como suporte, mas devemos nos perguntar por que sua opinião é melhor do que a de Ernest W. Hengstenberg (1802-1869), que também escreveu um comentário sobre Ezequiel e foi o instrutor de Keil em hebraico. Aqui estão os comentários de Hengstenberg sobre o significado de Rôs:

“Gogue é príncipe sobre Magogue, além disso, príncipe chefe, rei dos reis sobre Meseque e Tubal, os Moschi e Tibareni (cap. xxvii. 13, xxxii. 26), que tinham seus próprios reis, mas aparecem aqui como vassalos de Gogue. Muitos expositores processam, em vez de príncipe chefe, príncipe de Rosh, Meseque e Tubal. Mas os pobres russos estão aqui muito injustamente arranjados entre os inimigos do povo de Deus. Rosh, como o nome de umas pessoas, não ocorre em todo o Antigo Testamento”.⁴³

Note que temos dois comentaristas lidando com a mesma passagem de Ezequiel publicado aproximadamente na mesma época (1861 e 1869), um aluno (Keil) do professor (Hengstenberg), e eles adotam interpretações diferentes para o texto. É interessante que Thomas Ice não menciona Hengstenberg uma vez sequer em seu artigo múltiplo sobre a interpretação de Ezequiel 38 e 39.

Recente escola de interpretação

Algo digno de nota é que desde a publicação desses comentários mais antigos, as áreas da arqueologia, história e estudos da linguística tiveram grandes progressos. É considerável que esses progressos venham ter

grande impacto na interpretação de um livro como o de Ezequiel. Só para citar um exemplo, temos o comentário de dois volumes de 1600 páginas de Daniel I. Block em Ezequiel que na maioria esmagadora das vezes nunca é referenciado pelos intérpretes da profecia bíblica de nosso tempo, embora tenha sido descrito como “o melhor comentário de qualquer livro do Antigo Testamento”.⁴⁴ Os estudos produzidos por Block é certamente igual à de Lowth, Keil e qualquer comentarista contemporâneo sobre Ezequiel. Ele cita uma extensa discussão sobre por que Rôs deve ser traduzido como “chefe” e que não há conexão dessa palavra com a Rússia moderna, ao mesmo tempo em que interage com todo o passado de estudos sobre o assunto. Block não está sozinho nessa empreitada. Há muitos comentários bíblicos que não conectam a palavra Rôs com a Rússia moderna.⁴⁵

É muito digno de nota que quase todo intérprete contemporâneo da profecia bíblica que costuma conectar Rôs com a Rússia moderna raramente faz interações com opiniões contrárias ao seu ponto de vista. Eles têm o mau hábito de citar apenas seu próprio círculo de autoridades. Temos o exemplo da edição revisada do *Epicenter* (2008), em que Joel Rosenberg faz referência a vários “estudiosos da Bíblia” em uma tentativa para defender sua opinião de que a profecia de Ezequiel 38 e 39 aponta para a Rússia moderna.⁴⁶ Em sua lista ele apenas inclui C. I. Scofield, Tim LaHaye, Hal Lindsey e John Cumming, Charles Ryrie, John Walvoord e William Lowth como sendo considerados estudiosos. Rosenberg faz citações de Hal Lindsey citando Lowth, que fala muito pouco sobre o assunto (ver comentários acima).

Charles Ryrie discorda que haja conexão entre Rôs e a Rússia moderna. Ryrie fez suas próprias anotações da Bíblia, as quais mostram que a construção “o príncipe de Rôs” é melhor traduzida como “o príncipe principal de Meseque e Tubal”.⁴⁷ Não há como Ryrie ajudar a causa de Rosenberg. No caso de John Walvoord, ele pouco mais do que afirma que Ezequiel 38–39 “revela uma futura invasão da terra de Israel pelos exércitos da Rússia e cinco outras nações”, embora no parágrafo anterior ele admite que “a palavra ‘Rússia’ nunca ocorre nas Escrituras”.⁴⁸ Em seu livro *Major Bible Prophecies*, Walvoord tem como

certo que a Rússia é o foco dos capítulos 38-39 de Ezequiel. Ele constrói seu argumento a partir de suposições não comprovadas, algo típico de quase todas interpretações contemporâneas da profecia bíblica, pois não interage e nem menciona evidências contrárias as suas convicções.

Outro que segue metodologia semelhante é David Jeremiah em seu livro *What in the World is Going On?* Ele ao mesmo tempo em que cita artigos da Internet, também apela para Walvoord, Rosenberg, LaHaye e dois escritores de profecia da era da Guerra Fria dos anos 50. Jeremiah e tantos outros autores tentam vincular Társis à Grã-Bretanha moderna e seus países satélites, incluindo os Estados Unidos. Qualquer leitor-estudante da Bíblia sabe que Társis é mencionada pela primeira vez na tabela de nações em Gênesis 10. Társis é descrita no Antigo Testamento como um movimentado porto comercial durante o reinado de Salomão, provando assim que esse nome não tem nada a ver com a Grã-Bretanha ou o continente americano (1º Reis 10:22; 22:48; 2º Crônicas 9:21).⁵⁰ Társis foi o lugar onde Jonas esperava escapar (Jonas 1:3; 4:2). Temos também em Ester 1:14 uma pessoa chamada Társis. Quando interpretamos passagens proféticas do Antigo Testamento, devemos considerar o contexto mundial da Bíblia para corretamente identificar nações, pessoas ou grupos, como até alguns futuristas mais responsáveis reconhecem:

“No Antigo Testamento, Társis era a região a oeste mais distante do mundo conhecido na época. Lembre-se de que todas as instruções quando dadas na Bíblia, salvo indicação em contrário, devem ser interpretadas em relação à terra de Israel, pois é aqui que Deus estava trabalhando com pessoas de Sua aliança. Alguns afirmam que Társis poderia ser usada no contexto para representar todas as nações ocidentais da terra de Israel, incluindo a Grã-Bretanha e aquelas que evoluíram da Grã-Bretanha, como Canadá, Austrália e Estados Unidos. Os “jovens leões” significam aquelas nações como a América que se originou da Grã-Bretanha. Assim, sugere-se que Társis com seus jovens leões é uma referência velada aos Estados Unidos. Mas mais uma vez isso parece sobrecarregar o significado

óbvio do texto e fazê-lo dizer muito mais então do que Deus sempre quis que isso significasse...”.⁵¹

É lamentável que há uma escassez de análises críticas no trabalho de David Jeremiah, pois o problema é que ele simplesmente repete as opiniões de outros autores que repetiram a opinião da opinião de outros autores mais anteriores ainda. É muito difícil alguém questionar o material de origem que esses livros usam para fazer suas reivindicações ultrajantes. Muitos assumem que se um especialista citado é considerado um “estudioso”, então quem é que pode questionar seus pontos de vista? David Jeremiah conclui que a antiga profecia de Ezequiel “nos informa o que está acontecendo no mundo de hoje, bem diante de nossos olhos”.⁵² Ao contrário disso, a profecia de Ezequiel foi uma fonte de informação para o povo de sua própria época sobre o que aconteceria diante de seus olhos.

6

Escatologia de Baixa Tecnologia

Um dos problemas encontrados por quem interpreta Ezequiel 38 e 39 como sendo uma batalha moderna é que as armas descritas não são mais usadas por nenhuma nação atualmente, muito menos pela Rússia que seria a suposta liderança da força invasora contra Israel. A profecia descrita em Ezequiel mostra que todos os soldados estão montados em cavalos “empunhando espadas” e carregando “arcos, flechas e lanças” (Ezequiel 38:4, 9, 15; 39:3, 9, 10, 20). Muitas dessas armas eram feitas de madeira e na batalha descrita em Ezequiel, elas quando foram abandonadas, serviram como combustível por “sete anos” (Ezequiel 39:9).

A maioria dos escritores-intérpretes da profecia bíblica ignora tudo isso e descreve um futuro com armamento altamente tecnológico “baseados” na profecia de Ezequiel. Temos no livro *Future Wave* um esboço da profecia em que se inclui computadores, viagens espaciais, expansão global das telecomunicações, biotecnologia, etc. O intérprete profético Tim LaHaye escreveu que “uma onda de inovação tecnológica está varrendo o planeta, onde o futuro já começou. Não podemos parar com isso... [O] Anticristo usará parte dessa tecnologia para controlar o mundo”.¹ Ed Hindson e Lee Fredrickson consideram a possibilidade “de que a besta seja um computador” ou “a Internet”.² Essas interpretações representam um grande problema para quem coloca em nosso futuro a profecia de Gogue e Magogue em Ezequiel. Se a tecnologia será usada pelo Anticristo para controlar a população

terrestre, por outro lado, em sua profecia Ezequiel descreve uma batalha com armas de baixíssima tecnologia. Até pelo menos há uns duzentos anos a profecia de Gogue e Magogue poderia se enquadrar nas armas daquele tempo, já que a maioria dos armamentos ainda era de baixa tecnologia.³

No primeiro volume da série *Left Behind* (Deixados para Trás), é dedicado doze páginas sobre a batalha descrita em Ezequiel capítulos 38 e 39. No comentário de não ficção sobre a série *Left Behind*,⁴ nunca é explicado como os autores foram capazes de interpretar cavalos, clavas, espadas, arcos e flechas, e lanças como sendo armas modernas, por exemplo, aviões de guerra, mísseis balísticos intercontinentais, aviões bombardeiros MiG equipados com armas nucleares,⁵ e “pedaços de aço fundido queimado, torcido e fundido no chão”⁶, uma vez que se diz que deve ser mantido uma “interpretação literal” em que “cada palavra” deve ser tomada “em seu significado primário e literal.

Desistindo do “sentido original”

Para tentar fugir de uma descrição de guerra antiga, Chuck Missler alega que as várias palavras hebraicas usadas para descrever “é simplesmente uma linguagem de 2.500 anos que pode estar descrevendo uma força mecanizada”.⁷ Por exemplo, a palavra hebraica traduzida como “cavalo”, “na verdade significa saltador” que “também pode significar pássaro, ou mesmo cavaleiro”. Também se diz que a palavra hebraica traduzida como “espada” “tornou-se um termo genérico para qualquer arma ou instrumento destruidor”. Vamos dizer que isso seja verdade em alguns contextos das Escrituras, mas não tem como provar que “espada” está sendo usado dessa forma em Ezequiel. Semelhantemente, podemos pensar na palavra “flecha”, muitas vezes usada como raios é dito que pode ser “traduzida hoje como míssil”. De acordo com Missler, “arco” é o que lança o [míssil]”.⁸ De acordo com o modelo interpretativo de Missler, quando Ezequiel escreveu “arco” e “flecha”, Deus realmente quis dizer uma plataforma de lançamento para míssil. Se seguirmos os princípios hermenêuticos de

Missler devemos acreditar que a Bíblia é inacessível em seu significado, principalmente para os primeiros leitores há milhares de anos. Missler com sua interpretação quebra todas as regras da interpretação padrão.

Para entendermos adequadamente um texto bíblico, o primeiro passo inicial é a exegese, ou seja, determinar o que o texto realmente quer dizer. Esse procedimento envolve questões como tradução, lexicografia e gramática. As poucas controvérsias que existem não dependem de questões exegéticas, felizmente. O texto de Ezequiel realmente diz sobre cavalos, cavaleiros, espadas, flechas e arcos. E realmente não existe um lexicógrafo erudito que seguiria a interpretação e metodologia de Missler. Essa metodologia é contrária a todos os princípios de interpretação bíblica já desenvolvidos e praticados no mundo.

Como é possível através da interpretação de Missler descrever um futuro profético com um período de tribulação de sete anos em que os judeus morando em Israel “não trarão lenha do campo, nem a cortarão dos bosques, mas com as armas acenderão fogo” (Ezequiel 39:10)? O escritor profético Grant Jeffrey segue uma linha de raciocínio semelhante. Ele escreveu:

“Em Ezequiel 38:7 o profeta prediz que, neste futuro conflito, a Rússia (Magog) também será o fornecedor de armas para todas essas nações. Deus diz: 'Seja um guarda para eles'. É fascinante observar que as armaduras dessas nações (listadas por Ezequiel), sem exceção, estão cheias de rifles de assalto russos AK-47, mísseis SAM, armas antitanque RPG7 e várias outras armas fabricadas na Rússia, exatamente como a Bíblia predisse há milhares de anos atrás”.¹⁰

O escritor profético David Jeremiah ao abandonar recentemente uma interpretação sensata, descreveu que as armas em Ezequiel são diferentes das do tempo do profeta:

“Alguns leitores de Ezequiel estão preocupados que o profeta descreveu-as como armas de origem antiga, enquanto uma batalha que ainda está para ocorrer no futuro certamente empregará

armamento moderno e equipamento militar altamente sofisticado – armas como, tanques, aviões, bombas, mísseis e possivelmente até armas nucleares. Mas devemos permitir que o bom senso prevaleça em nossa leitura de Ezequiel. Ele fez o que todos os profetas fizeram; ele falou do futuro usando termos e descrições que ele e as pessoas de seu tempo entenderiam. Se ele tivesse escrito sobre tanques, mísseis e bombas, aqueles que viveram em seu tempo teriam ficado completamente confusos, e sua mensagem não teria significado para eles”.¹¹

Se seguirmos o raciocínio acima, deveremos entender que no contexto da profecia descrita em Ezequiel sugere que os leitores deveriam concluir que cavalos, clavas de guerra, espadas, arcos e flechas, lanças e carros de guerra significariam uma outra coisa moderna de nosso futuro. É verdade que o uso de instrumentos de guerra pode sugerir uma interpretação simbólica, mas não pode descrever um arsenal de armas modernas. Não há justificativa de “bom senso” nessa interpretação das profecias do fim dos tempos, a qual transforma a profecia de Ezequiel em uma guerra travada com super armas sofisticadas e tecnologicamente avançadas. Qualquer leitor do tempo de Ezequiel nunca pensaria em projetar a profecia em um futuro distante e altamente tecnológico.

Os primeiros leitores de Ezequiel seguiriam uma abordagem de “senso comum”, pois teriam acreditado que a batalha descrita pelo profeta seria travada com as armas como elas são descritas.

Cavalos ou Cavalos-força?

Alguns intérpretes antigos da profecia adotaram a interpretação literal com base em como a Rússia usou sua cavalaria na Primeira Guerra Mundial.¹² “Em termos do uso de cavalos, dizia-se que os russos estavam acumulando grandes números deles em preparação para uma invasão”.¹³ No ano de 1956, um intérprete de profecias chamado Theodore Epp, afirmou que a Rússia estava criando cavalos

com “incansável resistência” capazes de “resistir aos invernos abaixo de zero do norte” e “cavar com os cascos na neve para seu próprio sustento”.¹⁴ Esse escritor continua alegando que “as últimas estatísticas disponíveis, de 1934, mostram que a Rússia possui 70% dos cavalos em todo o mundo. Não são apenas os Russos criando cavalos, mas de todo o mundo estão comprando eles. Eles não estão comprando cavalos pesados, mas sim cavalos leves e rápidos para serem usados como cavalos militares”.¹⁵ Apesar desse intérprete profético achar que o cumprimento literal de Ezequiel estava se cumprindo em 1956, ninguém menciona hoje essa interpretação. Ao contrário, foi justamente a partir de 2006 que os Estados Unidos tiveram o maior número total de cavalos com aproximadamente 9.500.000, seguido pela China (7.402.450), México (6.260.000), Brasil (5.787.249), Argentina (3.655.000), Colômbia (2.533.621) e a Mongólia (2.029.100) tem mais cavalos que a Rússia (1.319.358).¹⁶ Muitos dos intérpretes futuristas dizem que a China viajará para Israel com um exército de um milhão de homens a cavalo. Em um dos livros de Hal Lindsey, está escrito:

“Os quatro anjos de Apocalipse 9:14, 15 mobilizarão um exército de 200 milhões de soldados a leste do Eufrates. Esses 200 milhões de soldados são soldados chineses vermelhos acompanhados por outros aliados orientais”.¹⁷

O texto de Apocalipse 9:16–17 explica que esses soldados são “cavaleiros”. Em nosso tempo temos apenas cerca de 58 milhões de cavalos no mundo, e isto mostra por si só que essa aliança do fim dos tempos da China está consideravelmente aquém do objetivo pretendido de 200 milhões, lembrando do fato de que Lindsey afirma que um quarto do mundo será destruído por esse grande exército. Eu assumo que isso também significa um quarto dos cavalos do mundo.¹⁸ Outros intérpretes proféticos sugerem, no entanto, que a descrição dos equipamentos militares em Ezequiel deve ser tomada figurativamente. Por exemplo, citando William L. Hull, Jon Mark Ruthven escreve que “cavalos’ são uma maneira de falar sobre as tropas serem

'transportadas', independentemente do quanto o equipamento representa como único caminho no tempo de Ezequiel, ele poderia comunicar a natureza poderosa e bem equipada dos invasores”.¹⁹ Temos aqui, novamente, um problema, pois essa interpretação teria que ser desenvolvida a partir da passagem das Escrituras em estudo, e não há nada em Ezequiel 38–39 que sugere tal interpretação. E se alguém deve interpretar esses dois capítulos dessa maneira, a mesma interpretação deveria se aplicar a outras passagens em Ezequiel, onde os cavalos são mencionados (por exemplo, Ezequiel 17:15; 23:6, 12, 20, 23; 26:7, 10-11; 27:14).

Aqueles que vêem o profeta Ezequiel descrevendo uma batalha do fim dos tempos que acontecerá ainda em nosso futuro argumentam que Ezequiel só poderia descrever tais eventos em termos que ele e seus leitores contemporâneos poderiam entender. Considere como o escritor profético Mark Hitchcock fala sobre o assunto:

“Ezequiel, inspirado pelo Espírito Santo, falou em linguagem que as pessoas daquele tempo podiam entender. Se ele tivesse falado sobre aviões, mísseis, tanques e rifles, esse texto teria sido absurdo para todos até o século XX.

Essa “modernização” das armas não está espiritualizando o texto, mas entendendo a Palavra de Deus em seu contexto histórico à luz do público original”.²⁰

E como não poderia ser diferente, o escritor profético Thomas Ice e Hitchcock escrevem algo semelhante em seu livro *The Truth Behind Left Behind* [A Verdade por Trás do Deixados para Trás]. Dizem eles que “inspirado pelo Espírito Santo, Ezequiel falou em linguagem que as pessoas do seu tempo podiam entender. Se ele tivesse falado de MIG-29, mísseis, tanques e rifles de assalto a laser, este texto teria sido sem sentido para todos até a século XX”.²¹

Aí vem a pergunta:

“Por que o Espírito Santo confundiria os leitores do tempo do profeta Ezequiel e também aqueles que leram essa profecia por mais de 2600 anos

depois, confundindo também a geração futura a qual se destinava a profecia, descrevendo uma batalha travada com armas antigas?

Como Missler, LaHaye, Hitchcock, Ice e David Jeremiah podem saber que é justamente isso que o Espírito Santo tencionava descrever no texto? Veja a seguir como Hitchcock e Ice argumentam contra a interpretação literal do texto de Ezequiel:

“O foco claramente não são as armas específicas que serão usadas por esses invasores”.²²

Mesmo que as armas não sejam o “foco” dos capítulos 38-39 de Ezequiel, elas não podem ser descartadas sem que haja consequências para a narrativa. As armas descritas na profecia de Ezequiel fazem parte da história do começo ao fim, e se tomarmos elas como sendo literais estaremos negando o distante cenário futurista descrito pelos autores modernos ou estaríamos exigindo um futuro completamente diferente.

Os autores Hitchcock e Ice são inconsistentes, pois criticam C. Marvin Pate e J. Daniel Hays, por interpretarem a lista de nações como simbólica.²³ “Se isso é verdade”, eles escreveram, “então por que Ezequiel dedica algum tempo a mencionar dez nomes próprios? Por que ser tão exato com os nomes? Por quê não basta dizer que 'um vasto grupo de nações invadirá' se é isso que você quer dizer?”²⁴ Seguindo esse raciocínio, também devemos perguntar: *Por que o texto é tão exato na identificação de quais armas estão sendo usadas? Por que não dizer um vasto grupo de armas terríveis e ferozes que serão usadas?* A resposta é que as armas são antigas porque a batalha descrita é antiga. Os primeiros leitores do profeta Ezequiel entenderam a batalha dessa maneira, e nós leitores modernos também devemos entendê-la da mesma maneira.

Muitas tentativas interpretativas foram feitas para fazer com que a palavra “cavalos” significassem “potência”,²⁵ e as armas de madeira como rifles feitos de madeira muito densa,²⁶ e as flechas como mísseis guiados. O autor David L. Cooper, criador da “Regra de ouro da interpretação”, usa uma passagem do profeta Isaías para apoiar sua crença de que “no momento da restauração final de Israel na terra de

seus pais, dirigíveis e aviões estarão em uso, porque Isaías predisse este fato. ‘Quem são estes que vêm voando como nuvens e como pombas, às suas janelas?’ (Isaías 60:8). O profeta viu os filhos de Israel voando como uma nuvem e como uma pomba. Ele afirma que eles voaram. O vôo é literal”.²⁷ Ao mesmo tempo em que Cooper escreveu isso, ele discorda daqueles que insistem que Ezequiel 39:9–10 “deve ser tomado pelo seu valor nominal”. Cooper defende uma interpretação não-litera. “Em um esforço para transmitir conhecimento sobre algo novo ou estranho, é preciso usar termos familiares conhecidos pelo falante e pelo ouvinte, ou ele deve, por comparação expressar suas ideias. Em vista desse princípio, torna-se muito evidente que Ezequiel teve que falar das futuras armas de guerra em termos daqueles com os quais seus auditores estavam familiarizados”.²⁸

É claro que armas podem ser usadas simbolicamente num texto profético. Se as armas devem interpretadas simbolicamente, deve ser com base no contexto, literatura em que o símbolo está sendo usado e os elementos de suporte do texto. Por exemplo, na Bíblia nós encontramos “a espada do Espírito” (Efésios 6:17), e que a “palavra de Deus é viva, ativa e mais afiada do que qualquer espada de dois gumes” (Hebreus 4:12), e uma espada afiada que sai da boca de Jesus (Apocalipse 19:15). A fé é descrita como um “escudo” (Efésios 6:16). Até a imagem simbólica de “espadas” sendo batidas em “arados” foi aplicada no início pelos escritores da igreja na época, quando espadas e arados estavam em uso comum.²⁹

Não parece haver nenhuma indicação no “contexto imediato” de Ezequiel 38–39 de que as armas de guerra ali descritas estariam sendo descritas simbolicamente para representar armas modernas. E mesmo que fossem símbolos de armas modernas, seria uma grande ginástica interpretativa supor que essa armas simbolizem o armamento do século XXI.

O escritor profético LaHaye acusa aqueles que criticam a maneira como ele aplica sua interpretação metodológica de profecia “alegorizante”.³⁰ É estranha essa alegação vindo de um escritor que reescreve completamente Ezequiel capítulos 38–39 para ajustá-lo a um cenário tecnologicamente moderno. Nesses dois capítulos de Ezequiel,

o intérprete moderno tem considerado que as armas são tudo, menos uma luta literal do velho mundo, projetadas para uma batalha que já foi travada e conquistada pelo antigo povo de Deus.

Estudantes da Bíblia... Temos um problema

O dispensacionalista, John F. Walvoord, entendeu muito bem que a interpretação literal de Ezequiel 38-39 poderia ser comprometida se as armas ali descritas não forem interpretadas literalmente, embora ele mesmo não as tenha interpretado literalmente. Disse ele: “Estas, é claro, são armas antiquadas do ponto de vista da guerra moderna... Este certamente representa um problema”.³¹ Uma vez notada a óbvia dificuldade interpretativa, Walvoord ofereceu algumas soluções possíveis. Para ele, possivelmente Ezequiel está usando em sua linguagem as armas comuns de seu tempo, visando antecipar armas modernas. Em resumo, o que o profeta estaria dizendo é que quando o exército de Gogue vier, estará totalmente equipado com armas de guerra. Essa interpretação também tem problemas. “Diz a passagem que eles usaram a madeira das hastes das lanças e arco e flecha para fazer fogo. Se estes são símbolos, seria difícil gravar símbolos. No entanto, mesmo na guerra moderna, há uma boa madeira utilizada...”.³²

Estas ideias de Walvoord foram escritas em 1967. Embora as armas descritas em Ezequiel foram feitas de madeira, este não é o caso hoje em nosso tempo moderno. A maioria das armas de hoje são feitas de materiais leves compostos de carbono. De qualquer forma, a interpretação de Walvoord vai contra o senso comum. Ele continua:

“Uma segunda solução é que a batalha seja precedida por um acordo de desarmamento entre nações. Se fosse esse o caso, seria necessário recorrer facilmente a armas primitivas e secretamente feito se um ataque surpresa fosse alcançado. Isso permitiria uma interpretação literal da passagem”.³³

Mais uma vez, temos no texto acima uma interpretação altamente improvável que, diga-se de passagem, não é mencionada em Ezequiel 38–39. É lamentável que Walvoord e cia Ltda. leem nas Escrituras o que não é encontrado nas mesmas. O desarmamento sugerido no texto acima levaria décadas. Nem mesmo atualmente os Estados Unidos e a Rússia ainda não desarmaram totalmente seus arsenais nucleares. As armas como descritas na profecia de Ezequiel 38–39 não são fáceis de se fabricar por artesãos que não sejam qualificados. Só para se ter uma ideia, um arco composto eficaz leva meses para se construir. Quem hoje tem as habilidades para fazer espadas e carros? Onde façções em guerra conseguiriam os materiais? Isto não poderia ser feito em segredo, pois as árvores precisariam ser cortadas e transportadas para grandes fábricas para montar armas suficientes que poderiam ser usadas como combustível por sete anos. O que seria absurdo imaginar para um tempo moderno!

Em sua contínua fuga do que a Bíblia realmente diz, Walvoord nos mostra uma terceira solução ridícula:

“Uma terceira solução foi sugerida com base na premissa que a guerra moderna de mísseis terá sido desenvolvida naquele dia até o ponto em que os mísseis buscarão qualquer considerável quantidade de metal. Sob essas circunstâncias, seria necessário abandonar o grande uso de metais em armas substituindo por madeira, como é indicado nas armas primitivas. Seja qual for a explicação, a interpretação mais sensata é que a passagem se refere a informações reais de armas pressionadas em uso por causa das circunstâncias peculiares daquele tempo”.³⁴

É possível conceber mísseis feitos de madeira na profecia de Ezequiel 38-39? A madeira é um objeto pesado, caro e limitado no jeito que pode ser moldado. Além disso, onde se encontrará equipamento e trabalhadores qualificados para fazer as armas? A explicação de Randall Price não é mais satisfatória que a de Walvoord, pois diz que “alguns vêem esses termos como “profeticamente anacrônico” (ou

fenomenológico), já que Ezequiel não tinha um quadro de referência para descrever as armas desta era futura”.³⁵

A solução para a interpretação de Ezequiel 38-39 é a simplificação, ou seja, o profeta escreveu o que sabia em seu tempo sobre as armas que estava familiarizado. O texto de Ezequiel é o que Deus revelou para ele. O “quadro de referência” de Deus **NÃO** incluía “armas desta era futura”, uma vez que nos dias de Ezequiel seus leitores de fato entenderam o que ele tinha escrito. Quando Deus quer de fato revelar algo do futuro, Ele mostra detalhes que as pessoas do tempo do profeta possam entender, mesmo que as pessoas desconheçam como de fato será. Por exemplo, veja o exemplo do Salmo 22, em que o rei Davi recebe uma profecia sobre a crucificação de Cristo. A crucificação como forma de execução era desconhecida nos dias do rei Davi. Mas, uma vez que Deus é Aquele que revela o futuro, Davi escreveu exatamente a crucificação, mesmo que ela era desconhecida por seus leitores, veja:

“Pois me rodearam cães; o ajuntamento de malfeitores me cercou, **traspassaram-me as mãos e os pés**”.

(Salmos 22:16 – o grifo é meu)

Devo lembrar aqui o fato de que os dispensacionalistas sempre nos lembram que toda profecia messiânica foi cumprida literalmente. Então, por que a profecia de Ezequiel foge à regra? Assim como Deus revelou a Davi o método da crucificação de Cristo, mesmo desconhecido no tempo do profeta, porque a batalha da profecia de Ezequiel 38-39 não foi descrita em termos que nós, pessoas do tempo moderno, possamos relacionar? Leia o primeiro capítulo de Ezequiel e veja que o profeta teve uma visão de metal brilhante, bronze polido, asas espalhadas como brasas de fogo, como raio reluzentes, rodas dentro de rodas, rodas ascendentes, brilho de cristais e o som de um acampamento de exército. O que Deus descreveu para o profeta é o indescritível, “o aspecto da semelhança da glória do Senhor” (Ezequiel 1:28). Por isto, se Deus quisesse descrever o inexplicável, especialmente uma batalha de alta tecnologia,³⁶ poderia usar esse tipo

de linguagem descrita em Ezequiel 1 para descrever a batalha de Ezequiel 38-39 para aliviar alguma confusão. Em vez disso, lemos sobre cavalos, arcos e flechas, lanças, paus e carruagens em seu sentido literal e natural.

7

Objecções e Respostas

Uma vez que é proposto por mim e por muitos que o cumprimento de Ezequiel 38-39 seja muito provavelmente uma profecia sobre os eventos descritos no livro de Ester, alguns fizeram uma crítica a essa interpretação. Neste capítulo terei a oportunidade de expandir alguns dos meus argumentos em favor da minha interpretação. Curiosamente, os críticos não lidam com os muitos paralelos entre Ezequiel 38–39 e o livro Ester frequentemente apresentados neste e-book.

Os críticos apontam que falho em explicar as várias diferenças marcantes entre Ezequiel 38–39 e Ester 9. Através de gráficos nas próximas páginas, listo cinco exemplos que eles afirmam não serem paralelos.

Parte 1	
Ezequiel 38-39	Ester 9
A terra de Israel será invadida (38:16). Os inimigos caem nas montanhas de Israel (39:4). Gogue, o líder da invasão, será enterrado em Israel (39:11).	Judeus são atacados em cidades em todo o império persa e defendem-se (9:2). Os inimigos morrem por todo o império persa.

A declaração acima sugere que em Ezequiel “a terra de Israel é invadida” (Ezequiel 38:16), e os inimigos caem “nas montanhas de Israel”, enquanto em Ester 9 “os judeus são atacados nas cidades em todo o império persa”. A primeira resposta que deve ser dada é que

havia muitas cidades em Israel e em todo o Império Persa. Outros milhares de judeus viviam em Israel e Jerusalém, e com eles foram carregados ouro, prata, gado e mercadorias que eles trouxeram de seu tempo no exílio (Esdras 1:4, 6).

Em segundo lugar, “Hamã procurou destruir todos os judeus, o povo de Mardoqueu, que estava em todo o reino de Assuero” (Ester 3:6). Essa destruição dos judeus incluiria “a terra de Israel” e não apenas algumas cidades aqui e ali. A frase “nas montanhas” é usada repetidamente em Ezequiel. Se olharmos para um mapa topográfico daquela região e uma lista das montanhas nomeadas,⁴ seria impossível travar uma guerra em Israel sem estar “nas montanhas” (Ezequiel 6:3; 7:7, 16; 19:9; 31:12; 32:5-7; 33:28; 34:13-14; 36:1; 37:22). O instrutor da Bíblia chamado Billye Brim em Elon Moreh, nas colinas samaritanas da Cisjordânia em Israel, declara:

“Noventa e dois por cento dos nomes de lugares da Bíblia estão nas montanhas de Israel, no que a Bíblia chama de Judéia e Samaria, e o mundo chama de Cisjordânia”.⁵

Frequentemente, vemos no Novo Testamento sobre montanha. Por exemplo, Jesus profere um sermão em um monte (Mateus 5-7). O famoso discurso profético encontrado em Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21 foi proferido no Monte das Oliveiras. “Jerusalém é uma cidade montanhosa entronizada em uma solidão [fortaleza] (compare Sl 68:15, 16; 87: 1; 125: 2; 76: 1, 2; 122: 3). Fica na beira de um dos mais altos planaltos da Palestina e está cercada nos lados sudeste, sul e oeste, por barrancos profundos e precipitados”.⁶

Se diz que a cidade de Jerusalém está estabelecida sobre um platô de calcário de 2500 pés acima do nível do mar, cuja localização é na região central da colina e fica perto da fronteira do deserto da Judeia. Essa cidade está muito longe das principais rotas comerciais. Temos no lado oeste de Jerusalém as montanhas da Judéia e no lado leste é o deserto da Judéia que desce 4000 pés em 10 milhas no Mar morto. O terreno acidentado de Jerusalém era uma vantagem para a defesa da cidade, pois ela poderia só ser alcançada no lado norte. O leste, oeste e os lados

do sul tinham vales difíceis de subir ou descer. Jerusalém repousa sobre quatro colinas ou montanhas, mas apenas duas delas têm nomes, monte Sião e monte Moriá.⁷

Charles Feinberg, um dispensacionalista que defende um cumprimento para Ezequiel capítulos 38-39, comenta que as “montanhas de Israel”⁸ funcionam como uma metonímia,⁹ um símbolo que representa “as pessoas e também a terra” (por exemplo, Ezequiel 6:2–3; 36:1, 8–10). Uma vez que Hamã queria “destruir todos os judeus... em todo o conjunto do reino de Assuero” (Ester 3:6), e Israel fazia parte do Império Persa naquela época, é lógico que a terra de Israel teria sido também invadida. Poucas pessoas da parte de Hamã foram mortas em Susa, capital da Pérsia, em comparação com o que foi “feito em o resto das províncias do rei” (Ester 9:12). Considere Ester 9:16:

“Também os demais judeus que se achavam nas províncias do rei se reuniram e se dispuseram em defesa das suas vidas, e tiveram descanso dos seus inimigos; e mataram dos seus inimigos setenta e cinco mil; porém ao despojo não estenderam a sua mão”.

Por isto, certamente muitos soldados de Hamã morreram “nas montanhas de Israel” (Ezequiel 39:4) enquanto as forças de Hamã tentavam invadir a nação recém-reconstituída. Hitchcock e Ice escreveram que “Gogue, o líder da invasão, é sepultado em Israel (Ezequiel 39:11)”. Se Hamã, o agagita, é o Hamon-Gogue de Ezequiel,¹⁰ então é possível que enquanto ele foi executado em Susa (Ester 7:10; 9:25), ele foi sepultado junto com sua “multidão” em Israel “a leste do mar” (Ezequiel 39:11).¹¹ Este “perturbador de Israel” foi feito um exemplo diante dos judeus e de outros povos. Todos os que passassem pelo local veriam o que acontece com aqueles que se opõem ao povo escolhido de Deus. Um precedente dessa história encontramos em 1º Samuel 17:54, onde Davi “tomou a cabeça do filisteu [Golias], e a trouxe a Jerusalém, embora ele tenha sido morto em Socó, que está localizado quinze milhas a sudoeste de Jerusalém. “Muito provavelmente a cabeça foi colocada fora da cidade santa, no

que o Novo Testamento identifica como Gólgota, “uma contração de Golias de Gate (hebraico: Golias-Gate)”.¹²

O rei Assuero “no seu furor se levantou” (Ester 7:7) quando ele entendeu completamente a conspiração de Hamã para destruir os judeus. Assuero percebeu uma ameaça imediata à sua casa por parte de Hamã (Ester 7:8). A desonra de Hamã foi tamanha que sua casa foi dada a Ester (Ester 8:1), e “tirou o rei o seu anel, que tinha tomado de Hamã, e o deu a Mardoqueu. E Ester encarregou Mardoqueu da casa de Hamã” (Ester 8:2).

Diante de todas essas informações, parece provável que o rei teria permitido Hamã ser enterrado em Susa? É possível ver Ezequiel 39:11 de outra maneira. O texto declara:

“E sucederá que, naquele dia, darei ali a Gogue um lugar de sepultura em Israel, o vale dos que passam ao oriente do mar; e pararão os que por ele passarem; e ali sepultarão a Gogue, e a toda a sua multidão, e lhe chamarão o vale da multidão de Gogue”.

(Ezequiel 39:11)

Sobre o sepultamento de Gogue e toda a sua multidão, é possível que a referência seja a pessoa que liderou a força militar para Hamã. Até mesmo o dispensacionalista Hitchcock identifica Gogue como “o geral sobre essa coalizão de nações em sua grande campanha militar contra Israel”.¹³ É claro que Hamã tinha substitutos. No caso da profecia do profeta Ezequiel, a mesma se concentra nos judeus em Israel, enquanto Ester se concentra nos judeus em Susa.

Parte 2	
Ezequiel 38-39	Ester 9
E a casa de Israel os enterrará durante sete meses, para purificar a terra. (39:12)	Não há necessidade de limpar a terra porque os cadáveres não estão em Israel.

Alguns dispensacionalistas argumentam que em Ezequiel “os judeus enterram os mortos por um período de sete meses para limpar a terra de Israel”, mas em Ester “não há necessidade de purificar a terra porque os corpos não estão em Israel”. Este é o argumento do silêncio. O que precisa ficar claro é que a guerra contra os judeus era em todo o reino, incluindo a terra de Israel, já que é onde a maioria dos judeus estavam morando. Eles eram facilmente identificáveis como judeus porque estavam em sua terra. Quem quisesse matar os judeus, deveria ir aonde os judeus estavam. Era comum os judeus na diáspora manterem escondida sua identidade, como no caso de Ester:

“Ester, porém, não declarou o seu povo e a sua parentela, porque Mardoqueu lhe tinha ordenado que o não declarasse”.

(Ester 2:10)

Tal caso não teria acontecido na terra de Israel. Lembre-se das palavras de Hamã ao rei:

“E Hamã disse ao rei Assuero: Existe espalhado e dividido entre os povos em todas as províncias do teu reino um povo, cujas leis são diferentes das leis de todos os povos, e que não cumpre as leis do rei; por isso não convém ao rei deixá-lo ficar”.

(Ester 3:8)

Sabemos que é esse o caso, pois “enviaram-se as cartas por intermédio dos correios a todas as províncias do rei, para que destruíssem, matassem, e fizessem perecer a todos os judeus, desde o jovem até ao velho, crianças e mulheres, em um mesmo dia, a treze do duodécimo mês (que é o mês de Adar), e que saqueassem os seus bens” (Ester 3:13), e Israel estava em uma das “províncias do rei”.

Parte 3

Ezequiel 38-39	Ester 9
<p>Deus destrói usando o sobrenatural.</p> <p>Em meu zelo e em meu grande furor declaro que naquela época haverá um grande terremoto em Israel.</p> <p>Executarei juízo sobre ele com peste e derramamento de sangue; desabarei torrentes de chuva, saraiva e enxofre ardente sobre ele e sobre as suas tropas e sobre as muitas nações que estarão com ele.</p> <p>(Ezequiel 38:19-22)</p> <p>Mandarei fogo sobre Magogue e sobre aqueles que vivem em segurança nas regiões costeiras, e eles saberão que eu sou o Senhor.</p> <p>(Ezequiel 39:6)</p>	<p>Não há nada de sobrenatural em Ester 9.</p> <p>Os atacantes são mortos pelo próprio povo judeu, com a ajuda dos líderes do governo local (Ester 9: 3-5).</p>

Enquanto o texto de Ezequiel 38:19–22 diz que os invasores são destruídos por Deus sobrenaturalmente por um terremoto na terra de Israel, lutas internas, pragas e fogo do céu, no livro de Ester os “agressores são mortos pelo próprio povo judeu, auxiliado por líderes do governo local” (Ester 9:3–5). Mas uma cuidadosa leitura da profecia de Ezequiel e Ester mostrará que não é esse o caso. Em Ester 9:5 lemos que “os judeus feriram todos os seus inimigos com a espada, matando e destruindo” e em Ezequiel 38:21 se diz que Deus convoca “a espada contra Gogue em todos os meus montes, palavra do Soberano Senhor. A espada de cada um será contra o seu irmão”. Nos dois casos as

espadas são as armas da matança. Além disso, lemos em Ezequiel 38:4 que o Senhor traz Gogue, enquanto que em Ezequiel 38:10 o próprio Gogue planeja o plano de conquista”.¹⁴ Temos então duas perspectivas em vista na mesma profecia.

É óbvio que Deus pode ter usado alguns eventos sobrenaturais para intimidar os inimigos de Israel (Ester 9:2). É certo que foi Deus quem trouxe esse “medo” sobre os inimigos de Israel, isto trata-se de uma ação sobrenatural. A questão de Ezequiel citar algo e Ester omitir outro, não invalida o que estamos tratando aqui sobre a profecia de Ezequiel. Como exemplo, veja o caso que apenas Mateus menciona terremotos na crucificação de Cristo e na ressurreição (Mateus 27:54; 28:2) sem a mesma menção nos outros três evangelhos. Em Ester 9:12 é dito que “na fortaleza de Susã os judeus mataram e destruíram quinhentos homens”, porém, o livro de Ester não conta a história completa desses eventos, mas apenas sabemos que eles aconteceram.

Na profecia bíblica isso não é uma coisa incomum, quando se leva em conta a maneira como a Bíblia apresenta a história em suas seções proféticas. Kenneth A. Kitchen faz comentários úteis sobre esse ponto:

“Quando relatos de prosa e poesia coexistem, é prosa que é a fonte primária e a poesia que é a celebração secundária”.¹⁵

O texto de Ezequiel 32 narra a destruição do Egito em termos semelhantes. Não temos na história bíblica sequer um texto para mostrar que essa profecia de Ezequiel aconteceu dessa maneira, mas sabemos que sim porque a Bíblia disse que sim. Essa profecia contra o Egito não é sobre um julgamento futuro depois de um suposto “arrebatamento” da Igreja, mas é uma “lamentação sobre o faraó, rei do Egito” que é devastado pelo rei da Babilônia (Ezequiel 32:2, 11). Esse julgamento descrito contra o Egito é em termos semelhantes à maneira como a batalha de Gogue e Magogue é descrita em Ezequiel capítulos 38–39. O faraó é retratado “como uma baleia nos mares, e rompias os teus rios, e turbavas as águas com os teus pés, e pisavas os teus rios” (Ezequiel 32:2). No entanto, no versículo 4, é dito ao Faraó

que “te deixarei em terra; sobre a face do campo te lançarei, e farei posar sobre ti todas as aves do céu, e fartarei de ti os animais de toda a terra” (Ezequiel 32:4).

Temos em Ezequiel 38 que a multidão de Gogue é trazida por ganchos (ou anzóis) em sua mandíbulas (Ezequiel 38:4). A imagem dessa profecia é impressionante, especialmente quando lemos anteriormente sobre o futuro do Egito (Ezequiel 29:2):

“Filho do homem, dirige o teu rosto contra Faraó, rei do Egito, e profetiza contra ele e contra todo o Egito”.

Semelhantemente, contra Gogue, Ezequiel 38:2 diz:

“Filho do homem, dirige o teu rosto contra Gogue, terra de Magogue, príncipe e chefe de Meseque, e Tubal, e profetiza contra ele”.

Ambas as profecias foram cumpridas. Agora, preste atenção no texto de Ezequiel 32:3-16:

“Assim diz o Senhor DEUS: Portanto, estenderei sobre ti a minha rede com reunião de muitos povos, e te farão subir na minha rede.

Então te deixarei em terra; sobre a face do campo te lançarei, e farei posar sobre ti todas as aves do céu, e fartarei de ti os animais de toda a terra.

E porei as tuas carnes sobre os montes, e encherei os vales da tua altura.

E regarei com o teu sangue a terra onde nadas, até aos montes; e os rios se encherão de ti.

E, apagando-te eu, cobrirei os céus, e enegrecerei as suas estrelas; ao sol encobrirei com uma nuvem, e a lua não fará resplandecer a sua luz.

Todas as brilhantes luzes do céu enegrecerei sobre ti, e trarei trevas sobre a tua terra, diz o Senhor DEUS.

E afligirei os corações de muitos povos, quando eu levar a tua destruição entre as nações, às terras que não conheceste.

E farei com que muitos povos fiquem pasmados de ti, e os seus reis tremam sobremaneira, quando eu brandir a minha espada ante os seus rostos; e estremeçarão a cada momento, cada um pela sua vida, no dia da tua queda.

Porque assim diz o Senhor DEUS: A espada do rei de babilônia virá sobre ti.

Farei cair a tua multidão pelas espadas dos poderosos, que são todos os mais terríveis das nações; e destruirão a soberba do Egito, e toda a sua multidão será destruída.

E exterminarei todos os seus animais sobre as muitas águas; nem as turbará mais pé de homem, nem as turbarão unhas de animais.

Então farei assentar as suas águas, e farei correr os seus rios como o azeite, diz o Senhor DEUS.

Quando eu tornar a terra do Egito em desolação, e ela for despojada da sua plenitude, e quando ferir a todos os que habitam nela, então saberão que eu sou o Senhor.

Esta é a lamentação que se fará; que as filhas das nações farão; sobre o Egito e sobre toda a sua multidão, diz o Senhor DEUS”.

Esta descrição do julgamento do Egito se for interpretada com um olhar moderno, parecerá universalmente apocalíptica por causa de frases do tipo “toda a terra” (Ezequiel 32:4), “cobrirei os céus, e enegrecerei as suas estrelas; ao sol encobrirei com uma nuvem, e a lua não fará resplandecer a sua luz” (Ezequiel 32:7) e “destruição entre as nações” (Ezequiel 32:9). Embora pareça algo universal, em todo o Planeta Terra, o que é descrito nessa profecia contra o Egito é um julgamento local, cuja batalha se deu com armas antigas, por exemplo, espadas (Ezequiel 32:11). Os intérpretes modernos em suas observações não levam em consideração a linguagem pela qual os profetas descrevem eventos proféticos. Para reforçar esse ponto, preste atenção como o rei Davi expressa sua ação de graças porque “o SENHOR o livrou das mãos de todos os seus inimigos e das mãos de Saul” (2º Samuel 22:1; ver também Salmo 18). Preste atenção nas seguintes frases do que realmente aconteceu historicamente nas batalhas do rei Davi com Saul e o uso de linguagem semelhante em Ezequiel 38–39:

- “A terra tremeu e tremeu” (2º Samuel 22:8; cf. Salmo 18:7; Ezequiel 38:19).
- “Os fundamentos das montanhas tremiam e ficaram abalados, porque ele ficou irado” (Salmo 18:7b; Ezequiel 38:18).
- “Ele enviou flechas, e as espalhou, raios e derrotou-os” (2º Samuel 22:15; cf. Salmo 18:14).
- “Desde o brilho diante dEle passou Suas densas nuvens, pedras de saraiva e brasas de fogo” (Salmo 18:12; Ezequiel 38:22).
- “Apareceram os canais do mar, os fundamentos da mundo foi desnudado, pela repreensão do Senhor, no sopro das narinas” (2º Samuel 22:16; cf. Salmo 18:15; Ezequiel 38:20).

Nas narrativas históricas das batalhas entre o rei Davi e Saul temos os eventos descritos acima detalhados conforme são apresentados no Salmo 18? Em nenhum lugar da Bíblia foram detalhados assim. O mesmo se dá na profecia de Ezequiel ao descrever com palavras comuns à escrita profética dos eventos da futura batalha de Gogue contra Israel. Por outro lado, a narrativa histórica do livro de Ester foi escrita em forma direta em um único capítulo breve.

A frase “enviarei um fogo sobre Magogue” (Ezequiel 39:6) pode ser comparada “pelo sopro do vento das suas narinas” (2º Samuel 22:16). Temos aqui uma metáfora para destruição conforme podemos ver em textos como o do profeta Amós (Amós 1:10, 12; 2:2, 5). Veja também textos que falam metaforicamente de proteção (Zacarias 2:5).

O profeta Ezequiel escreveu sobre “os montes serão deitados abaixo, e os precipícios se desfarão, e todos os muros desabarão por terra” (Ezequiel 38:20). Essa linguagem semelhantemente é encontrada no Novo Testamento para descrever a vinda do Messias e nada dessa descrição física realmente aconteceu (Marcos 11:23; Lucas 3:5; cf. Isaías 40:4). Na profecia de Ezequiel 38-39 temos eventos descritos do ponto de vista de Deus, enquanto Ester explica coisas do ponto de

vista histórico do homem. O profeta Ezequiel usa linguagem poética semelhante como Davi fez em 2º Samuel 22 e no Salmo 18 para descrever como os inimigos de Israel foram derrotados. O livro de Ester possui a descrição da batalha real semelhante às batalhas travadas por Davi, com o uso de espadas por um exército de homens.

Temos exemplo semelhante no livro dos Juízes capítulos 4 e 5 em que é dito:

“E o Senhor derrotou a Sísera, e a todos os seus carros, e a todo o seu exército ao fio da espada, diante de Baraque; e Sísera desceu do carro, e fugiu a pé”.

(Juízes 4:15)

Nesta narrativa, quem estava com espadas? Obviamente os soldados de Baraque. Mas quem recebeu os créditos pela vitória? O Senhor Deus. Ainda no livro de Juízes, preste atenção na seguinte descrição:

“Assim Deus naquele dia sujeitou a Jabim, rei de Canaã, diante dos filhos de Israel.

E continuou a mão dos filhos de Israel a pesar e a endurecer-se sobre Jabim, rei de Canaã; até que exterminaram a Jabim, rei de Canaã”.

(Juízes 4:23-24)

No capítulo 5 do livro de Juízes temos o Cântico de Débora. Nesse cântico temos alguns itens adicionais sobre a batalha de Juízes capítulo 4 que não são mencionados:

- “a terra estremeu” (Juízes 5:4c);
- “os céus gotejaram; até as nuvens gotejaram águas” (Juízes 5:4);
- “Os montes se derreteram diante do Senhor (Juízes 5:5);
- “até as estrelas desde os lugares dos seus cursos pelejaram contra Sísera” (Juízes 5:20).

Alguns comentaristas bíblicos argumentam que os israelitas foram capazes de derrotar o exército de Jabin porque Deus fez chover. Assim sendo, os carros de guerra ficaram presos na lama. Pode ter ocorrido também deslizamentos de pedras. A questão é que os comentaristas não poderiam saber disso lendo somente a narrativa histórica de Juízes capítulo 4. Esses pontos adicionais aparecem em forma poética em Juízes capítulo 5. A mesma questão é verdadeira quando se estuda Ezequiel capítulos 38 e 39, juntamente com Ester capítulos 3 e 9.

O profeta Ezequiel usa linguagem de des-criação (Ezequiel 38:18–21) que é uma linguagem típica das descrições de julgamentos locais (ver Jeremias 4; Sofonias 1:2–4, 18; Joel 3:16; Naum 1:5–6; Ageu 2:6, 20–23). A linguagem profética se levada literalmente parece dar a ideia de mudança no mundo físico em escala global. Essa linguagem profética simbólica é semelhantemente usada por Jesus no Novo Testamento para descrever o fim da antiga aliança, “o fim da era” (Mateus 24:3), quando se diz que o sol e a lua escurecerão e as estrelas cairão dos céus com o resultado de que “os poderes dos céus serão abalados” (Mateus 24:29). No livro de Hebreus há linguagem semelhante para descrever também o fim da antiga aliança:

“A voz do qual moveu então a terra, mas agora anunciou, dizendo: Ainda uma vez comoverei, não só a terra, senão também o céu.

E esta palavra: Ainda uma vez, mostra a mudança das coisas móveis, como coisas feitas, para que as imóveis permaneçam.

Por isso, tendo recebido um reino que não pode ser abalado, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus agradavelmente, com reverência e piedade;

Porque o nosso Deus é um fogo consumidor”.

(Hebreus 12:26-29)

Parte 4	
Ezequiel 38-39	Ester 9
Os invasores são do extremo oeste até a antiga Pute (atual Líbia) (Ezequiel 38:5) e do extremo norte até Magogue, a terra dos citas.	O império persa não incluía essas áreas. Ele se estendia apenas até o Oeste de Cuxe (moderno Sudão) (Ester 8:9) e até o norte até a parte inferior dos mares Negro e Cáspio.

As afirmações do quadro acima são de Hitchcock e Thomas Ice. A afirmação dos autores de que Pute não fazia parte do Império Persa contrária o Atlas Bíblico de Macmillan¹⁶ que inclui nas fronteiras territoriais do Império Persa o território de Pute (moderna Líbia). A tentativa de identificar Magogue com “a terra dos citas”, é altamente discutível. Chega a ser impressionante o dogmatismo de Hitchcock e Ice sobre determinados pontos geográficos de 2600 anos atrás. Edwin Yamauchi, um estudioso incomparável nesta área, escreveu:

“A natureza desconcertante dos nomes 'Gogue e Magogue' tem levado a uma variedade de identificações ao longo dos séculos. Várias tentativas de explicar os antecedentes de Gogue e Magogue não ganharam o consentimento universal”.¹⁷

É difícil saber o limite exato das fronteiras dessas nações antigas. O que podemos ponderar é o fato de que os nomes antigos usados para essas nações e as armas antigas descritas para a batalha de Ezequiel 38 e 39, nos mostra que esses eventos proféticos foram cumpridos há muito tempo.

Outra interpretação errada, além das ideias de Hitchcock e Ice, vem de Ron Rhodes. Ele escreveu o seguinte em seu livro *Northern Storm Rising* [Tempestade Aumentando no Norte]:

“Um preterista faz um argumento bizarro para a ideia de que a invasão de Ezequiel 38-39 foi realizada nos eventos de Ester 9. Tal

visão ignora o caso bíblico para o ensino bíblico que a invasão ocorre nos “últimos anos” e “últimos dias” (Ezequiel 38:8, 16) por uma pessoa específica e coalizão de nações em nenhum lugar nem remotamente encontradas no livro de Ester (ver Ezequiel 38:1–6)”.¹⁸

O argumento de Rhodes sobre os “últimos anos” e “últimos dias” foi tratado no capítulo 5, mas vamos analisar algumas idéias adicionais. O Brown-Driver – Briggs (BDB) Léxico hebraico e inglês do Antigo Testamento traduz Ezequiel 38:16 como “no fim dos dias” e o define como “uma frase profética que denota o período final da história, tanto quanto a perspectiva do falante chega; assim, o sentido varia com o contexto, mas muitas vezes [iguala] o futuro ideal ou messiânico”.¹⁹ O BDB oferece os exemplos a seguir:

1. “o período da posse de Canaã por Israel” (Gênesis 49:1);
2. “o período do retorno de Israel a Deus após as adversidades” (Números 24:14; Deuteronômio 4:30);
3. “o período da rebelião de Israel” (Deuteronômio 31:29),
4. “o período do ataque de Gogue ao Israel restaurado” (Ezequiel 38:16) e “a era de Antíoco Epifanes” (Daniel 2:28; 10:14).

O que é digno de nota nesses exemplos é que toda a descrição de eventos futuros começam a partir do ponto de referência do autor e, portanto, já foram cumpridos. Tais eventos proféticos fazem parte da história de Israel (história passada = preterismo). Isto inclui Ezequiel 38:16, pois a história nos diz que os judeus retornaram à terra de Israel e reconstruíram a cidade e o templo. A frase “últimos dias” é melhor traduzida como “dias para vir”, que significa um momento no futuro desconhecido pelo autor.

Em relação a ideia de Rhodes de que “uma coalizão específica de nações” mencionadas em Ezequiel 38:1–6 “em nenhum lugar é encontrado nem remotamente no livro de Ester”, nos mostra o quanto devemos ter cuidado quando se usa palavras como “nunca” e

“sempre” ou a frase “em nenhum lugar nem remotamente”. O livro de Ester começa com essa frase na introdução:

“Agora aconteceu nos dias de Assuero, Assuero, que reinou da Índia na Etiópia em mais de 127 províncias”.

(Ester 1:1; 8:9)

Baseado nesses versículos, podemos concluir que o Império Medo-Persa teria incluído todas as nações listadas por Ezequiel.²⁰ Na verdade, é o Sr. Rhodes quem precisa demonstrar na sua interpretação futurista, de que a “coalizão específica de nações” listada de Ezequiel seria encontrada em qualquer mapa dos dias modernos. O que ele não poderá fazê-lo. Qualquer um dos primeiros leitores de Ezequiel 38–39 teria reconhecido rapidamente a lista de nações que viviam entre eles em seus dias.

Uma objeção foi levantada por Mark Hitchcock:

“Uma importante pergunta que podemos fazer neste momento é: se Ezequiel 38–39 foi cumprido nos eventos de Ester 9, por que isso escapou ao conhecimento de todos no tempo de Ester? Por que não há menção em Ester dessa grande realização da profecia de Ezequiel?”²¹

A resposta é que é bem possível que os judeus exilados não tinham conhecimento da profecia de Ezequiel. Se prestarmos atenção, mesmo a palavra “Deus” sequer é mencionada em Ester. John Whitcomb escreveu que “quando voltamos nossa atenção para o propósito do livro [de Ester]”, “a pergunta imediatamente surge sobre o porquê de todas as referências à oração, adoração, Jerusalém, o templo, e o nome de Deus são omitidas, com exceção de algumas dicas de oração e providência (Ester 4:14; 4:16; 9:31)”.²² Em seu raciocínio Whitcomb continua dizendo que “parece não haver evidência de que Mordecai ou Ester nutrissem qualquer desejo de se relacionar com o cerne do programa teocrático de Deus que estava viajando para Jerusalém,

oferecendo os sacrifícios prescritos no altar por meio de sacerdotes levíticos e orando a Jeová em Seu templo sagrado”.²³

Bem da verdade é que a interpretação oferecida pela maioria dos intérpretes populares da profecia de nosso tempo não tinha história antes do século XIX. É fato que nunca houve uma interpretação consensual de Ezequiel 38 e 39 por 2000 anos. A razão para isso é muito clara, ou seja, aqueles que interpretaram os capítulos aparentemente enigmáticos de Ezequiel 38-39 tentaram encontrar como solução interpretativa algo fora do registro bíblico, ignorando assim que ao longo da Bíblia já temos as respostas.

Já que os intérpretes modernos da profecia afirmam interpretar a Bíblia literalmente, de acordo com o “sentido claro” do texto, como eles gostam muito de dizer, então eles têm que demonstrar que:

1. As armas de guerra descritas por Deus e reveladas para Ezequiel são, na realidade, armas modernas;
2. As nações descritas em Ezequiel 38-39 devem ser renomeadas para se ajustar a novos alinhamentos políticos;
3. A palavra hebraica Rôš é um criptograma profético para a Rússia.

Enquanto tais intérpretes não podem fazer isso, os verdadeiros estudantes da Bíblia devem procurar uma solução interpretativa na própria Bíblia.

Conclusão

Segundo o teólogo Gary DeMar, o “pastor Greg Laurie, da *Harvest Christian Fellowship*, na Califórnia, disse em um sermão de 19 de novembro de 2015 que os eventos das notícias atuais estão seguindo o plano estabelecido na profecia da Bíblia”.¹ Ainda segundo DeMar, Melody Dareing, escrevendo para o *Western Journalism Center*, afirma que Laurie “encerrou seu sermão com esta declaração conclusiva de que eles ‘estavam vivendo nos últimos dias’”.²

O comentário do pastor Laurie é baseado em duas coisas específicas:

1. A ascensão do terrorismo;
2. A aliança entre a Rússia e o Irã.

Para ele o terrorismo em todo o mundo está “mais forte do que nunca”. Essas reivindicações feitas por Laurie tem sido por séculos os prognósticos proféticos feitos por intérpretes que usaram como base os eventos do tempo em que cada um deles viveram. O teólogo Gary DeMar afirma que sua “biblioteca está cheia de livros alegando que o fim estava próximo durante a Primeira e Segunda Guerra Mundial, na revolução russa, na militarização do Japão, na Revolução Francesa, e em toda guerra europeia de todos os tempos de lutas até a ascensão do Islã centenas de anos atrás. Por décadas - mesmo séculos - os escritores de profecias cristãs estão dizendo a seus seguidores que o que estava acontecendo em seu tempo tinha evidência certa de que estamos vivendo nos últimos dias e que Jesus estava voltando em breve”.³

Os intérpretes proféticos Hal Lindsey e Chuck Smith garantiram a seus leitores que o mundo chegaria ao fim antes de 1988. Se recuarmos no tempo, para o ano de 1970, quando *The Late Great Planet Earth* [A Agonia do Grande Planeta Terra] de Lindsey foi publicado, veremos que já faz quase meio século que suas previsões falharam. Tanto

Lindsey quanto Smith, que são considerados dois dos maiores nomes do ramo da interpretação profética, garantiram a seus seguidores que o ano de 1988 seria o fim de tudo. Hal Lindsey chamou a década dos anos oitenta de “a geração final”⁴ e “a contagem regressiva para o Armagedom”. Em seu livro *End Times* [Fim dos Tempos], Chuck Smith afirmou:

“Eu acredito que a geração de 1948 é a última geração. Desde que uma geração de julgamento é de quarenta anos e o período da tribulação dura sete anos, eu acredito que o Senhor poderia voltar para Sua Igreja a qualquer momento antes de começar a tribulação, o que significaria a qualquer momento antes de 1981. (1948 + 40 - 7 = 1981)”⁵

Em seu livro *Future Survival* [Sobrevivência Futura], ele escreveu:

“Somos a geração que viu a figueira brotar [Mateus 24:32],⁶ quando Israel se tornou uma nação novamente em 1948. Como regra, uma geração na Bíblia dura 40 anos. Quarenta anos depois de 1948 nos levaria a 1988”.

* * * * *

“Pelo meu entendimento das profecias bíblicas, estou convencido que o Senhor está vindo para a Sua Igreja antes do final de 1981. Eu posso estar errado, mas é uma profunda convicção em meu coração, e todos os meus planos se baseiam nessa crença... O Senhor disse que no final do período da Tribulação o sol queimaria homens que habitam na face do terra (Apocalipse 16). O ano de 1986 se encaixaria perfeitamente”⁷.

O resultado dessas previsões é que muito dano espiritual foi causado aos cristãos que colocaram confiança nesses especialistas em profecia. Milhões de cristãos por estarem convencidos de que nada poderia ser feito para mudar as coisas, por acreditar que estavam vivendo nos “últimos dias”, acabaram cruzando os braços em relação ao mundo.

Os intérpretes modernos da profecia bíblica se esquecem que nas previsões de Jesus no Monte das Oliveiras, o Senhor tinha Sua atual geração como público alvo. Por isso Ele constantemente em Mateus 24 usa a segunda pessoa do plural “vós” (Mateus 24:15; também versículos 4, 6, 20 e especialmente o versículo 33). No versículo 34 de Mateus capítulo 24, o Senhor Jesus disse:

“Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça”.

Note que o Senhor disse “esta geração”, não “**aquela**” geração (que seria o correto para se referir a uma geração futura). Portanto, era a geração dos primeiros discípulos, não uma geração futura que testemunharia a Grande Tribulação e todas as advertências do Sermão profético (Mateus 24:34; Mateus 10:23; 11:16; 12:39, 41-42, 45; 16:28; 23:36).

O Senhor Jesus não diz em Seu Sermão Profético que haverá **MAIS** guerras (nem o tamanho delas), ou um aumento assustador de terremotos cada vez maiores. Ele apenas afirma que haverá “guerras e rumores de guerras” e em vários lugares “fomes e terremotos” (Mateus 24:6-7). A medida que vamos tendo familiaridade com a história do primeiro século da era cristã, saberemos que houve guerras e rumores de guerras, fomes, pragas e terremotos, conforme descrito por Jesus em Mateus 27:51, 54; 28:2; Atos 4:31; 16:26). Os historiadores do primeiro século da era cristã confirmam todas essas previsões de Jesus.

No livro de Atos dos Apóstolos há uma profecia de que haveria “uma grande fome em todo o mundo” (Atos 11:28). A palavra traduzido como “mundo” nesse texto é exatamente a mesma palavra grega *oikoumenē* encontrada em Lucas 2:1:

“Agora naqueles dias saiu um decreto de César Augusto, que um recenseamento de toda a terra habitada”.

O Erudito do Novo Testamento I. Howard Marshall explica sobre essa palavra grega:

“Οικουμένη significa “o habitado (mundo)”, de οικέω, 'habitar'. Era usada no Império Romano, que era exageradamente considerado igual ao mundo inteiro”.⁸

Quando Jesus disse sobre o “evangelho” sendo pregado em todo o “mundo” (*oikoumenē*) - a “todas as nações” – várias passagens do Novo Testamento mostram esse cumprimento antes daquela geração do primeiro século passar (Romanos 1:8; Colossenses 1:6, 23; Romanos 16:25-27; 1ª Timóteo 3:16). A mesma palavra *oikoumenē* também é usada em Atos 11:28, onde se diz que a fome atingiria todo o império durante o “reinado de Cláudio”. Diante desses fatos, Gary DeMar explica que:

“O que Jesus estava descrevendo em Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21 foi o fim - os últimos dias - da Antiga Aliança. A exterior manifestação dessa aliança, que sempre foi projetada para passar longe (veja o livro de Hebreus), se tornaria realidade quando o sacrifícios do templo, do sacerdócio e de animais cessassem e fossem substituídos por algo mais permanente. E como Jesus previu, tudo aconteceu quando o templo em Jerusalém foi desmontado pedra por pedra no ano 70 d.C. (Mateus 24:1-3), e os escritores posteriores do Novo Testamento descreveram o que foi substituído [1ª Pedro 2:4-8]”.⁹

DeMar continua:

Esses foram os “últimos dias” que Jesus e os escritores do Novo Testamento descreveram (por exemplo, Hebreus 1:1-2; 1ª Coríntios 10:11; Hebreus 9:26; 10:24-25; Tiago 5:7-9; 1ª Pedro 1:20; 4:7). Em Mateus 24:3, Jesus não estava prevendo o “fim do mundo físico” (*kosmos*), mas o “fim do mundo” ou “idade” (*aiōn*), um período de tempo. Agora vivemos na Nova Aliança com Jesus como templo, profeta, sacerdote, rei e o último sacrifício por nossos pecados. Não há necessidade de templo de pedra, sacrifícios de animais e um sacerdócio humano para administrar o antigo sistema de aliança. Nós

agora vivemos na era de uma “aliança melhor” (Hebreus 8:6; Lucas 22:20; Hebreus 7:22; 8:8; 9:15; 12:24)”¹⁰

É fato que os populares intérpretes-escritores de profecia estão em sua teoria profética sensacionalista dizendo que haverá um retorno a todos os elementos sombrios da antiga aliança, algo que o Novo Testamento rejeita (Colossenses 2:17; Hebreus 8:5; 10:1). “De maneira semelhante, a profecia de Gogue e Magogue era uma antiga batalha travada com armas antigas - cavalos, carros, arcos e flechas, espadas, paus e escudos - e não tem nada a ver com as armas de nosso tempo. Não há menção ao Iraque, Irã, Rússia ou qualquer outra nação moderna”.¹¹ Apesar de “Gogue e Magogue” serem mencionados em Apocalipse 20:8, não podemos dizer que essa batalha é aquela que os intérpretes modernos da profecia afirmam quando referem-se à Rússia moderna e às demais nações.

Um cuidadoso estudioso do livro de Apocalipse perceberá que no mesmo existem muitas referências ao Antigo Testamento. Por exemplo, a cidade de Jerusalém é descrita como “Sodoma e Egito, onde também o seu Senhor foi crucificado” (Apocalipse 11:8). Há referências a Jezabel (Apocalipse 2:20), Sodoma, Egito, Babilônia (Apocalipse 17:4-6). O mesmo acontece com Gogue e Magogue, os quais são usados como símbolos de julgamento porque Israel se tornou como eles e seria julgado como eles foram julgados no passado. O Apocalipse mostra assim que da mesma maneira que Deus julgou essas cidades, pessoas e nações incrédulas do Antigo Testamento, Ele fez o mesmo com Jerusalém por causa de sua descrença e conspiração com o Império Romano ao declarar: “Não temos rei senão César” (João 19:15).

O Novo Testamento em nenhum momento prevê o fim do mundo físico (*kosmos*), mas, ao invés disso, temos previsões sobre o fim da ordem da antiga aliança (1ª Coríntios 10:11; Hebreus 9:26). Se este não for o caso, não faz sentido algum a declaração do apóstolo de Pedro de que “o fim de todas as coisas se aproxima” e as palavras de João de que os seus primeiros leitores estavam vivendo a “última hora” (1ª Pedro 4: 7; 1ª João 2:18).

Bibliografia geral

Capítulo 1

1. M. R. DeHaan, *Signs of the Times and other Prophetic Messages* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1951), 74. *Citado por Gary DeMar.*
2. Stafford North, *Armageddon Again?: A Reply to Hal Lindsey* (Oklahoma City, OK: Oklahoma Christian University, 1991).
3. Carl G. Johnson, *Prophecy Made Plain for Times Like These* (Chicago: Moody Press, 1972).
4. Jack Van Impe, *The Coming War With Russia* (Old Time Gospel Hour Press, n.d.). The quotation is taken from a message that Van Impe gave at Canton Baptist Temple, Canton, Ohio. The talk was recorded on a vinyl record. Quoted in Johnson, *Prophecy Made Plain for Times Like These*, 82–83.
5. <http://tinyurl.com/5qa28b>. A shorter version of Reagan’s address is found in Paul Boyer, *When Time Shall Be No More: Prophecy Belief in Modern Culture* (Cambridge, MA: The Belknap Press of Harvard University, 1992), 162. Lindsey’s views on Russia as an end-time prophetic player have changed with the headlines. In 1981 he wrote, “Today, the Soviets are without question the strongest power on the face of the earth.” (*The 1980’s: Countdown to Armageddon* [New York: Bantam, 1981], 68). Compare this with what he wrote in 1994: “We see Russia as no longer a world threat, but a regional power with a world-class military—exactly what Ezekiel 38 and 39 predicted it would be.” (*Planet Earth 2000 A.D.* [1994], 216).
6. Paul Kengor, *God and Ronald Reagan: A Spiritual Life* (New York: Harper- Collins, 2004), 194

7. Ron Rhodes, *Northern Storm Rising: Russia, Iran, and the Emerging End-Times Military Coalition against Israel* (Eugene, OR: Harvest House Publishers, 2008), 11.
8. Steven F. Hayward *The Real Jimmy Carter: How Our Worst Ex-President Undermines American Foreign Policy, Coddles Dictators and Created the Party of Clinton and Kerry* (Washington, D.C.: Regnery Publishing, 2004), 43–46.
9. Jerry Falwell quoted in Deborah Hart Strober and Gerald S. Strober, *The Reagan Presidency: An Oral History of the Era*, rev. ed. (Dulles, VA: Potomac Books, 2003), 31.
10. “A Tide of Born-Again Politics,” *Newsweek* (September 15, 1980), 36. Quoted in Bruce J. Schulman, *The Seventies: The Great Shift in American Culture, Society and Politics* (New York: The Free Press, 2001), 216.
11. Ed Hindson, “Is War with Iran Inevitable?,” *National Liberty Journal* (March 2007), 9. Also see Tim LaHaye and Ed Hindson, *Global Warning: Are We on the Brink of World War III?* (Eugene, OR: Harvest House, 2007), 127.
12. Hal Lindsey interview with W. Ward Gasque, “Future Fact? Future Fiction?,” *Christianity Today* (April 15, 1977), 40.
13. Hal Lindsey, “Oh, My Gog!” (August 22, 2008): <http://tinyurl.com/5a688p>
14. Hal Lindsey, “The Gog-Magog Alliance” (August 29, 2008): <http://tinyurl.com/6qldbh>
15. Hal Lindsey, “While we’re not looking” (September 5, 2008): <http://tinyurl.com/5pw6tw>
16. Timothy J. Dailey, *The Gathering Storm* (Tarrytown, NY: Revell, 1992), 157–158.
17. Chuck Missler, *Prophecy 20/20: Profiling the Future Through the Lens of Scripture* (Nashville, TN: Thomas Nelson, 2006), 155.

18. Thomas L. Constable, “Notes on Ezekiel” (2008), 185: <http://tinyurl.com/nd3t6>
19. William Hendriksen, *More Than Conquerors: An Interpretation of the Book of Revelation* (Grand Rapids, MI: Baker, [1939] 1967), 233. Also see Ralph Woodrow, *His Truth is Marching On: Advanced Studies on Prophecy in the Light of History* (Riverside, CA: Ralph Woodrow Evangelistic Association, 1977), 43 and T. Boersma, *Is the Bible a Jigsaw Puzzle: An Evaluation of Hal Lindsey’s Writings?* (St. Catherines, Ontario: Paideia Press, 1978), 106–125. For a description of other views, see G. K. Beale, *The Book of Revelation: The New International Greek Commentary* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999), 1024–1025.
20. For a description and critique of this view, see Douglas Berner, *The Silence is Broken: God Hooks Ezekiel’s Gog and Magog* (2006), 283–289. Berner believes that Ezekiel 38 and 39 are describing an end-time battle where Russia is the major prophetic player. It’s more likely that John is using Gog and Magog as Old Testament symbols similar to the way he uses Jezebel (Rev. 2:20), Babylon (14:8; 16:19; 17:5; 18:2, 10, 21), Sodom and Egypt (11:8), and other Old Testament symbols.
21. Even futurist Mark Hitchcock understands Gog and Magog in Revelation this way: “The words Gog and Magog in Rev 20:8 are probably used as someone today would apply the word ‘Waterloo’ as a shorthand way to signal a crushing military defeat. During the millennium, the defeat of Gog and Magog in Ezek 38–39 will apparently become legendary among the nations. John applies this overwhelming defeat to a new historical situation. Satan will lead this final invasion and will meet his ‘Waterloo’—his ‘Gog and Magog.’” (“The Battle of Gog and Magog”: <http://tinyurl.com/6lhe7x>). Also see Mark Hitchcock, *The Complete Book of Bible Prophecy* (Wheaton, IL: Tyndale House, 1999), 214–215.
22. Henry Morris takes a similar approach: “Despite the duplication of names, this Gog and Magog incursion after the thousand years does not seem to be the same as the invasion of Israel by Gog and Magog before the thousand years, as described in Ezekiel 38 and 39. The combatants in the two battles are quite different from each other and the outcomes are drastically different, as is obvious from even a casual reading of the two accounts. It may be that the names are the same because the new leaders of the rebellion (human leaders, that is) come from the same northern regions of Eurasia as the leaders of that earlier invasion of Israel. They may

even have deliberately appropriated these Biblical names as a statement of their intent to avenge the defeat and death of their ancestors when they invaded Israel.” (The Defender’s Study Bible [Grand Rapids, MI: World Publishing, 1995], 1463).

23. Francis X. Gumerlock, *The Day and the Hour: Christianity’s Perennial Fascination with Predicting the End of the World* (Powder Springs, GA: American Vision, 2000), 68.
24. T. R., “Commentary on Ezekiel’s Prophecy of Gog and Magog,” *The Gentleman’s Magazine* (October 1816), 307.
25. Tim LaHaye, *No Fear of the Storm: Why Christians will Escape All the Tribulation* (Sisters, OR: Multnomah, 1992), 240. *No Fear of the Storm* has been republished as *Rapture Under Attack* (1998).
26. David L. Cooper, *When Gog’s Armies Meet the Almighty in the Land of Israel: An Exposition of Ezekiel Thirty-Eight and Thirty-Nine*, 3rd ed. (Los Angeles, CA: Biblical Research Society, [1940] 1958), [i].
27. Cooper, *When Gog’s Armies Meet the Almighty in the Land of Israel*, 104.
28. Rhodes, *Northern Storm Rising*, 20.
29. Norman Geisler and Ron Rhodes, *Conviction without Compromise: Standing Strong in the Core Beliefs of the Christian Faith* (Eugene, OR: Harvest House, 2008), 196.
30. Tim LaHaye and Jerry Jenkins, *Are We Living in the End Times?: Current Events Foretold in Scripture ... And What They Mean* (Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 1999), 84.
31. Joel Miller, “Israel and End-Time Fiction” (April 5, 2002): <http://tinyurl.com/3lwny5>
32. There are things in the Bible that are “hard to understand” (1 Pet. 3:16), but not everything is of the some complexity.

Capítulo 2

1. Jack Van Impe with Roger F. Campbell, *Israel's Final Holocaust* (Nashville, TN: Thomas Nelson, 1979), 128.
2. Charles Caldwell Ryrie, *The Living End* (Old Tappan, NJ: Revell, 1976), 81.
3. James B. Jordan, *Esther in the Midst of Covenant History* (Niceville, FL: Biblical Horizons, 1995), 5.
4. Ezekiel 37 describes the return of the remnant of Judah and Israel from exile. This is plainly established in the book of Ezra where we read, "Now when the seventh month came, and the sons of Israel were in the cities, the people gathered together as one man to Jerusalem" (Ezra 3:1). The nation is once again united "as one man" (Ezek. 37:15–23; also see Eph. 2:15). Later we read about how "the sons of Israel, the priests, the Levites, and the rest of the exiles, celebrated the dedication of this house of God with joy" where "12 male goats, corresponding to the number of the tribes of Israel," were sacrificed (Ezra 6:16–17; cp. 8:35). We are told that "the sons of Israel who returned from exile and all those who had separated themselves from the impurity of the nations of the land to join them, to seek the Lord God of Israel, ate the Passover" (6:21; Ezek. 37:23). It seems clear that many from the northern kingdom made their way to Jerusalem after the exile and joined with Judah, Benjamin, and the Levites (7:7, 13, 28; 8:25). In Ezra 10:1 we learn that "while Ezra was praying and making confession, weeping and prostrating himself before the house of God, a very large assembly, men, women, and children, gathered to him from Israel; for the people wept bitterly." Edwin M. Yamauchi writes that "the use of the terms 'Israelites' rather than 'Judeans'" was Ezra's way to describe "a united Israel of those who returned." ("Ezra- Nehemiah," *The Expositor's Bible Commentary*, gen. ed. Frank E. Gaebelin, 12 vols. [Grand Rapids, MI: Zondervan, 1988], 4:652). Albertus Pieters writes that "such expressions as 'Israel,' 'The Whole House of Israel,' 'The House of Israel,' are used to denote the entire body of the twelve tribes, as if they were again one nation.... The conclusion to be drawn from all the above considerations, is this, that the exilic prophets and later writers gradually ceased to make any distinction between Israel and Judah." (*The Ten Tribes in History and Prophecy* [Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1934], 48–49).
- J. B. Shearer writes, "The restored people were called Israel and Jews, interchangeably, by both Ezra and Nehemiah, who were the renewers, the leaders, the prophets and the historians of the commonwealth.... When they make mention of 'all Israel' they must have included the twelve tribes, just as Moses and Joshua

did when they spake of ‘all Israel’... When we read Matt. 4:12–16 and Christ’s quotation from Is.1:2, we feel sure that remnants of Zebulun and Naphtali rejoiced in the light of Christ’s visit and teaching... Anna the prophetess [Luke 2:36], who blessed the babe in the temple belonged to the tribe of Asher. If the ten tribes were lost Paul knew nothing about it. In his defence before Agrippa he spoke of the promise made to the fathers, and said, ‘Unto which promise our twelve tribes, instantly serving God day and night, hope to come’ [Acts 26:7].” (“No. 93: The Lost Ten Tribes?,” One Hundred Brief Bible Studies [Richmond, VA Presbyterian Committee of Publication, 1912], 211–212). Even the editors of the Scofield Reference Bible admit that “individuals from all the tribes returned to Jerusalem under Zerubbabel, Ezra, and Nehemiah...” (1917 edition, note on Ezra 2:1). A similar comment can be found in the New Scofield Reference Bible. This truth is carried over into the New Testament where the Jews are described as “the men of Judea” (Acts 2:14), “men of Israel” (2:22; 13:16), “house of Israel” (2:36; 7:42), and “sons of Israel” (5:21; 7:23; 7:37; 9:15; 10:36), common phrases to describe a united nation (Rom. 9:27; 2 Cor. 3:7). We read in Revelation 7:4 that the “one hundred and forty-four thousand,” which is said by futurists to describe a future united Israel, are “sealed from every tribe of the sons of Israel.” So why does “sons of Israel” in Revelation mean a united remnant of Israel, but the same phrase does not refer to a united remnant of Israel in the book of Acts?

5. Jordan, Esther in the Midst of Covenant History, 5–7.

6. Jordan, Esther in the Midst of Covenant History, 7.

7. Grant R. Jeffrey, *The Next World War: What Prophecy Reveals About Extreme Islam and the West* (Colorado Springs, CO: WaterBrook Press, 2006), 143, 147–148.

8. While the returning exiles were hassled by residents who had occupied the land in Israel’s absence, Darius’ decree put an end to hostilities in a dramatic and definitive way: “And I [Darius] issued a decree that any man who violates this edict, a timber shall be drawn from his house and he shall be impaled on it and his house shall be made a refuse heap on account of this [cp. Esther 8:7]. And may the God who has caused His name to dwell there overthrow any king or people who attempts to change it, so as to destroy this house of God in Jerusalem. I, Darius, have issued this decree, let it be carried out with all diligence!” (Ezra 6:11–12).

9. It’s unfortunate that the translators of the New American Standard Version translate perazah as “rural towns” in Esther 9:19 instead of “unwalled villages” as they do in Ezekiel 38:11.

10. <http://tinyurl.com/3r7yye> and <http://tinyurl.com/3r7yye>

11. In the First Targum to Esther, an Aramaic translation of sections of the Hebrew Bible, the following is found: “The measure of judgment came before the Lord of the whole world and spoke thus: Did not the wicked Haman come down from Susa to Jerusalem in order to hinder the building of the house of thy Sanctuary?” (Lewis Bayles Paton, *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Esther* [New York: Charles Scribner’s Sons, (1908) 1916], 194). 3:1

12. Sverre Bøe, *Gog and Magog: Ezekiel 38–39 As Pre-Text for Revelation 19, 17–21 and 20, 7–10* (Wissunt Zum Neun Testament Ser. II, 135) (Tübingen, Germany: Mohr Siebeck, 2001), 384. Anton Scholz (1892) comments that “The Book of Esther is a prophetic repetition and further development of Ezekiel’s prophecy concerning Gog.” Quoted in Paton, *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Esther*, 56. The point in all these Gog-Agagite references is to show that there are a number of scholars who saw a literary parallel between Ezekiel 38–39 and Esther.

13. Paton, *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Esther*, 194.

14. Paton, *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Esther*, 194. “When 93a makes him a Gogite (cf. Ez. 38–39), and L makes him a Macedonian, these are only other ways of expressing the same idea. . .” (194).

15. Paul Haupt, “Critical Notes on Esther,” *OT and Semitic Studies in Memory of W. R. Harper, II* (Chicago: 1908), 194–204 and Nicholas M. Railton, “Gog and Magog: the History of a Symbol,” *Evangelical Quarterly* 75:1 (2003), 27–28.

16. Jordan, *Esther in the Midst of Covenant History*, 7.

17. Jordan, *Esther in the Midst of Covenant History*, 7. This is quite different from identifying the common Hebrew word *rosh* with modern-day Russia since there is only one common letter between *rosh* and Russia (see chapter 4).

18. The Hebrew word *shar* is used for “prince” in Esther, while *naw-see* (Ezek. 38:2–3; 39:1, 18). They are synonyms.

19. “Every survivor, at whatever place he may live, let the men of that place support him with silver and gold, with goods and cattle, together with a freewill offering for the house of God which is in Jerusalem” (Ezra 1:4).

20. John C. Whitcomb, *Esther: Triumph of God's Sovereignty* (Chicago: Moody Press, 1979), 69.
21. Tim LaHaye, *The Coming Peace in the Middle East* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1984), 125.
22. <http://tinyurl.com/5xo6xe>
23. "Putin's Arctic invasion: Russia lays claim to the North Pole—and all its gas, oil, and diamonds" (June 28, 2007): <http://tinyurl.com/6bf24w>
24. Barbara Slavin, "U.S. studies history in order to avoid repeat," *USA Today* (November 8, 2001), 12A.
25. "Afghanistan sitting on a gold mine" (February 20, 2008): <http://tinyurl.com/4ou8jw>
26. For example, John F. Walvoord with Mark Hitchcock, *Armageddon, Oil and Terror*, 3rd rev. ed. (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2007) and LaHaye, *The Coming Peace in the Middle East*, 105.
27. Lindsey, *Late Great Planet Earth*, 156.
28. Lindsey, *Late Great Planet Earth*, 156.
29. David L. Cooper, *When Gog's Armies Meet the Almighty: An Exposition of Ezekiel Thirty-Eight and Thirty-Nine* (Los Angeles: Biblical Research Society, 1940),
27. He repeats this claim in the 1958 third revised edition (27).
30. Cooper, *When Gog's Armies Meet the Almighty*, 28–29.
31. Yoram Gabison and Yael Pollak, "Promise of cheap potash slams ICL" (August 6, 2008): <http://tinyurl.com/5o9lzq>
32. <http://tinyurl.com/4tjqs b>

33. Peter and Patti Lalonde, *The Edge of Time: The Final Countdown Has Begun* (Eugene, OR: Harvest House, 1997), 225–226. The source for these statistics comes from the *Intelligence Digest* (July 5, 1996).

34. Cooper, *When Gog’s Armies Meet the Almighty*, 26.

35. Bøe, *Gog and Magog*, 118–119.

36. Ryrie, *The Living End*, 81.

37. John F. Walvoord, *Israel in Prophecy* (Grand Rapids, MI: Zondervan/Academie, [1962] 1988), 108.

38. Eugene H. Merrill, *An Exegetical Commentary: Haggai, Zechariah, Malachi* (Chicago, IL: Moody Press, 1994), 342.

39. Arnold G. Fruchtenbaum, “The Little Apocalypse of Zechariah,” *The End Times Controversy: The Second Coming Under Attack*, eds. Tim LaHaye and Thomas Ice (Eugene, OR: Harvest House, 2003), 262.

40. Walter C. Kaiser, Jr., in his comments on Zechariah 13, states: “One of the earth’s most devastating disasters will take place in the end times. ‘Two thirds in [the land of Israel] shall be cut off and die’ (v. 8a). Israel’s present population is somewhere around five million. What it will swell to by the time this text is fulfilled we do not know, but God has promised to lead in a restoration of the Jewish people to the land of Israel. When that takes place there may be some eight to twelve million people in Israel. Think of it: ‘two-thirds’ of whatever the population is in that day will be killed.” (*The Communicator’s Commentary: Micah-Malachi* [Dallas, TX: Word, 1992], 413). This event, according to futurists, follows just a few years after God rescues Israel when Russia is said to invade. Why would God lure His chosen people to Israel when two-thirds of them will be slaughtered after He has rescued them? Notice in Matthew 24, which is a description of the destruction of Jerusalem that took place 40 years after Jesus’ prophecy, that the Jews are warned to flee the city (24:15–20). Notice also that the conflagration is limited to Judea and is not nationwide. If Kaiser and other futurists believe the scenario where millions of Jews will be killed, why aren’t they warning them to leave Israel?

Capítulo 3

1. Louis S. Bauman, *Light from Bible Prophecy: As Related to the Present Crisis*, 6th ed. (New York: Fleming H. Revell, 1940), 30. Notice that the subtitle indicates that the author wrote against the backdrop of current events in 1940.

2. H. L. Ellison, *Ezekiel: The Man and His Message* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1956), 134.
3. Wilhelm Gesenius, *Hebrew and Chaldee Lexicon*, trans. Samuel P. Tregelles (Grand Rapids, MI: Eerdmans [1857] 1949), 752. Gesenius' arguments will be evaluated in chapter 6 along with the Septuagint (LXX).
4. Clyde E. Billington, "The Rosh People in History and Prophecy (Part 2): The Origin and Early History of the Rosh People," *Michigan Theological Journal*, 3.2 (1992), 143–144.
5. "Tiras" is spelled while "rosh" is spelled . The "s" sounds use diferente Hebrew letters: samek () in "Tiras" and shin () in "Rosh."
6. Billington, "The Rosh People in History and Prophecy" (Part 2), 166–167.
7. Billington writes: "It should be kept in mind that when Ezekiel wrote the Book of Ezekiel, he was a captive in Babylon, and the Babylonians at that time still spoke Akkadian" (167). First, Ezekiel was written for the Jews not the Babylonians (2:3–7). Second, the Jewish Scriptures were written mostly in Hebrew and only some Aramaic which is very similar to Hebrew. Hebrew is the language of interpretation, not Akkadian. Third, when God wanted to address the world beyond Israel, He chose the sister language of Aramaic not Akkadian (Dan 2:4–7:1–28). Fourth, Tiras includes three Hebrew letters not found in rosh: tav, yod, and samech.
8. In the Hebrew Bible, 1 and 2 Chronicles is one book (Chronicles) and appears last in the order of books.
9. Ron Rhodes, *Northern Storm Rising: Russia, Iran, and the Emerging End-Times Military Coalition Against Israel* (Eugene, OR: Harvest House Publishers, 2008), 102.
10. Victor P. Hamilton, *The Book of Genesis: Chapters 1–17* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1990), 332. A similar interpretation is offered by G. Ch. Aalders, *The Bible Student Commentary: Genesis*, 2 vols. (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1981), 1:218.
11. Millard C. Lind, *Ezekiel: Believers Church Bible Commentary* (Scottsdale, PA: Herald Press, 1996), 315. See his map on page 385. 12. A similar idea can be seen in Revelation 20:8 where "Gog and Magog" gather the deceived nations from the

“four corners of the earth.” Gog and Magog are being used in a way similar to how Revelation uses Balaam (2:14), Jezebel (2:20), Sodom and Egypt (11:8), and Babylon (16:19) as shorthand indicators for the enemies of God’s people.

13. Iain M. Duguid, *Ezekiel: The NIV Application Commentary* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1999), 448. 14. E. W. Hengstenberg, *The Prophecies of the Prophet Ezekiel Elucidated*, trans. A. C. Murphy and J. G. Murphy (Edinburgh: T. & T. Clark, 1869), 331.

15. S. Maxwell Coder, “The Future of Russia,” *Focus on Prophecy*, ed. Charles L. Feinberg (Westwood, NJ: Fleming H. Revell, 1964), 82–83.

16. <http://tinyurl.com/4k6uxp>. A search for “rosh,” as in “Rosh Hashana,” will show that it is spelled. The Hebrew is consistently translated as “chief,” as in Chief of Staff and Chief of Intelligence.

17. Merrill F. Unger, *Beyond the Crystal Ball* (Chicago: Moody Press, 1974), 82.

18. Unger, *Beyond the Crystal Ball*, 82.

19. Charles C. Ryrie, ed., *The Ryrie Study Bible* (Chicago, IL: Moody Press, 1978), 1285.

20. Some editions of the New American Standard translation include “Rosh” in Isaiah 66:19: “Tarshish, Put, Lud, Meshech, Rosh, Tubal, and Javan.” No other translation includes “Rosh” in this listing. The Hebrew text does not include “Rosh.” The Lockman Foundation’s on-line version of their updated translation of the NASB does not include “Rosh” in Isaiah 66:19. In response to my question regarding this discrepancy, the Lockman Foundation sent a lengthy and technical explanation, but in the final analysis admitted that the word rosh is not found in Isaiah 66:19 in either the Hebrew text or the LXX.

21. Hal Lindsey, *Late Great Planet Earth* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1970), 59–71.

22. Tim LaHaye, *The Beginning of the End*, rev. ed. (Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 1991), 65.

23. *The Scofield Reference Bible*, ed. C. I. Scofield (New York: Oxford University Press, 1917), 883n.

24. “Javan, Tubal and Meshech, they were your traders; with the lives of men and vessels of bronze they paid for your merchandise” (Ezek. 27:13).
25. Thomas Williamson, “Will There be a Russian Invasion of Israel?,” *Biblical Perspectives* (June 1, 2004), 2.
26. Charles H. Dyer, “Ezekiel,” *The Bible Knowledge Commentary: Old Testament*, eds. John F. Walvoord and Roy B. Zuck (Wheaton, IL: Victor Books, 1985), 1281.
27. Ralph H. Alexander, “Ezekiel,” *The Expositor’s Bible Commentary*, gen. ed., Frank E. Gaebelin (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1986), 6:877, note on verses 13–14.
28. Mark Hitchcock *The Coming Islamic Invasion of Israel* (Sisters, OR: Multnomah, 2002), 45.
29. J. Paul Tanner, “Rethinking Ezekiel’s Invasion of Gog,” *Journal of the Evangelical Theological Society* 39:1 (March 1996), 32.
30. Charles Lee Feinberg, *The Prophecy of Ezekiel* (Chicago: Moody Press, 1969), 220.
31. Edwin M. Yamauchi, *Foes from the Northern Frontier: Invading Hordes from the Russian Steppes* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1982), 20.
32. Edwin Yamauchi, “Meshech, Tubal, and Company: A Review Article [of Noah’s Three Sons: Human History in Three Dimensions by Arthur Custance],” *Journal of the Evangelical Theological Society* 19 (1976), 243.
33. Ralph H. Alexander, “Ezekiel,” *The Expositors Bible Commentary*, gen. ed. Frank E. Gaebelin, 12 vols. (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1986), 6:930. For a discussion of five views of this battle, see Ralph H. Alexander, “A Fresh Look at Ezekiel 38 and 39,” *Journal of the Evangelical Theological Society*, 17 (Summer 1974), 162–165.
34. One of Benjamin’s sons is named “Rosh” (Gen. 46:21), but no one identifies him with Russia. Russia was not settled by Jews from the tribe of Benjamin. The tribe of Benjamin settled in the most southern part of Israel with Judah.
35. Hitchcock, *After the Empire*, 30.

36. John B. Taylor, *Ezekiel: An Introduction and Commentary* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, [1969] 1978), 243.

37. Taylor, *Ezekiel*, 243, note 1.

38. Daniel I. Block, *The Book of Ezekiel: Chapters 25–48* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998), 432. This would counter arguments made by Thomas Ice in his “Ezekiel 38 & 39 (Part 4),” Pre-Trib Research Center: <http://tinyurl.com/52nz8t>.

39. Friedrich Heinrich Wilhelm Gesenius, *Thesaurus Linguae Hebraeae et Chaldaeae Veteris Testamenti* (Lipsiae: Sumtibus Typisque, Fr. Chr., Guil. Vogelii, 1829–1858), 3:1253. This multi-volume work was completed after the death of Gesenius by Ernst Roediger. Billington writes that Gesenius’ extended discussion of rosh “does not appear in any of the English versions of Gesenius’ Lexicon.” (“The Rosh People in History and Prophecy: [Part 1]: A History of the Translation of the Hebrew Word Rosh as Found in Ezekiel 38–39,” *Michigan Theological Journal*, 3.1 [1992], 62). Gesenius’ Lexicon, as well as that of Brown-Driver-Briggs, is now “outdated by great advances in linguistic study and the discovery of many ancient documents both in Hebrew and related Northwest Semitic languages.” (Ernst Würthwein, *The Text of the Old Testament*, trans. Erroll F. Rhodes, 2nd rev. ed. [Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1995], 127). A more comprehensive discussion of Gesenius’ views will be dealt with in chapter 6: “Rosh Among the Commentators.”

40. Block, *Ezekiel*, 2:435

41. E. A. Speiser, “Background and Function to the Biblical nāšî’,” *CBQ* 25 (1963), 113. Quoted in Block, *Ezekiel*, 2:435, note 46.

42. Walther Zimmerli, *Ezekiel 2: A Commentary on the Book of the Prophet Ezekiel—Chapters 25–48*, trans. James D. Martin (Philadelphia: Fortress Press, 1983), 305.

43. Block, *Ezekiel*, 2:434.

44. Block, *Ezekiel*, 2:435, note 46. “Son of man, set your face against Pharaoh king of Egypt and prophesy against him and against all Egypt. Speak and say, ‘Thus says the Lord God, “Behold, I am against you, Pharaoh king of Egypt, the great monster that lies in the midst of his rivers, that has said, ‘My Nile is mine, and I myself have made it.’ I will put hooks in your jaws and make the fish of your rivers cling to your

scales. And I will bring you up out of the midst of your rivers, and all the fish of your rivers will cling to your scales”” (Ezek. 29:2–3).

45. James D. Price, “Rosh: An Ancient Land Known to Ezekiel,” *Grace Theological Journal* (1985) 88: <http://tinyurl.com/4fznts>

Capítulo 4

1. T.R., “Commentary on Ezekiel’s Prophecy of Gog and Magog,” *The Gentleman’s Magazine* (October 1816), 307.

2. “The text clarifies that Gog comes from ‘the remote parts of the north’ (38:6, 15), and in 39:2 the NASB specifies ‘the remotest parts of the north.’ An examination of the Hebrew text, however, will reveal that these three phrases are essentially the same (there is no need for the differentiation of the adjectives ‘remote’ and ‘remotest’). The NIV consistently translates the phrase in all three verses as the ‘far north.” (J. Paul Tanner, “Rethinking Ezekiel’s Invasion of Gog,” *Journal of the Evangelical Theological Society* 39:1 [March 1996], 33).

3. Arno Clemens Gaebelein, *The Conflict of the Ages: The Mystery of Lawlessness: Its Origin, Historic Development and Coming Defeat* (New York: Publication Office “Our Hope,” 1933). John Cumming promoted the Russia theory in his book *Destiny of Nations* (London, Hurst and Blackette, 1864).

4. Sverre Bøe, *Gog and Magog: Ezekiel 38–39 As Pre-Text for Revelation 19, 17–21 and 20, 7–10* (Wissunt Zum Neun Testament Ser. II, 135) (Tübingen, Germany: Mohr Siebeck, 2001), 384.

5. Charles H. Dyer, *What’s Next? God, Israel and the Future of Iraq* (Chicago: Moody Publishers, 2004), chap. 6. To his credit, Dyer translates rosh as “chief” and goes on to comment that “Ezekiel used the name as an adjective to describe this leader. He will be the ‘head prince’ of those other countries.” (*World News and Bible Prophecy* [Carol Stream, IL: Tyndale House Publishers, 1993], 109–110, 111).

6. Charles H. Dyer, “Jeremiah,” *The Bible Knowledge Commentary: Old Testament*, eds. John F. Walvoord and Roy B. Zuck (Wheaton, IL: Victor Books, 1985), 1139.

7. “They will come from the remote parts of the then-known earth.” (Charles L. Feinberg, “Jeremiah,” *The Expositor’s Bible Commentary*, gen. ed., Frank E. Gaebelin, 12 vols. [Grand Rapids, MI: Zondervan, 1986], 6:425).
8. Timothy J. Daily, *The Gathering Storm* (Tarrytown, NY: Fleming H. Revell, 1992), 166.
9. *The Moody Atlas of Bible Lands* (Chicago, IL: Moody Press, 1985), 5.
10. Tanner, “Rethinking Ezekiel’s Invasion of Gog.” 35.
11. Wilbur M. Smith, *World Crisis and the Prophetic Scriptures* (Chicago: Moody Press, 1951), 242.
12. Fred G. Zaspel, “The Nations of Ezekiel 38–39: Who Will Participate in the Battle?” (1985): <http://tinyurl.com/6ljqhe>.
13. Joel Rosenberg, “The ‘War of Gog and Magog’: Understanding Ezekiel 38–39” (May 5, 2005): <http://tinyurl.com/544s66>.
14. Joel C. Rosenberg, *Epicenter: Why the Current Rumbblings in the Middle East Will Change Your Future* (Carol Stream, IL: Tyndale House, 2006), 128.
15. Rosenberg, *Epicenter*, 131.
16. Rosenberg, *Epicenter*, 82.
17. Ed Hindson, “Is War with Iran Inevitable?,” *National Liberty Journal* (March 2007), 9. Also see Tim LaHaye and Ed Hindson, *Global Warning: Are We on the Brink of World War III?* (Eugene, OR: Harvest House, 2007), 127.
18. John F. Walvoord with Mark Hitchcock, *Armageddon, Oil and Terror*, 3rd rev. ed. (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2007), 89.
19. Walvoord, *Armageddon, Oil and Terror*, 89.
20. J. A. Thompson, *Deuteronomy*, Tyndale Old Testament Commentary Series (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1974), 108.
21. Peter C. Craigie, *The Book of Deuteronomy*, NICOT (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1976), 141.

22. Thomas Ice, “Are We Living in the Biblical ‘Last Days?’,” *National Liberty Journal* (September 2006), 4.

23. Rosenberg, *Epicenter*, 252.

24. The Hebrew word *acharyth* used in Ezekiel 38:16 is paralleled with Daniel 10:14 where it is applied to “the age of Antiochus Epiphanes” in the fourth-century B.C. See Francis Brown, S. R. Driver, and Charles A. Briggs, *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*, 2nd ed. (New York: Oxford University Press, 1952), 31.

Capítulo 5

1. An unsupported tradition argues that “Ptolemy’s librarian requested the high priest of the temple in Jerusalem to send translators with the Hebrew Torah scrolls to Alexandria. The high priest sent six men from each of the twelve tribes of Israel, that is, seventy-two translators.” (Karen H. Jobes, “Excerpts from Invitation to the Septuagint”: <http://tinyurl.com/3wrtn3>). There is no way to substantiate this claim. If this is true, however, it would show that the twelve tribes of Israel were united after the exile and prior to the time of Christ.

2. Karen Jobes and Moises Silva, *Invitation to the Septuagint* (Grand Rapids, MI: Baker Academic/Paternoster Press, 2000), 29–37.

3. The Greek uppercase P and lowercase ϱ look like the English “P” and “p,” but they are the Greek letter rho and correspond to our “R” and “r.” The Greek letter ω, while it looks like our “w,” carries a long ō sound. The Greek ς is only used as the final letter in a word and is translated as “s.”

4. Norman L. Geisler and William E. Nix, *A General Introduction to the Bible*, rev. ex. ed. (Chicago, IL: Moody Press, 1986), 504.

5. Daniel I. Block, *The Book of Ezekiel: Chapters 25–48* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998), 478, note 87.

6. Clyde E. Billington, “The Rosh People in History and Prophecy (Part One): A History of the Translation of the Hebrew Word Rosh as Found in Ezekiel 38–39,” *Michigan Theological Journal*, 3.1 (1992), 59, note 59.

7. The Tyndale Bible (1534) uses “Easter” to translate pascha in 24 places in the New Testament. The reasons why the KJV translators chose “Easter” is not sinister. They saw this particular Passover as something different from the Jewish celebration. Even so, it’s always best to translate than interpret.
8. The New American Standard Version has a note on Ezekiel 38:2–3 and 39:1 that reads “Or ‘chief prince of Meshech.’”
9. Ron Rhodes, *Northern Storm Rising: Russia, Iran, and the Emerging End-Times Military Coalition Against Israel* (Eugene, OR: Harvest House, 2008), 105.
10. J. Lust, “Gog,” *Dictionary of Deities and Demons in the Bible*, eds. Karel Van Der Toorn, Bob Becking, and Pieter W. Van Der Horst, 2nd rev. ed. (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1995), 375.
11. Eusebius, *Demonstratio Evangelica* or *Evangelical Demonstration*, trans. W. J. Ferrar, 2 vols. in 1 (Grand Rapids, MI: Baker, [1920] 1981), Book 9, chap. 3.6 (2:157): <http://tinyurl.com/4tmltc>. This work also goes by the title *The Proof of the Gospel*.
12. “[Rosh] chief, i.e., a person or national entity who rules and governs as a figurative extension of the head as a crucial body part (Ex 18:25).” (James Swanson, *Dictionary of Biblical Languages With Semantic Domains: Hebrew [Old Testament]*. Electronic ed. [Oak Harbor, WA: Logos Research Systems, Inc., 1997], 8031, #4).
13. Wilhelm Gesenius, *Hebrew and Chaldee Lexicon*, trans. Samuel P. Tregelles (Grand Rapids, MI: Eerdmans [1857] 1949), 752.
14. Joel Rosenberg comments: “What is interesting to me about [the assessment by Gesenius that rosh is modern-day Russia] is that it was written in 1846, long before the Communist revolution or the subsequent rise of the Soviet Union as a nuclear superpower. In this case, Gesenius was not using a political or economic lens to reach his conclusions. He was using only the third lens of Scripture, and the evidence pointed him to Russia more than 160 years ago.” (Epicenter: *Why the Current Rumlblings in the Middle East will Change Your Future* [Carol Stream, IL: Tyndale, 2006], 86) Contrary to Rosenberg, Russia was a military threat in the nineteenth century. Rosenberg’s claim that Gesenius used “only the third lens of Scripture” to come to his conclusions is false. He relied on secular historical sources and does not make a cogent biblical argument. In fact, the only Bible references for

the rosh entry in his lexicon are the passages that he is dealing with (Ezek. 38:2–3; 39:1; Gen. 46:21).

15. G. R. Beasley-Murray, “Ezekiel,” *The New Bible Commentary*, 3rd rev. ed. (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1970), 682.

16. James D. Price, “Rosh: An Ancient People Known to Ezekiel,” *Grace Theological Journal*, 6.1 (1985), 69–70.

17. Price makes a point that he and those who use his arguments to support the rosh=Russia connection do not consider: “The word that means ‘head’ as a noun and ‘chief’ as an adjective is common to most of the Semitic languages, but its pronunciation varies.” (“Rosh: An Ancient People Known to Ezekiel,” 69). Why is this important? There might be a very good reason why certain tribes used rosh-like names since the word means “chief,” “head,” and “leader.” They thought of themselves as the dominate tribe in their geographical area.

18. Iain M. Duguid, *Ezekiel: The NIV Application Commentary* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1999), 452. “‘And I will turn thee back.’ It was amusing to note how many English ‘students of prophecy’ availed themselves of this sentence to modify their previous predictions about Russia, when, after the opening battles of the Crimean war, the great northern power appeared, contrary to their original expectations, likely to be worsted in its struggle with the allied forces of Turkey, England, and France. These world-be expositors then turned back to their ‘prophetical studies,’ and endeavoured to twist the sentence of Ezekiel into a prophecy of the defeat of Russia at the first onset, though they held fast to their notion that the prophet spoke of a great victory to be achieved by Gog in a second campaign.” (Charles Henry Hamilton Wright, *Biblical Essays; or, Exegetical Studies on the Books of Job and Jonah, Ezekiel’s Prophecy of Gog and Magog*, St. Peter’s “Spirits in Prison,” and the Key to the Apocalypse [Edinburgh: T. & T. Clark, 1886], 117).

19. Dwight Wilson, *Armageddon Now!: The Premillenarian Response to Russia and Israel Since 1917* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1977), 152.

20. Heinrich Friedrich Wilhelm Gesenius, *Thesaurus Linguae Hebraeae et Chaldaeae Veteris Testament* (Lipsiae: Sumtibus Typisque, Fr. Chr., Guil. Vogelii, 1829–1858), 3:1253.

21. Billington, “The Rosh People in History and Prophecy (Part One),” 62.

22. Wright, *Biblical Essays*, 105–106.
23. Paul Boyer, *When Time Shall Be No More: Prophecy Belief in Modern American Culture* (Cambridge, MA: The Belknap Press of Harvard University Press, 1992), 154.
24. Boyer, *When Time Shall Be No More*, 155.
25. John Cumming, *The End: or, The Proximate Signs of the Close of This Dispensation* (Boston: John P. Jewett and Co., 1855), 66.
26. Cumming, *The End*, 203.
27. Cumming, *The End*, 210, 212.
28. F. E. Pitts, *The U.S.A. in Prophecy* (Baltimore: J. W. Bull, 1864).
29. F. E. Pitts, “The United States Of America Foretold In The Holy Scriptures and The Battle Of Armageddon,” preached before the United States Congress on February 22 and 23, 1857: <http://tinyurl.com/53nvad>
30. Duguid, *Ezekiel*, 452. Also see the views of Donald Gray Barnhouse that appeared in *Eternity* magazine and were republished in Lehman Strauss, *The End of This Present World* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1967), 77–79.
31. Arno C. Gaebelein, *The Prophet Ezekiel*, 2nd ed. (Neptune, NJ: Loizeaux Brothers, [1918] 1972), 258–259.
32. William Lowth, “A Commentary Upon the Prophet Ezekiel,” *A Critical Commentary and Paraphrase on the Old and New Testament and the Apocrypha*, ed. J. R. Pitman, 6 vols. (London: J. F. Dove, 1822), 4:66.
33. Josephus, *Antiquities of the Jews*, Book 1, chap. 6: <http://tinyurl.com/3srf48>
34. Sverre Bøe, *Gog and Magog: Ezekiel 38–39 As Pre-Text for Revelation 19, 17–21 and 20, 7–10* (Wissunt Zum Neun Testament Ser. II, 135) (Tübingen, Germany: Mohr Siebeck, 2001), 186. Also see page 222.
35. Edwin M. Yamauchi, *Foes of the Northern Frontier: Invading Hordes from the Russian Steppes* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1982), 101.

36. Yamauchi, *Foes of the Northern Frontier*, 91.
37. Alfred J. Hoerth, *Archeology and the Old Testament* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 1998), 358.
38. Thomas Ice, “Ezekiel 38 and 39: Part III”: <http://tinyurl.com/3k8q7l>
39. Carl Friedrich Keil, *Biblical Commentary on the Prophecies of Ezekiel*, trans. James Martin, 2 vols. (Grand Rapids, MI: Eerdmans, [1861], 1950), 2:159.
40. Walther Zimmerli, *Ezekiel 2: A Commentary on the Book of the Prophet Ezekiel—Chapters 25–48*, trans. James D. Martin (Philadelphia: Fortress Press, 1983), 284.
41. Keil, *Biblical Commentary on the Prophecies of Ezekiel*, 2:171.
42. See Chapter 3 on the identification of Haman as Gog.
43. E. W. Hengstenberg, *The Prophecies of the Prophet Ezekiel Elucidated* (Minneapolis, MN: James Publications, [1869] 1976), 333.
44. John Glynn, *Commentary and Reference Survey: A Comprehensive Guide to Biblical and Theological Resources*, 9th ed. (Grand Rapids, MI: Kregel, 2003), 87, note 15.
45. “[A]ny connexion between the name [rosh] and Russian is to be rejected.” (A. B. Davidson *The Book of the Prophet Ezekiel* [Cambridge: The Cambridge University Press, 1892], 275); “The word for head is misunderstood as a proper name, [Ros], leading to a bizarre identification by the misinformed with Russia!” (J. W. Wevers, *Ezekiel*, *New Century Bible* [London: Thomas Nelson, 1969], 202); “Certainly Rosh ‘Chief;’ is to be connected with ‘Prince’ and is not to be interpreted as a geographical indication.” (Walther Zimmerli, *Ezekiel 2: A Commentary on the Book of the Prophet Ezekiel Chapters 25–48* [Philadelphia: Fortress Press, 1969], 305); “There have been many writers who connected the name Rosh with the Russians, but this is not generally accepted today.” (Charles Feinberg, *The Prophecy of Ezekiel: The Glory of the Lord* [Chicago: Moody Press, 1969], 220); “Quite apart from the many who have always refused to identify Rosh with Russia, there is a strong tendency among moderns, e.g. RSV, Knox, Bertholet, ICC, to return to the old Hebrew Massoretic tradition and to translate with AV and RV mg. ‘chief prince.’” (H. L. Ellison, *Ezekiel: The Man and His Message* [Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1956], 134).

46. Joel C. Rosenberg, *Epicenter: Why the Current Rumbblings in the Middle East will Change Your Future*, rev. ed. (Carol Stream, IL: Tyndale, 2008), 364, note 8.
47. Charles C. Ryrie, ed., *The Ryrie Study Bible* (Chicago, IL: Moody Press, 1978), 1285.
48. John F. Walvoord, *The Prophecy Knowledge Handbook: All the Prophecies of Scripture Explained in One Volume* (Wheaton, IL: Victor Books, 1990), 190.
49. John F. Walvoord, *Major Bible Prophecies: 37 Crucial Prophecies that Affect You Today* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1991), chap. 28.
50. Here's how one dispensational writer tries to apply the Tarshish theory to our day: "So the young lions of Tarshish would definitely refer to the North American colonies as well as the European colonies, and hence bring the U.S. into this prophecy as one of the nations that will strongly protest the Russian invasion of Israel in the last days." (David Allen Lewis, *Prophecy 2000* [Green Forest, AR: New Leaf Press, 1990], 103).
51. Kelly Sensenig, "America in Bible Prophecy": <http://tinyurl.com/3s5bm4>
52. David Jeremiah, *What in the World is Going On?: 10 prophetic Clues You Cannot Afford to Ignore* (Nashville, TN: Thomas Nelson, 2008), 172.

Capítulo 6

1. Tim LaHaye, "The Coming Wave," in Ed Hindson and Lee Fredrickson, *Future Wave: End Times, Prophecy, and the Technological Explosion* (Eugene, OR: Harvest House Publishers, 2001), 7–8.
2. Hindson and Lee Fredrickson, *Future Wave*, 214–215.
3. Henry Adams, the great-grandson of John Adams, wrote the following about the United States as it was in 1800: "Even after two centuries of struggle the land was still untamed; forest covered every portion, except here and there a strip of cultivated soil; the minerals lay undisturbed in their rocky beds, and more than two-thirds of the people clung to the seaboard within fifty miles of tidewater, where alone the wants of civilized life could be supplied. The center of population rested within eighteen miles of Baltimore, north and east of Washington. Except in

political arrangement, the interior was little more civilized than in 1750, and was not much easier to penetrate than when La Salle and Hennepin found their way to the Mississippi more than a century before.” (Henry Adams, *History of the United States During the Administrations of Thomas Jefferson* [New York: The Library of America, (1889–1891) 1986], 5).

4. Tim LaHaye and Jerry Jenkins, *Are We Living in the End Times?: Current Events Foretold in Scripture ...And What They Mean* (Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 1999).

5. Tim LaHaye and Jerry Jenkins, *Left Behind: A Novel of the Earth’s Last Days* (Wheaton, IL: Tyndale, 1995), 10.

6. LaHaye and Jenkins, *Left Behind*, 14.

7. Chuck Missler, *Prophecy 20/20: Profiling the Future Through the Lens of Scripture*

(Nashville, TN: Thomas Nelson, 2006), 165.

8. Missler, *Prophecy 20/20*, 165.

9. Missler, *Prophecy 20/20*, 60.

10. Grant R. Jeffrey, “Russia’s Day of Destruction in Israel”: <http://tinyurl.com/3syxh4>. From his book *Armageddon: Appointment with Destiny*.

11. David Jeremiah, *What in the World is Going On?: 10 prophetic Clues You Cannot Afford to Ignore* (Nashville, TN: Thomas Nelson, 2008), 182–183.

12. Louis S. Bauman, *Russian Events in the Light of Bible Prophecy* (New York: Fleming H. Revell, 1942), 99–104; Louis S. Bauman, *Light From Bible Prophecy: As Related to the Present Crisis* (New York: Fleming H. Revell, 1950), 35); M.R. DeHaan, *Signs of the Times and Other Prophetic Messages* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1951), 88–90.

13. William L. Hull, *Israel—Key to Prophecy* (Grand Rapids: Zondervan, 1964), 36. “Other nations may put their trust in gasoline for mobile purposes if they wish

to do so. But the wily old northern bear scents the possibility of bombs breaking up the oil fields of the earth to such an extent that the great gas-propelled war machines will be stalled in their tracks—out of gas!” (Louis S. Bauman, “The Russian Bear Prowls Forth to His Doom,” *The King’s Business*, XLI [September 1950], 11). In the 1950s, Russia was said to possess 70 percent of the world’s horseflesh! (Merv Resell, “God Pre-Writes the Headlines,” *The King’s Business*, XLIX [July 1958], 3). Quoted in Dwight Wilson, *Armageddon Now! The Premillenarian Response to Russia and Israel Since 1917* (Tyler, TX: Institute for Christian Economics, 1991), 183.

14. I don’t see how this type of horse will help in the arid climate of the Middle East.

15. Theodore H. Epp, *Russia’s Doom Prophesied in Ezekiel 38 and 39* (Lincoln, NE: Back to the Bible Publishers, 1956), 29. Epp is one of the “scholars” that David Jeremiah cites in his book *What in the World is Going On?* (172).

16. “World horse population estimated at 58 million” (September 12, 2007): <http://tinyurl.com/5xeekx>

17. Hal Lindsey, *There’s a New World Coming: “A Prophetic Odyssey”* (Santa Ana, CA: Vision House Publishers, 1973), 140. The same quotation appears in the 1975 Bantam edition on page 125.

18. I doubt that after “one-fourth of the world population” has been “destroyed by the judgments described in Revelation 6:8,” which includes “poisoning of freshwater sources,” as Lindsey explains it (*There’s a New World Coming*, 124–125), that China is going to put together 200 million horse soldiers and travel thousands of miles to Israel over nearly impassable terrain. Keep in mind that Revelation is a book of “symbols.” John is told “‘to show’ ... the message being ‘signified’ ... by His angel (Rev. 1:1, NKJV).” (Kenneth L. Gentry, Jr., *The Book of Revelation Made Easy: You Can Understand Bible Prophecy* [Powder Springs, GA: American Vision, 2008], 21). John “sees” a series of real images (e.g., lampstands, beasts, dragons, a giant woman, sun, moon, stars) mostly written against the backdrop of the Old Testament and notes that they symbolize some theological truth for his time (Rev. 1:1, 3; 22:10). See Mark Wilson, *Charts on the Book of Revelation: Literary, Historical, and Theological Perspectives* (Grand

rapids, MI: Kregel, 2007) on the varieties of symbols, figures of speech, numbers, etc. in Revelation.

19. Jon Mark Ruthven, *The Prophecy that is Shaping History: New Research on Ezekiel's Vision of the End* (Fairfax, VA: Xulon Press, 2003), 3

20. Mark Hitchcock, *Iran: The Coming Crisis—Radical Islam, Oil, and the Nuclear Threat* (Sisters, OR: Multnomah, 2006), 186, 187.

21. Mark Hitchcock and Thomas Ice, *The Truth Behind Left Behind: A Biblical View of the End Times* (Sisters, OR: Multnomah Press, 2004), 47.

22. Hitchcock and Ice, *The Truth Behind Left Behind*, 47.

23. C. Marvin Pate and J. Daniel Hays, *Iraq—Babylon of the End Times?* (Grand Rapids, MI: Baker, 2003), 75. What Hitchcock and Ice do not tell their readers is that Pate and Hays do not interpret the weapons literally. At least they're consistent.

24. Hitchcock and Ice, *The Truth Behind Left Behind*, 17.

25. Rob Linsted, *The Next Move: Current Events in Bible Prophecy* (Wichita, KS: Bible Truth, n.d.), 41.

26. Harry Rimmer, *The Coming War and the Rise of Russia* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1940), 48–51.

27. David L. Cooper, *When Gog's Armies Meet the Almighty in the Land of Israel: An Exposition of Ezekiel Thirty-Eight and Thirty-Nine*, 3rd ed. (Los Angeles, CA: Biblical Research Society, [1940] 1958), 106.

28. Cooper, *When Gog's Armies Meet the Almighty in the Land of Israel*, 104.

29. Christians writing less than 100 years after the destruction of Jerusalem and the dismantling of the temple understood that Isaiah 2 was looking forward to the ministry of the gospel in the world among the nations. Jesus was the fulfillment of Isaiah's prophetic words when He said, "Come to Me" (Matt. 11:28). Consider the brief commentary by Justin the Martyr (c. 100–165): And when the Spirit of prophecy speaks as predicting things that are to come to pass, He speaks in this way: "For the law will go forth from Zion, and the word of the Lord from Jerusalem.

And He will judge between the nations, and will render decisions for many peoples; and they will hammer their swords into plowshares, and their spears into pruning hooks. Nation will not lift up sword against nation, and never will they learn war” [Isa. 2:3–4]. And that it did so come to pass, we can convince you. For from Jerusalem there went out into the world, men, twelve in number, and these illiterate, of no ability in speaking; but by the power of God they proclaimed to every race of men that they were sent by Christ to teach to all the word of God; and we who formerly used to murder one another do not only now refrain from making war upon our enemies, but also, that we might not lie or deceive our examiners, willingly die confessing Christ. (Justin Martyr, “The First Apology of Justin,” Chapter XXXIX: Direct Predictions by the Spirit, Ante-Nicene Fathers, 1:175–76). Irenaeus (c. 130–200), another second-century Christian writer, taught that Isaiah 2 was fulfilled at the time of “the Lord’s advent,” that is, the first coming of Jesus. You will notice that he believed that the message of “the new covenant” had a worldwide impact before Jerusalem’s fall: If any one, however, advocating the cause of the Jews, does maintain that this new covenant consisted in the rearing of that temple which was built under Zerubbabel after the emigration to Babylon, and in the departure of the people from thence after the lapse of seventy years, let him know that the temple constructed of stones was indeed then rebuilt (for as yet that law was observed which had been made upon tables of stone), yet no new covenant was given, but they used the Mosaic law until the coming of the Lord; but from the Lord’s advent, the new covenant which brings back peace, and the law which gives life, has gone forth over the whole earth, as the prophets said: “For out of Zion shall go forth the law, and the word of the Lord from Jerusalem; and He shall rebuke many people; and they shall break down their swords into ploughshares, and their spears into pruning-hooks, and they shall no longer learn to fight.” (Irenaeus, “Proof Against the Marcionites, that the Prophets Referred in All Their Predictions to Our Christ,” Against Heresies,” in Ante-Nicene Fathers, Book IV, Chapter 34,). Tertullian (160–225) makes a similar application when he argues that it is “among us, who have been called out of the nations,—and they shall join to beat their glaives into ploughs, and their lances into sickles; and nations shall not take up glaive against nation, and they shall no more learn to fight.’ Who else, therefore, are understood but we, who, fully taught by the new law, observe these practices,— the old law being obliterated, the coming of whose abolition the action itself demonstrates?” (Tertullian, “Of Circumcision and the Supercession of the Old Law,” An Answer to the Jews, Chapter III).

30. Tim LaHaye, *The Truth Behind Left Behind*, 9.
31. John F. Walvoord, *The Nations in Prophecy* (Grand Rapids: Zondervan, 1967), 115.
32. Walvoord, *The Nations in Prophecy*, 115–116.
33. Walvoord, *The Nations in Prophecy*, 116
34. Walvoord, *The Nations in Prophecy*, 116.
35. Randall Price, *Unpublished Notes on The Prophecies of Ezekiel*, (2007), p. 42.
36. UFOlogists have used Ezekiel to support their claim that earth was once visited by beings from outer space because the language of chapter one seems technologically futuristic. For example, Josef F. Blumrich writes in his *The Spaceships of Ezekiel* that “Ezekiel begins his book with the description of the final phase of a spaceship’s descent from a circular orbit to the earth and its subsequent landing.” (New York: Bantam, 1974, 2). He spends much of his book explaining how Ezekiel used the best means possible to describe what was to him and his audience indescribable. Of course, I am not defending Blumrich’s spaceship interpretation. I am using it to point out that there was language available to Ezekiel to describe concepts beyond the everyday experiences of his present audience.

Capítulo 7

1. Gary DeMar, *End Times Fiction: A Biblical Consideration of the Left Behind Theology* (Nashville, TN: Thomas Nelson, 2001), 12–15. The second edition is titled *Left Behind: Separating Fact from Fiction* (Powder Springs, GA: American Vision, 2009).
2. William Greenhill, *Ezekiel* (Carlisle, PA: Banner of Truth Trust, [1645–1667] 1994).
3. Iain M. Duguid, *Ezekiel: The NIV Application Commentary* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1999), 452.
4. Note the list of 20 named mountains in Israel and the topographical map at the end of the list: <http://tinyurl.com/4yld2c>

5. Quoted in Chris Mitchell, “The Mountains of Israel,” CBN News: <http://tinyurl.com/4q62wf>
6. <http://tinyurl.com/4lyg83>
7. <http://tinyurl.com/3vgeqr>
8. Charles Lee. Feinberg, *The Prophecy of Ezekiel: The Glory of the Lord* (Chicago: Moody Press, 1969), 206. Also see Norman Habel, “The Silence of the Lands: The Ecojustice Implications,” *Ezekiel’s Hierarchical World: Wrestling with a Tiered Reality*, eds. Stephen L. Cook and Corrine L. Patton (Leiden, The Netherlands: Brill, 2004), 135–136.
9. A metonymy (lit, “change of name”) is when one word is used in place of another to show some relationship between the things signified. See Walter C. Kaiser and Moisés Silva, *An Introduction to Hermeneutics: The Search for Meaning* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1994), 96–97.
10. Haman is an Agagite (Esther 3:1, 10), a descendant of the Amalekite king Agag who was captured by Saul and hacked to pieces by Samuel (1 Sam. 15). Gog and Magog, the people of Gog, may be symbolic names for Israel’s long-time enemy, the Amalekites (1 Sam. 15:18). In Ezekiel 39:11, Gog is said to be buried in a place called “Hamon-gog.” Is Esther’s Haman (the Agagite) Ezekiel’s Hamon-Gog”? See James B. Jordan, *Esther in the Midst of Covenant History* (Niceville, FL: Biblical Horizons, 1995), 7–9.
11. There is some debate whether “east of the sea” refers to the Mediterranean Sea or the Dead Sea. Those who travel north and south along Israel’s coast are always “east of the sea.” Why mention east? Why not just say “the sea”? The Dead Sea has an east and west shoreline.
12. James B. Jordan, “The Meaning of the Mount of Olives,” *Biblical Horizons Newsletter*, 84 (April 1996): <http://tinyurl.com/4s7zl7>
13. Mark Hitchcock, *After the Empire: Bible Prophecy in Light of the Fall of the Soviet Union* (Wheaton, IL: Tyndale, 1999), 17.
14. Andrew W. Blackwood, Jr., *Ezekiel: Prophecy of Hope* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1965), 228.

15. Kenneth A. Kitchen, *On the Reliability of the Old Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2003), 252. Emphasis in original.
16. Yohanan Ahoroni and Michael AviYonah, *The Macmillan Bible Atlas*, rev. ed. (New York: Macmillan, 1977), 168. The historian Herodotus (480–429 B.C.) says Darius “established 20 governments of the kind which the Persians call Satrapies, assigning to each its governor, and fixing the tribute which was to be paid him by the several nations” (*Histories* iii:89). Then he proceeds to enumerate a long list embracing nearly all the nations of the East—Asia Minor, Phoenicia Syria, Cyprus, Egypt, Libya, Cyrene, Susa, Babylon, Assyria, Media, Armenia, Parthia—these are all enumerated, with the amount of the tribute paid by each nation (*Histories* iii: 90–94).
17. Edwin Yamauchi, *Foes From the Northern Frontier: Invading Hordes from the Russian Steppes* (Grand Rapids, MI: Baker, 1982), 22, 24.
18. Ron Rhodes, *Northern Storm Rising: Russia, Iran, and the Emerging End-Times Military Coalition Against Israel* (Eugene, OR: Harvest House, 2008), 14, note.
19. Francis Brown, S. R. Driver, and Charles Briggs, eds., *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament* (Oxford University Press, [1907] 1976), 31. Emphasis added.
20. See Herbert G. May, ed., *Oxford Bible Atlas*, 2nd ed. (London: Oxford University Press, 1974), 78–79.
21. Mark Hitchcock, “The Battle of Gog and Magog”: <http://tinyurl.com/3jtgxz>
22. John C. Whitcomb, “Esther,” *The Wycliffe Bible Commentary*, eds. Charles F. Pfeiffer and Everett F. Harrison (Chicago: Moody Press, 1962), 447.
23. John C. Whitcomb, *Esther: Triumph of God’s Sovereignty* (Chicago: Moody Press, 1979), 22.

Conclusão

1. The Gog and Magog End-Time Alliance - Israel, Russia, and Syria in Bible Prophecy – pg. 195. Gary DeMar. The American Vision, Inc. 3150 Florence Road Powder Springs, Georgia 30127-5385 - www.AmericanVision.org

2. “Famous Pastor Just Responded To Syrian Chaos With Chilling 6 Word Message Everyone Needs To See” (November 25, 2015): <http://goo.gl/knZvBL>
3. *Idem* n° 1, pg. 195.
4. Hal Lindsey with Carole C. Carlson, *The Terminal Generation* (New York: Bantam Books, 1977).
5. Hal Lindsey, *The 1980's: Countdown to Armageddon* (King of Prussia, PA: Westgate Press Inc., 1980).
6. Chuck Smith, *End Times* (Costa Mesa, CA: The Word for Today, 1978), 35. Israel becoming a nation again in 1948 supposedly started the prophetic clock ticking again. A generation was said to be 40 years. Since the church is supposed to be “raptured” before that 40-year generation passes away (Matt. 24:34), and the tribulation period is seven years in length, the “rapture” should have taken place seven years before the end of the 40-year generation, in 1981. Smith later changed the starting date from 1948 to 1967 when he saw 1981 come and go with no predicted “rapture.”
7. Matthew 24:32-33 doesn't say anything about Israel becoming a nation again. If Israel is the fig tree in Matthew 24:32, then Israel is the fig tree in Matthew 21:19 where Jesus says, “No longer shall there ever be any fruit from you.” Jesus was using a simple analogy: When you (His present audience) see leaves on a tree, you know spring is near. In a similar way, when you see these signs, you know it is near, right at the door. The parallel account in Luke describes it this way: “Behold the fig tree and all the trees; as soon as they put forth leaves, you see it and know for yourselves that summer is now near. So you also, when you see these things happening, recognize that the kingdom of God is near” (Luke 21:29-31).
8. I. Howard Marshall, *The Gospel of Luke: A Commentary on the Greek Text* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1978), 98. Also see G. Kittel and G. Friedrich, eds., *Theological Dictionary of the New Testament*, trans. G. W. Bromiley, 10 vols. (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1964–1976), 5:157, note 1.
9. *Idem* n° 1, pg. 198.
10. *Idem* n° 1, pg. 198.
11. *Idem* n° 1, pg. 198.

11. Chuck Smith, *Future Survival* (Costa Mesa, CA: The Word for Today, [1978] 1980), 17, 20-21.

Obras importantes para pesquisa



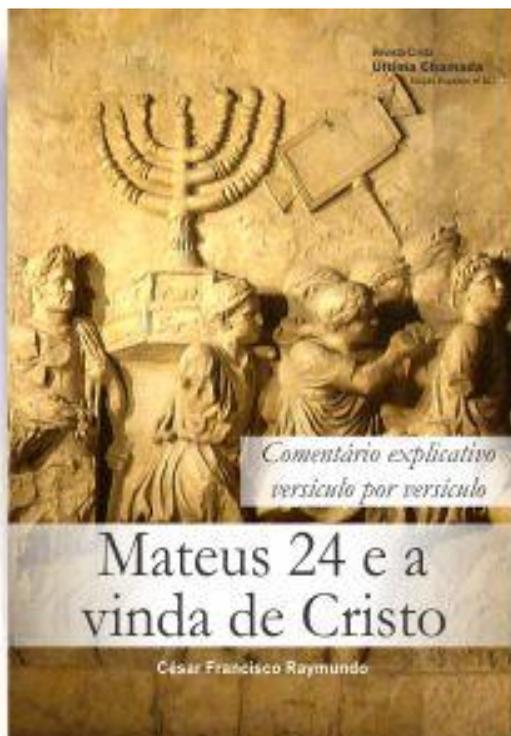
Imagine um guia simples, prático e objetivo sobre o qual um leigo possa ser iniciado no Preterismo? Esta é a proposta do e-book "Guia para iniciantes do Preterismo" escrito por Gary DeMar.

Neste e-book, o leitor encontrará um texto altamente elucidativo, notas explicativas, ilustrações e um entendimento geral sobre o que é a profecia bíblica e o Apocalipse. Também possui uma lista de grandes obras para consulta para aprofundamento no Preterismo.

Este e-book é altamente recomendado e é leitura obrigatória para aqueles que desejam iniciar seus conhecimentos para entender o Preterismo.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_guia_para-iniciantes_do-preterismo.html



.A maioria de todo o discurso atual sobre o fim do mundo e a vinda de Cristo é retirado de Mateus capítulo 24. É neste capítulo que Cristo falou dos oito sinais de sua "vinda", tais como guerras, rumores de guerras, fomes, pestes, terremotos, evangelho sendo pregado em todas as nações e o amor se esfriando.

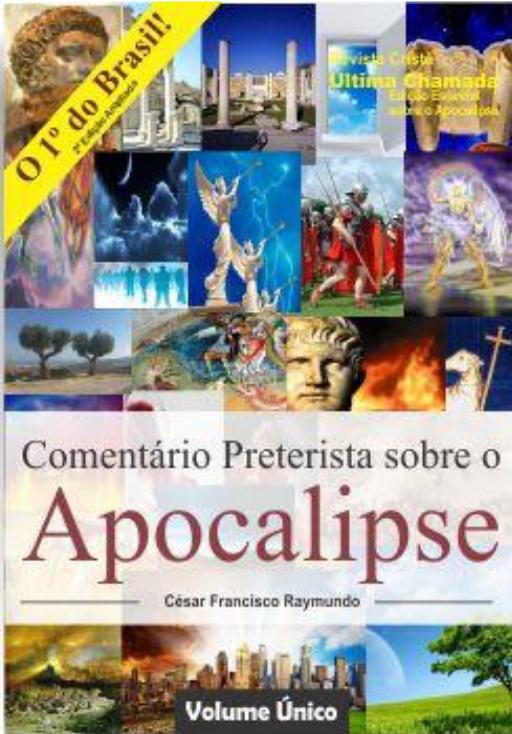
O problema é que nem sempre os cristãos acreditaram que Mateus 24 seja uma referência ao fim do mundo e a vinda de Cristo.

Pelo contrário, Mateus 24 fala não sobre o fim do mundo físico, mas sobre o fim da era judaica e a destruição do templo e Jerusalém e sobre a vinda de Jesus em julgamento contra Israel, eventos estes que ocorreram no ano 70 d.C. quando muitos discípulos ainda estavam vivos.

Nesse e-book o leitor terá um estudo detalhado e um comentário versículo por versículo sobre o que Jesus de fato ensinou em Mateus 24.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Revista023.html



É com satisfação que apresentamos o primeiro e mais completo Comentário Preterista sobre o Apocalipse nunca antes publicado no Brasil. Nunca antes na história do país tivemos um comentário completo sobre o Apocalipse do ponto de vista preterista. Nele são comentados todos os 404 versículos do Apocalipse.

Este comentário é composto de Introdução, Evidências Internas e Externas sobre a data do Apocalipse, além de que é comentado minuciosa, exegética, histórica e gramaticalmente cada capítulo do Apocalipse. São mais de 500 páginas com conteúdo espiritualmente enriquecedor.

É um fato inédito que pela primeira vez vamos ter uma literatura que combata o que erroneamente tem sido ensinado sobre o Apocalipse nos últimos dois séculos. Sem ficção, sem fantasia e com muita base firmada em Cristo é que preparamos essa obra.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Comentario_Preterista_sobre_o_Apocalipse_Volume_Unico.html

